

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Rannyson da Silva Moura

“Tentar reimaginar o mundo, talvez?": leituras, interações e produção de sentidos a partir de *Homens Pretos (Não) Choram*



Belo Horizonte  
2025

Rannyson da Silva Moura

**“Tentar reimaginar o mundo, talvez?”: leituras, interações e produção de sentidos a partir de *Homens Pretos (Não) Choram***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Linha de pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Laura Guimarães Corrêa

Belo Horizonte  
2025

301.16      Moura, Rannyson da Silva.  
M929t      “Tentar reimaginar o mundo, talvez?” [recurso  
2025      eletrônico] : leituras, interações e produção de sentidos a  
partir de Homens pretos (não) choram / Rannyson da Silva  
Moura. - 2025.  
1 recurso online (121 f. : il.): pdf  
Orientadora: Laura Guimarães Corrêa.  
  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia  
  
1. Comunicação – Teses. 2. Masculinidade – Teses.  
3. Negros – Teses. 4. Interseccionalidade (Sociologia) -  
Teses. 5. Volp, Stéfano, 1990- Homens pretos (não) choram.  
I. Corrêa, Laura Guimarães. II. Universidade Federal de  
Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

### FOLHA DE APROVAÇÃO

**"Tentar reimaginar o mundo, talvez?": leituras, interações e produção de sentidos a partir de Homens Pretos (Não) Choram."**

**RANNYSON MYKAEL DA SILVA MOURA**

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia trinta de janeiro de dois mil e vinte e cinco, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelas seguintes professoras:

Profª Laura Guimarães Corrêa - Orientadora  
DCS/FAFICH/UFMG

Profª Nealla Valentim Machado  
UFMT

Profª Lucianna Sousa Furtado Brito  
UFMG

Belo Horizonte, 30 de janeiro de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Laura Guimaraes Correa, Professora do Magistério Superior**, em 30/01/2025, às 16:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lucianna Sousa Furtado Brito, Usuária Externa**, em 30/01/2025, às 16:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nealla Valentim Machado, Usuário Externo**, em 30/01/2025, às 17:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3881714** e o código CRC **7A3EA3E6**.

*Ao meu pai, José Leal de Moura — Neto, como é  
mais conhecido — por me mostrar caminhos de  
carinho e liberdade.*

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas me alertaram sobre a rapidez do mestrado, que dois anos passam voando, mas só tive noção disso na prática. Saí do Rio Grande do Norte para fazer a pós-graduação em Minas Gerais, de forma meio repentina, mas que me rendeu diversos aprendizados e novos sonhos. A UFMG se tornou uma casa para mim, ainda que esquisita, exigindo adaptações, mas, ainda assim, uma casa. Passei horas e horas estudando nos laboratórios e comendo nos Restaurantes Universitários, vivendo a Universidade como podia. Aos trabalhadores dos laboratórios de informática 4008 e 2092, assim como a toda equipe do Restaurante Setorial I, meus mais sinceros agradecimentos. Sem esse tipo de acesso a minha permanência no mestrado seria afetada drasticamente.

Agradeço ao professor Pablo Moreno, meu orientador durante o primeiro ano de mestrado, que também esteve presente na minha banca de TCC e tanto me instigou, direta ou indiretamente, a me dedicar à pesquisa. À professora Laura Guimarães Corrêa, uma grande referência para mim, que assumiu a minha orientação no segundo ano de mestrado e caminhou junto comigo rumo à conclusão deste trabalho. Aos professores Ana Karina de Carvalho Oliveira e Carlos Alberto de Carvalho, que me aceitaram como estagiário docente, me dando dicas valiosas sobre a sala de aula e sobre a vida docente. Obrigado por entenderem a minha timidez e, mesmo assim, incentivarem a minha participação, a minha fala. À Nealla Valentim Machado pelas incríveis contribuições na qualificação e defesa da dissertação. À Tobias Arruda Queiroz, uma das minhas maiores referências pessoal e profissional, pela orientação do meu TCC na UERN, que mudou o meu jeito de olhar o mundo, e pela participação na minha banca de qualificação; espero que a gente continue se encontrando em eventos pelo Brasil. À Lucianna Furtado, tão simpática e solícita desde a minha primeira reunião junto ao Coragem, Grupo de Pesquisa em Comunicação, Raça e Gênero, que também aceitou integrar a banca de defesa desta dissertação.

Agradeço aos meus amigos potiguares pela presença, apesar da distância. Obrigado pela disponibilidade para sair comigo a cada vez que eu vou em Mossoró; por mostrarem que nada mudou. Adriele, a pessoa mais inteligente e dedicada que existe, que caminha ao meu lado há 10 anos; sem exagero, não gosto nem de imaginar como seria minha vida sem você. Aos amigos que fiz desde que me mudei para Belo Horizonte; o Mundinho Mestrado: Abraão, a primeira pessoa

dessa nova fase da minha vida com quem tive contato e até hoje segue aqui, pertinho; Amanda, com quem compartilhei surtos de disciplinas e eventos, mas *algumas* vitórias também; Mafê, que me inspira tanto na área acadêmica e muito - muito! - além dela; e Talita, minha ex-vizinha, parceira de cafezinhos e cujo encontro foi uma das experiências mais divinas que já tive; à Duda, minha *roomate* com quem compartilhei tantas conversas sobre a vida, divas pop e experiências acadêmicas. À Franklin, meu namorado, por me ajudar a desacelerar o pensamento e ficar mais tranquilo comigo mesmo; por todas as piadas, filmes, shows e receitas e compartilhados.

Ao meu pai, a quem dedico esta dissertação, um homem negro tão cuidadoso e carinhoso. Obrigado pelas mensagens de “bom dia” e “juízo” que se tornaram parte recorrente da nossa dinâmica. Não teria chegado aqui sem seu apoio aos meus sonhos.

Por fim, agradeço aos interlocutores deste trabalho: Augusto, Henrique, Lorenzo, Júlio, Daniela, Ana, Lucas, Daya e Kauã, pela leveza das discussões e confiança na minha pesquisa. Sem vocês, nada disso teria sentido ou materialidade. Ao Da Ponte Pra Cá, pela força em meio aos ataques. Ao CCN, Centro de Convivência Negra da UFMG.

*[...] a literatura fazia com que eu me sentisse grande  
diante das coisas, e aos vinte e quatro anos eu  
precisava dessa grandeza para não sucumbir. Diante  
do texto eu me sentia íntegro e precário.*

**(Jeferson Tenório em *De onde eles vêm*, 2024)**

## RESUMO

O objetivo desta dissertação é observar as interações articuladas entre diferentes sujeitos, tendo como ponto de partida os contos do livro *Homens Pretos (Não) Choram*, de Stefano Volp (2022). Propomos a formação de três encontros de leitura, nos quais os participantes comentaram a respeito das suas respectivas experiências e impressões sobre as narrativas, trazendo à tona também as próprias vivências em termos de raça, gênero, sexualidade e classe, borrando as fronteiras que separam ficção e realidade. Metodologicamente, construímos tabelas digitais para observar cada conto em suas especificidades, buscando também os pontos de encontro e divergência entre eles. Nos interessava perceber quem era representado nas narrativas e de quais formas isso era apresentado pelo autor. Com isso, selecionamos dois contos para serem discutidos em cada um dos encontros de leitura, estes organizados por eixos temáticos, sendo eles: 1) paternidade negra, 2) relações afetivo-sexuais e 3) mercado de trabalho. As discussões de cada encontro foram gravadas, mediante apresentação e aprovação da proposta junto ao Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, para facilitar o processo de escrita da dissertação e promover maior fidelidade às falas dos participantes.

Em nossa análise, foi possível perceber que os relatos em torno das masculinidades negras apontam, principalmente, para lugares de abandono e distanciamento emocional, além de enfatizarem a perspectiva da repressão do choro com base nas experiências vividas pelos participantes. Durante os encontros, os contos que evidenciam opressões geraram mais engajamento, despertando relatos e reflexões entre os interlocutores, enquanto as narrativas com perspectivas de cura e união familiar, por exemplo, acabaram rendendo menos interações. De forma mais ampla, também foi possível perceber que os participantes, ao iniciarem suas falas, destacaram os seus respectivos pertencimentos sociais, evidenciando marcadores de opressão ao enfatizar o lugar de onde eles falam, em diferentes perspectivas: desde o momento em que comentaram sobre suas relações com o livro e a literatura até quando discorrem sobre relações familiares e a inserção no mercado de trabalho. O achado da pesquisa evidencia uma forte consciência de si, por parte dos interlocutores, e da sociedade brasileira na qual estão inseridos, reconhecendo que os atravessamentos sociais influenciam diretamente na forma com que são vistos e tratados por outros sujeitos. Este tipo de consciência também se faz presente nas falas a respeito dos homens negros, nas quais os participantes demonstram entender as opressões específicas que se constroem em torno de tais corpos. Os relatos dão origem a uma espécie de compreensão racional do fato, mas que não ameniza, de forma alguma, as violências experienciadas e trazidas à tona. Apesar disso, as falas evidenciam que a dor não se encerra nela mesma, já que os relatos são carregados de um desejo de fazer diferente ao elaborar novos caminhos para pensar a respeito das masculinidades negras.

**PALAVRAS-CHAVE:** masculinidades negras; literatura; representação; interseccionalidade.

## ABSTRACT

The objective of this dissertation is to observe the articulated interactions between different subjects, taking as a starting point the short stories from the book *Homens Pretos (Não) Choram*, by Stefano Volp (2022). We propose the formation of three reading meetings, in which the participants commented on their respective experiences and impressions about the narratives, also bringing to light their own experiences in terms of race, gender, sexuality and class, blurring the boundaries that separate fiction and reality. Methodologically, we built digital tables to observe each short story in its specificities, also looking for points of agreement and divergence between them. We were interested in understanding who was represented in the narratives and in what ways this was presented by the author. With this, we selected two short stories to be discussed in each of the reading meetings, which were organized by thematic axes, namely: 1) black fatherhood, 2) affective-sexual relationships and 3) labor market. The discussions of each meeting were recorded, upon presentation and approval of the proposal by the Research Ethics Board of the Federal University of Minas Gerais, to facilitate the dissertation writing process and promote greater fidelity to the participants' statements.

In our analysis, we were able to perceive that the stories about black masculinities mainly point to places of abandonment and emotional distancing, in addition to emphasizing the perspective of repressing crying based on the experiences lived by the participants. During the meetings, the stories that highlight oppression generated more engagement, sparking reports and reflections among the interlocutors, while the narratives with perspectives of healing and family unity, for example, ended up generating less interactions. More broadly, we were also able to perceive that the participants, when beginning their speeches, highlighted their respective social affiliations, evidencing markers of oppression by emphasizing the place from which they speak, from different perspectives: from the moment they commented on their relationships with books and literature to when they discussed family relationships and insertion in the job market. The research findings demonstrate a strong self-awareness on the part of the interlocutors and of the Brazilian society in which they are inserted, recognizing that social intersections directly influence the way they are seen and treated by other subjects. This type of awareness is also present in the statements about black men, in which the participants demonstrate an understanding of the specific oppressions that are constructed around such bodies. The reports give rise to a kind of rational understanding of the fact, but this does not in any way alleviate the violence experienced and brought to light. Despite this, the statements show that the pain does not end there, since the reports are filled with a desire to do things differently by developing new ways of thinking about black masculinities.

**KEYWORDS:** black masculinities; literature; representation; intersectionality.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Planilha de observação dos contos de Homens Pretos (Não) Choram.....	55
Tabela 1 - Contos lidos a cada encontro e suas respectivas páginas.....	57
Figura 2 - Arte de divulgação da leitura coletiva de <i>Homens Pretos (Não) Choram</i> .....	60
Gráfico 1 - Participantes da leitura coletiva separados por identificação de gênero .....	61
Gráfico 2 - Participantes da leitura coletiva separados por identificação de raça.....	62
Gráfico 3 - Participantes da leitura coletiva separados por curso.....	63
Figura 3 - Frase final do conto <i>Bilola</i> .....	91

## SUMÁRIO

<b>1. EU, LEITOR.....</b>	<b>12</b>
<b>2. ASPAS E TRAVESSÕES: PONTOS DE PARTIDA TEÓRICOS.....</b>	<b>18</b>
2.1 Tornar-se negro: notas sobre a Negritude.....	21
2.2 Masculinidades, hegemonia e subalternização.....	26
2.3 Parado entre avenidas identitárias: interseccionalidade para pensar masculinidades negras.....	29
2.4 Estereótipos, representações e relações de poder.....	33
<b>3. “A GENTE COMBINAMOS DE NÃO MORRER”: EXPERIÊNCIA, ESCRITA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ENTRE SUJEITOS NEGROS.....</b>	<b>39</b>
<b>4. PERCURSOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>54</b>
<b>5. “SOU UM MAS NÃO SOU SÓ”: AQUILOMBAMENTO E COLETIVISMO NEGRO.....</b>	<b>66</b>
5.1 Masculinidades em pauta: o Da Ponte Pra Cá.....	68
5.2 Caminhos cruzados: primeiros contatos com o coletivo.....	70
<b>6. LITERATURA E VIDA, A VIDA NA LITERATURA: DISCUSSÕES A PARTIR DE HOMENS PRETOS (NÃO) CHORAM.....</b>	<b>72</b>
6.1 Apropriações e múltiplos sentidos do livro.....	72
6.2 Mergulho em águas turvas: homens negros, vulnerabilidade e a busca por novos caminhos possíveis.....	78
6.3 Ocupação trabalhista, morte e voyeurismo.....	86
6.4 Construção do mundo a partir da afetação: interações com/entre homens negros.....	94
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>107</b>
<b>APÊNDICE A — RESUMO DOS CONTOS LIDOS.....</b>	<b>114</b>
<b>APÊNDICE B — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>116</b>
<b>ANEXO A — PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....</b>	<b>120</b>

## 1. EU, LEITOR

Pierre Bourdieu (2011), em diálogo com Roger Chartier, afirma que é importante, ao analisar uma prática cultural, entender o nosso lugar enquanto praticantes da mesma. Assim, aproveito este espaço para me situar como leitor: criado em uma família pobre, no interior do Rio Grande do Norte, não tive condições para acessar a literatura com facilidade. Conforme crescia, a situação socioeconômica dos meus pais relegava o lazer a uma posição distante na ordem de prioridades, vindo bem depois da alimentação e da moradia. No entanto, em contato com a biblioteca da escola estadual que frequentei durante o ensino fundamental, li o meu primeiro livro de ficção por volta dos 11 anos: *Operação Buraco de Minhoca*, de Laura Bergallo. Em uma história futurista, com alto teor de ficção científica, encontrei algo que por muito tempo me foi negado: a possibilidade de sonhar.

Com o passar do tempo, entre livros emprestados de amigos, *e-books* comprados por um preço menor e empréstimos em bibliotecas, me tornei mais próximo à literatura, consumindo obras de gêneros diversos e que me permitiam imaginar tantos cenários, desde aqueles que eram próximos da minha realidade atual até os que se distanciavam completamente. O meu lugar enquanto leitor, praticante da leitura, por muito tempo foi passivo e afastado, separando a ficção da minha realidade cotidiana, como se ambas fossem opostas. No entanto, avançando novamente nesta trajetória temporal, foi só na fase adulta que a linha responsável por separar ficção e realidade se tornou fina o suficiente para romper e levar a alguns estranhamentos, como a identificação dos autores que eu estava lendo, em termos de raça, gênero e sexualidade, em um primeiro momento, assim como o perfil dos personagens que eram retratados nas obras que eu consumia. Como um homem negro e gay, cujas marcações sociais se fizeram presentes desde tão cedo, me perceber estranho diante de um meio que me acolheu por tantos anos, como foi o caso da literatura, causou uma espécie de distanciamento, como se, de repente, ficasse evidente que eu não era bem-vindo ali, apesar de ter insistido para ficar. Este foi um dos momentos essenciais para que eu pensasse, ainda de forma inicial, a relação entre o livro, a literatura e o próprio mercado editorial como uma rede de agentes capaz de concentrar o poder da fala — e da escrita — em corpos hegemônicos, aqueles diferentes de mim.

A partir desta apresentação prévia, me disponho a observar com mais atenção os espaços pelos quais o livro circula a partir de um olhar interseccional. Aqui, situamos o nosso

posicionamento dentro do Campo da Comunicação. Não nos interessa analisar cada agente de uma relação separadamente, como o emissor e o receptor, por exemplo, como se estrutura o modelo informacional. Pelo contrário, visamos observar as relações que constituem o mercado editorial e aquilo que é produzido a partir delas (França, 2018), por isso o modelo praxiológico se alinha aos nossos objetivos. É a partir dessa percepção que observamos a circulação do livro, entendendo que a rede formada pelos diferentes agentes do mercado editorial está em constante interação, afetando e sendo afetada de volta, desde a figura do autor até o leitor, assim como aqueles que são igualmente atravessados por esse processo, como as editoras, as plataformas de venda e publicação de livros, influenciadores digitais e pesquisadores, entre tantos outros. Os sujeitos e seus respectivos posicionamentos nesse sistema trazem contribuições valiosas para a pesquisa no Campo da Comunicação, especialmente quando adotamos a perspectiva interseccional. Acredito que esta lente, além de demarcar o meu posicionamento político, também permite encontrar lacunas que são ignoradas quando o mercado editorial é visto em si mesmo, sem considerar a dimensão dos sujeitos que o compõem.

Os primeiros passos para o surgimento desta pesquisa foram dados muito antes de eu pensar em tentar uma seleção de mestrado. Quando li *Homens Pretos (Não) Choram*, de Stefano Volp, em 2021, fiquei intrigado com a proposta do livro de repensar as masculinidades negras sob diferentes perspectivas. Foi uma leitura rápida, me deixou reflexivo, mas não parecia diferente de outros livros que eu já tinha lido na vida. Mas quando comecei a acompanhar os comentários de outros leitores sobre a obra, percebi que muitos relatos traziam fortes reflexões sobre o passado dos sujeitos, a forma com que eles se viam, as relações familiares e amorosas envolvidas em torno da intersecção entre raça e gênero. Quando pensei em montar um projeto de mestrado, foi esse livro que me veio à mente. Retomando as minhas próprias percepções em torno do livro de Volp, fiquei interessado em ouvir mais pessoas falando sobre os tensionamentos que podem ser percebidos a partir de um livro de ficção focado em homens negros protagonistas em diferentes contextos sociais. A proposta do livro, como será aprofundado ao longo do trabalho, é apresentar estes homens em confronto com o lugar de vulnerabilidade que existe dentro de cada um de nós, mas cujo acesso foi negado por muitos anos pelos estigmas de violência, animalização, hipersexualidade e truculência que recai sobre tais corpos. A partir dessa perspectiva, a obra se propõe a confrontar uma norma hegemônica vigente na sociedade: homens pretos não têm espaço para acessar suas emoções. Não estamos falando apenas da

vulnerabilidade ligada ao choro e ao desabafo, como pode ser comumente associado, mas também à compreensão de si enquanto ser humano capaz de ser afetado por emoções diversas, reconhecendo-as como parte da experiência de ser humano, estar vivo e em contínua interação social.

Complexificamos as narrativas de *Homens Pretos (Não) Choram* também ao pensar o livro como parte de um sistema maior, situando o mercado editorial dentro do processo de formação do Brasil. Historicamente, o livro é permeado pelos ideais da erudição e do elitismo. Afinal, para ler é preciso, no mínimo, ser alfabetizado, privilégio que por muitos séculos foi reservado apenas à elite branca brasileira. Mesmo que com o passar do tempo a educação tenha se tornado mais democrática, chegando aos trabalhadores e suas gerações futuras, ainda estamos falando de um ensino muitas vezes sucateado e que opera estrategicamente para negar às pessoas negras o acesso ao conhecimento de qualidade. Junto a isso, podemos perceber também algumas limitações de acesso ao livro pela questão da classe: quando falamos do formato físico, além da alfabetização, é preciso ter dinheiro para comprá-lo; no caso de obras digitais, é necessário ter acesso a um suporte para o consumo, como celular, notebook, tablet ou um *e-reader*<sup>1</sup>, especificamente. Observamos, assim, um lugar válido de investigação. Temos um livro escrito por um homem negro, protagonizado por homens negros, situado e publicado em um país cuja presença de pessoas não-brancas na literatura é baixa (Silva, 2022), mesmo que a maior parte da população se identifique como negra, seja preto ou pardo, e cujo acesso ao livro por parte de pessoas de classes socioeconômicas baixas é permeado por diversas dificuldades. *Homens Pretos (Não) Choram*, assim, vai no sentido contrário ao priorizar tais existências e dar a elas um lugar de destaque, reforçando, novamente, a escolha da obra como o ponto de partida para a nossa pesquisa. Consideramos a escrita, materializada em um livro, como uma ferramenta de resistência contra o apagamento e o esquecimento que continuam a ser empurrados em direção à nossa cultura, mas que não é aceito sem que antes lutemos em contra-ataque. Em meio a isso tudo, encontramos também espaço para sonhar e construir futuros possíveis a nós mesmos, nossas famílias e nossos pares.

Com base nisso, pautados também nas práticas dos coletivos negros ao longo da história, optamos por levar as discussões propostas no livro de Stefano Volp para um projeto de cunho

---

<sup>1</sup> *E-readers*, ou leitores digitais, são suportes digitais voltados especificamente para a leitura. O Kindle e o Kobo são os exemplos mais populares, atualmente.

social focado no compartilhamento de experiências e que seja baseado no diálogo, sem abrir mão do senso crítico. Como bell hooks trabalha em *O feminismo é para todo mundo* (2015), a reunião para debates e construção de uma luta conjunta é essencial para nos fortalecer, individual e coletivamente, contra as matrizes de opressão que operam na sociedade e visam nos diminuir por tudo que vai contra o padrão universal de ser humano. A autora também aponta o potencial dos encontros ao elaborar, de forma compartilhada, estratégias de enfrentamento a tais violências, como a divulgação de informações a respeito do feminismo e práticas antirracistas, por exemplo, assim como manifestações políticas em meio às ruas.

A partir disso, ao concordar com a autora, unimos forças ao projeto Da Ponte Pra Cá, iniciativa vigente desde o ano de 2022. O grupo foi formado com o intuito de promover discussões sobre masculinidades negras, especialmente, mas sem isolar o tema do contexto social maior de raça e gênero. O Da Ponte Pra Cá é um dos braços do CCN/UFMG (Centro de Convivência Negra da Universidade Federal de Minas Gerais) e funciona com base em rodas de conversa com perguntas norteadoras sobre o tema escolhido para a reunião, visando o diálogo entre os participantes de maneira leve, sem que haja um caráter pedagógico e hierárquico marcado, separando quem fala e quem ouve. A partir da horizontalização, todos podem falar e devem ser ouvidos. Esse contexto, portanto, mostrou-se como ideal, em nossa percepção, para tratar os temas expostos em *Homens Pretos (Não) Choram*, buscando observar os atravessamentos sentidos pelos participantes ao lerem a obra, seja por identificação ou até mesmo crítica, sabendo que diferentes vivências ajudam a complexificar o nosso olhar científico.

Ao longo dos encontros, para além de observar os comentários dos leitores sobre a obra e os sentidos acionados ao longo das narrativas, direcionamos a nossa atenção também para as práticas de leitura mencionadas pelos participantes. Nos interessa entender as formas de chegar até o livro e interagir com ele, em uma perspectiva própria entre leitor-obra, em um primeiro momento, focando temáticas que permeiam os estudos do Campo da Comunicação em interface com a prática cultural da leitura e sua inserção no mercado editorial. Questões como o tipo de suporte (se físico ou digital), aquisição do livro (se pago ou pirateado) e relação com a leitura ao longo do tempo, assim como as relações possíveis entre o âmbito literário e instituições sociais, como família e Universidade, foram pontos abordados ao longo dos encontros. Além da relação leitor-livro, conforme mencionado anteriormente, também consideramos válido o olhar para as interações entre os participantes de cada reunião em uma modalidade leitor-leitor. Partimos da

afirmação de que a leitura, atualmente, não precisa mais ser uma tarefa solitária, pois o compartilhamento de opiniões é uma possibilidade para tornar a experiência coletiva. Quando falamos sobre uma obra focada em questões de gênero e raça, como é o caso do livro de Stefano Volp, percebemos que há, também, a dimensão formativa de resistência contra o epistemicídio imposto à população negra.

Mediante o que foi dito, o trabalho parte do seguinte problema de pesquisa: a partir da dupla interação proporcionada pela obra *Homens Pretos (Não) Choram*, do leitor com a narrativa e entre diferentes participantes de um grupo de leitura e discussão, quais sentidos são acionados pelos discursos dos indivíduos em termos de raça, gênero, sexualidade e classe? É válido mencionar que não é de nosso interesse usar este espaço para aprofundar as narrativas de cada um dos contos, considerando a relevância para o Campo da Comunicação e o vínculo à linha de Processo Comunicativos e Práticas Sociais na qual o trabalho está inserido. No entanto, alguns trechos da obra permeiam o trabalho, entendendo que eles impactam as falas — e, conseqüentemente, interações — dos/entre leitores. Além disso, reforçamos o compromisso em observar as narrativas de forma crítica para problematizar ou reforçar o que foi escrito por Stefano Volp, assim como o seu impacto social no que diz respeito aos estereótipos vigentes aos sujeitos representados.

No capítulo dois, propomos uma exposição dos aportes teóricos essenciais para este trabalho, como a Negritude, as masculinidades e a interseccionalidade, lente teórica e metodológica essencial para pensar a relação entre raça e gênero, inicialmente, ao refletir sobre as posicionalidades dos homens negros. No capítulo seguinte, propomos uma reflexão sobre a produção de conhecimento entre pessoas negras a partir da experiência, argumentando que a separação entre vida *vivida* e epistemologias supostamente neutras apagam as reflexões produzidas fora dos grandes centros legitimados. O capítulo quatro é dedicado à nossa seção metodológica, no qual buscamos detalhar o processo de construção da pesquisa, evidenciando detalhes sobre a formação dos encontros de leitura e a forma com que analisamos as informações coletadas. Antes de partirmos para a análise propriamente dita, reservamos um capítulo para apresentar o Da Ponte Pra Cá, detalhando os meus primeiros contatos com o coletivo e o que ele representa, refletindo sobre a importância do agrupamento para pessoas negras, considerando a noção de aquilombamento. Com isso posto, partimos, então, para a seção de análises, trazendo à tona os principais resultados encontrados em nossos três encontros de leitura dos contos de

*Homens Pretos (Não) Choram*, conectando falas que perpassam as narrativas ficcionais e se conectam com experiências de vida dos participantes. Neste processo, também acionamos autores e autoras que podem dialogar com os debates iniciados por nossos interlocutores. Dedicamos um espaço para a finalização do trabalho com as considerações finais, no qual trazemos um apanhado do que foi apresentado, além de refletir sobre caminhos que podem ser traçados a partir do que iniciamos nesta dissertação.

Destaco aqui o Apêndice A, seção que contém um resumo dos contos lidos em nossos encontros para situar o leitor nas discussões propostas ao longo do trabalho, principalmente para quem não ainda não conhece os temas tratados em *Homens Pretos (Não) Choram*. Acredito que a oportunidade de relembrar a discussão central de cada conto seja essencial para apreender os debates que surgiram junto aos interlocutores. Documentos adicionais, como o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e o parecer consubstanciado para a realização desta pesquisa são apresentados no fim do trabalho.

## 2. ASPAS E TRAVESSÕES: PONTOS DE PARTIDA TEÓRICOS

Entendendo que diferentes pesquisadores e pesquisadoras disputam olhares sobre determinados termos, proponho esta etapa como um ponto de partida ao explicitar o meu próprio posicionamento em relação a conceitos caros ao trabalho. Estas percepções, claro, não se limitam a uma fundamentação teórica, já que estão imbricadas ao longo de toda pesquisa, incluindo as seções de análise.

De início, proponho uma reflexão em torno do processo de racialização do sujeito negro, marcado, historicamente, por diferentes aproximações que tinham o objetivo de entendê-lo, evidenciando o caráter hierárquico da situação em que o branco detinha, em suas mãos, o poder de marcar aquele corpo como estranho e passível de ser prescrito. Entre as diversas abordagens possíveis, Munanga (2020) evidencia que a ciência e a religião contribuíram com explicações para o “problema do negro”, nos termos de Ramos (1995). A primeira pensava no negro como um branco degenerado, uma doença, e chegou a indicar que o escuro da cor da pele era fruto da experiência da origem africana: os alimentos, o contato com o solo, a água e o próprio ar ocasionavam tal resultado. A religião, enquanto isso, buscou apoio na história de Cam, filho de Noé, conforme é narrada na Bíblia, para explicar a existência do negro na Terra. De acordo com o texto, Cam era um homem desobediente e que contrariava as ordens de seu pai, temente a Deus, até que o confronto entre ambos atinge o ápice quando Noé encontra o filho embriagado e o amaldiçoa, rejeitando o seu próprio sangue. Para os crentes na palavra, os descendentes de Cam nasceram com a pele escura, fruto da ira de um pai contra o filho, percepção que reinsere o negro em um lugar de degeneração e castigo.

Ainda que tais argumentos de “compreensão” do negro sejam facilmente negados na contemporaneidade, é indiscutível a força da ciência — e da religião, acrescentamos — como detentora da verdade que circula e chega à população (Colouris, 2004 *apud* Carneiro, 2023), reforçando hierarquias baseadas na raça que serviram como justificativa para atrocidades cometidas contra o negro. Ou seja, se tal sujeito tem, em si, uma pré-disposição ao mal, fruto do que a ciência e a religião apontam como ruim, é necessário que ele seja domado e policiado, dando argumentos plausíveis, por exemplo, à colonização.

Um retorno ao debate sobre a situação colonial é indispensável a Munanga (2020), que defende a necessidade de observar as características e legitimações discursivas que circulavam

naquele contexto — e, inclusive, transpõem para a contemporaneidade, já que, como dito por Guimarães Corrêa (2024, p. 4, tradução nossa): “[O] colonialismo não está enterrado no passado, está em movimento, se renovando, a todo vapor, reproduzido nos modos em que a cultura, o conhecimento e recursos materiais são organizados, valorizados e compartilhados”<sup>2</sup>. Podemos pensar o referido sistema como a busca pelo compartilhamento de avanços conquistados por determinados países com o resto do mundo. Estas civilizações deram início à ideia da universalidade a partir de si mesmas, de seus próprios postulados, como dito por Césaire (2022), criando, em contraponto, os *Outros*, nomeados a partir da diferença. Como parâmetro, viam-se no direito — e até dever — de humanizar os grupos atrasados, trazer-lhes para mais perto da norma e, conseqüentemente, fazê-los mais brancos. É neste processo, inclusive, que os negros são enquadrados em uma perspectiva de diferença, já que, como dito por Munanga (2020, p. 76): “Os negros não foram colonizados porque são negros; ao contrário, na tomada de suas terras e na expropriação de sua força de trabalho, com vista à expansão colonial, é que se tornaram pretos”.

Ainda de acordo com o autor, entendemos que a dinâmica colonial era de violência contínua. Afinal, estamos falando de uma parte da sociedade que chega a uma terra e impõe novos modos de existir; questões tecnológicas, econômicas e religiosas, por exemplo, precisam ser substituídas, já que eram vistas como erradas e ultrapassadas, dando lugar ao ideal trazido pelos supostos salvadores. Apesar de que a ideia de imposição, como proposto anteriormente, remeta ao uso da força bruta em prol dos objetivos dos colonizadores, como é o caso da escravização, é importante trazer à tona também o uso do discurso como ferramenta de repressão simbólica por meio de preconceitos raciais e estereótipos. A combinação entre ambas as formas de subjugação do negro, longe de ter sido arbitrária, serviu como uma forma de enfraquecê-lo individual e coletivamente, tornando a colonização um produto bem-sucedido, já que a violência infligia dor não apenas ao corpo, mas também à subjetividade e ao senso de pertencimento cultural dos africanos.

Nesta perspectiva, Ramos (1995) é enfático ao afirmar que, no contexto brasileiro, há um forte conflito entre os sujeitos e seus respectivos pertencimentos étnicos. O autor, ao escrever sobre os brancos, faz uso de aspas em seu texto, pois parte do pensamento de que o sangue negro integra todas as camadas da sociedade brasileira, tornando impossível a existência de um branco

---

<sup>2</sup> No original: “Coloniality is not buried in the past, it is in motion, renewing itself, in full swing, reproduced in the ways culture, knowledge and material resources are organized, valued, and shared”.

“puro”, ao passo que sugere a substituição do termo por “mestiço”, como lhe parece mais correto. No entanto, este processo de afirmação não é tão simples quanto parece. Por meio de dados do Recenseamento de 1940, publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em que era possível declarar o pertencimento étnico-racial, as informações perdem a sua credibilidade a partir do momento em que os analistas percebem que há a “[...] inclusão de uma notável fração de pardos entre os brancos e de uma menor mas não desprezível fração dos mesmo entre os pretos, e, talvez, pela atribuição de uma fração dos pretos ao grupo de pardos” (IBGE, 1950, p. 8 *apud* Ramos, 1995, p. 222). Movimento parecido é visto por Sueli Carneiro (2023, p. 53, grifos da autora) ao destacar a variedade de termos usados por pessoas e seus descendentes para se autodeclararem racialmente: “moreno escuro, moreno claro, moreno jambo, marrom bombom, mulato, mestiço, caboclo, mameluco, cafuzos, ou seja, *confusos*”. Com a herança colonial, a pigmentação escura sempre esteve associada a aspectos negativos, constituindo um desejo pelo distanciamento de si e da coletividade negra em prol de uma aproximação com a herança europeia, como é possível perceber entre a parcela de sujeitos pardos e pretos que se autodeclararam brancos ou os pretos que se dizem pardos em busca de um clareamento, se não físico, ao menos simbólico. Ainda de acordo com Carneiro (*ibidem*), são indivíduos que “não sabem mais o que são ou simplesmente não desejam ser o que são”.

É importante observar, a partir dos dados apresentados acima, uma dimensão coletiva que se alastra. Ainda que pessoas negras, em seus respectivos contextos socioculturais, experienciem o mundo de maneiras distintas (Munanga, 2020), o desejo pelo embranquecimento constituía uma visada de dimensões nacionais, já que a associação entre a cor da pele escura e aspectos negativos configurava uma dimensão de normalidade no Brasil, considerando que esses sujeitos ocupavam apenas posições inferiores na sociedade (Ramos, 1995). Portanto, de forma contínua, o negro brasileiro tem a sua segurança e esperança minadas a partir de estímulos que reforçam a sua inferioridade, fraqueza, preguiça e destino à dominação.

Neste sentido, é possível perceber que a dimensão coletiva dos sujeitos negros pode ser pensada a partir de um lugar de dor e do reconhecimento de que são “[...] vítimas das piores tentativas de desumanização”, como dito por Munanga (2020, p. 19); trata-se de questões sociais, políticas e psicológicas que conectam não apenas a população brasileira, mas todos os descendentes da diáspora negra. É um olhar possível. No entanto, a existência do sujeito negro não é marcada apenas por uma dominação passiva e de plena aceitação, afinal, onde há poder e

conflito há, também, resistências, como apresentado no trabalho de Sueli Carneiro (2023). A imposição da norma europeia, assim como as tentativas de assimilação do branco, apesar de terem sido bem-sucedidas em diversos aspectos, tensionaram também o modo de ser negro no Brasil, levando a movimentos que visavam a conscientização dos sujeitos em prol de um orgulho de si, estético e cultural, além de pensar coletivamente em busca da emancipação do povo. Entre tantas nomeações possíveis, instituídas por diferentes pesquisadores e pesquisadoras ao longo da história, nos alinhamos à ideia da Negritude para descrever o fenômeno observado, como abordado a seguir.

## 2.1 Tornar-se negro: notas sobre a Negritude

*Espero que seu sonho ainda seja mais que você mesmo*  
(MC Luanna — *Projeção*, 2024)

Du Bois (2021), em *As Almas do Povo Negro*, apresenta um rápido panorama histórico do contexto estadunidense no qual destaca a indissociabilidade entre a experiência de ser negro e a busca por liberdade. Tal movimento pode ser visto durante a imposição da escravidão, em uma dimensão do corpo; o desejo pelo direito ao voto como representação do poder político e um caminho possível para concretizar a liberdade anteriormente conquistada com o fim legal da escravidão; a reivindicação pelos estudos formais, visando adentrar o âmbito acadêmico para “poder enxergar a vida a partir de cima” (*ibidem*, p. 27) e libertar-se de um outro tipo de privação. Apesar das conquistas alcançadas, o autor percebe, no entanto, que há certo desgaste daquilo que outrora fora um sonho, um objetivo, como se a força, aos poucos, desvanecesse; mas Du Bois se apressa em dizer que nenhuma daquelas conquistas era errada ou falsa. Pelo contrário, os movimentos constituíram etapas essenciais para o fortalecimento do povo negro, mas, a partir do instante em que são vistas separadamente, como conquistas individuais, o coletivo perde. Nas palavras do autor (*ibidem*, p. 30): “Trabalho, cultura, liberdade — de tudo isso precisamos, não individualmente, mas juntos, não sucessivamente, mas ao mesmo tempo, cada coisa alimentando e ajudando a outra, e todas lutando por um ideal mais vasto que se apresenta diante das pessoas negras, o ideal da irmandade humana”.

Para além de Du Bois, outros autores também destacam a união entre sujeitos negros como um movimento essencial para a liberdade e a emancipação. Para Aimé Césaire (2022), o

respeito à personalidade comunitária é um dos princípios indispensáveis ao conceito de Negritude, o qual ele ajudou a fundar e popularizar. Em sua perspectiva, é válido pensar na metáfora do denominador comum entre os povos, cujas opressões vividas geram conexões para além da cor de pele, enfatizando, assim, um olhar não biologizante para a iniciativa da Negritude. Munanga (2020), por sua vez, concorda em pensar o movimento a partir de vias políticas e ideológicas, mas reforça a dificuldade de haver solidariedade entre a opressão de pessoas brancas e negras, já que o assujeitamento destes serve de benefício ao primeiro grupo, inviabilizando a ideia do denominador comum, anteriormente citada e que propõe uma maior amplitude racial. Ao contrário, para o autor, é o olhar ocidental do branco um dos marcadores da racialização negra dos sujeitos afrodiáspóricos.

Temos, então, que o branco nomeia a si mesmo como norma e cria a categoria do Outro, de todos aqueles que destoam de si, incluindo o negro. No entanto, para o movimento da Negritude, tal simples separação entre grupos não é suficiente para criar uma luta verdadeiramente engajada entre os negros. Ainda que a exclusão social seja uma característica que conecta estes sujeitos a nível global, principalmente quanto aos que vivem em países que experienciaram a diáspora negra e processos de colonização, é necessário pensar também em uma dimensão de autoafirmação e de respeito à diferença étnico-racial, nas palavras de Césaire (2022). No contexto brasileiro, ser negro é ser atravessado por inúmeras violências, físicas e simbólicas, como evidenciado continuamente em portais midiáticos. Não é de se estranhar, portanto, movimentos de embranquecimento e desracialização (Carneiro, 2023), cujo intuito é se afastar do polo negativo, como negro, e aproximar-se daquilo que é valorativo: aspectos culturais europeus, como suas roupas, culinária e até entretenimento. São tentativas de assimilação e negociação: abrir mão de uma parte de si mesmo, na medida em que isso for possível, para conseguir um espaço na sociedade em que o sofrimento possa ser menor e, assim, chegar mais perto de um estatuto de humanidade, historicamente negado ao negro. Ou seja, se afirmar enquanto um sujeito negro no Brasil, em moldes gerais, pode ser visto como uma atitude de autossabotagem, de se marcar com um alvo para ser ainda mais atacado. Mas é, também, um ato libertador: “Revelar a negrura em sua validade intrínseca, dissipar com o seu foco de luz a escuridão de que resultou a nossa total possessão pela brancura é uma das tarefas heroicas da nossa época” (Ramos, 1995, p. 243), frase válida ainda na contemporaneidade da sociedade brasileira.

A partir da articulação entre os autores citados, partimos do pensamento de que a Negritude diz de um orgulho de si mesmo, em um nível individual, mas também como um movimento coletivo e cultural em uma busca pela valorização de elementos africanos e brasileiros, recuperando uma parte da história que foi sufocada. Esta seria, também, uma característica da Negritude apontada por Munanga (2020): o protesto contra a ordem colonial imposta e vigente. Seria, assim, “uma operação de desintoxicação semântica e de constituição de um novo lugar de inteligibilidade da relação consigo, com os outros e com o mundo” (*ibidem*, p. 51). Na dimensão da coletividade, o autor destaca, também, a importância do cuidado mútuo entre os sujeitos, afinal, ao falar sobre vivências negras, não podemos deixar de lado as violências experienciadas, cada um à sua própria maneira. Por isso, é importante ter em mente a ideia da solidariedade, do espaço para a escuta e de apoio mútuo, já que, ao fortalecer um membro, toda a luta coletiva ganha. O pensamento vai em direção aos estudos sobre os quilombos negros como espaços de acolhimento e incentivo, mas também de fruição artística e expressividade (Costa; Queiroz, 2024), como será aprofundado, oportunamente, neste trabalho.

A partir desta rápida apresentação sobre os princípios da Negritude, fundamentados em autores como Munanga (2020) e Césaire (2021), é possível perceber que, em termos práticos, tais preceitos podem ser aplicados e vivenciados de diversas formas, respeitando a complexidade que o termo aciona, das experiências pessoais de cada um no mundo. Para muitos sujeitos, o âmbito acadêmico, do fazer científico, é um caminho possível para disputar sentidos sobre o processo de racialização negra no Brasil. Afinal, a academia tem sido dominada por pesquisadores, principalmente brancos, que lutam para manter as hierarquias vigentes a partir de uma observação microscópica do negro, que “aparece imobilizado como uma categoria, subjugado como um objeto ou representado como uma alegoria” (Pinho; Figueiredo, 2002, p. 206). Esta perspectiva é altamente questionada por Guerreiro Ramos em *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira* (1995), livro no qual o autor é enfático ao apontar que a transformação do negro em um tema, um assunto, por “antropólogos” e “sociólogos”<sup>3</sup>, sem considerar as suas subjetividades, é uma forma eficaz de inferiorização contínua. Para Sueli Carneiro (2023), essa estrutura pode ser vista desde a escravidão, na qual o negro era objeto de trabalho, e se atualiza com a libertação desses sujeitos, agora objetos de pesquisa.

---

<sup>3</sup> Aspas usadas pelo autor ao longo da obra.

Ainda de acordo com a autora, no entanto, é possível perceber mudanças, ainda que tímidas, nessa formulação. Com a entrada de pesquisadores negros nas universidades, muitos deles com o uso de cotas étnico-raciais, assim como as incontáveis contribuições dos movimentos sociais negros, é possível perceber um esforço para transformar o estatuto vigente, do negro-tema, em negro-vida, nos termos de Ramos (1995). Seria um movimento de abandonar a percepção do negro enquanto objeto de pesquisa puramente analisado enquanto um “traço da realidade nacional que chama a atenção” (*ibidem*, p. 215) e partir para uma visão na qual o negro assume um status de sujeito complexo, impossível de ser fixado em uma explicação definitiva ou homogeneizado em um grande categoria étnico-racial. A produção intelectual feita por esses sujeitos que afirmam a sua identidade é, portanto, uma ferramenta essencial de combate às interpretações e modos de subjetivação impostos ao negro pelas ciências sociais historicamente dominadas por brancos.

É interessante pensar também a produção acadêmica, das leituras à escrita e circulação do conhecimento, como uma oportunidade para conhecer a si mesmo de maneira mais profunda, como explicitado anteriormente em relação aos objetivos da Negritude. Para Du Bois (2021), o negro é fadado a se ver sempre a partir dos olhos dos outros, em uma consciência dual. São “duas almas, dois pensamentos, duas lutas inconciliáveis; dois ideais em disputa em um corpo escuro” (*ibidem*, p. 23); de um lado o negro e de outro o cidadão norte-americano, como ele bem diz a partir do contexto estadunidense do qual escreve. Os parâmetros de idealização impostos pelos colonizadores, portanto, estabelecem uma dificuldade quase paradoxal: aceitar a possibilidade de humanização desta “parte” negra e fundir “esse duplo eu em um único indivíduo, melhor e mais verdadeiro” (*ibidem*), ainda que os dois lados estejam em contínuo conflito. Conhecer a si mesmo, enquanto negro, e empreender um movimento de recuperação de elementos desta história torna-se, então, um processo complexo e difícil, mas essencial para desfazer a cisão que resulta do colonialismo.

Longe de querer estabelecer uma resposta para essa disputa interna e histórica, é possível encontrar algumas pistas nas palavras dos autores citados. Especialmente nos escritos de Césaire (2021), a criação poética se mostra como uma imersão na própria racialização, mergulho que pode trazer grandes revelações para as pessoas de cor. No contexto desta pesquisa, que possui forte proximidade com a produção literária de autoria negra, a relação entre arte e subjetividade negra adquire grande relevância. Nas palavras de Munanga (2020, p. 52), “a criação poética

torna-se um ato político, uma revolta contra a ordem colonial, o imperialismo e o racismo”. Podemos perceber, então, que a Negritude inspira, de diversas formas, o combate contra a opressão e a desigualdade a partir dos meios que cada sujeito tem acesso, seja nos movimentos políticos, no âmbito acadêmico e/ou na produção artística, acionando dimensões étnico-raciais em cada espaço possível. Isso, claro, articulado aos demais objetivos do movimento, conforme já citado, como o respeito à personalidade comunitária.

A posição do negro como produtor e consumidor de arte, por sua vez, está atravessada por dimensões preconceituosas: por um lado, alguns pesquisadores que supostamente apoiavam o movimento da Negritude, como é o caso de Léopold Senghor, diziam que o pertencimento racial dava aos negros maior aptidão ao fazer artístico, já que eles, despojados da razão, que pertencia unicamente ao branco, eram mais sensíveis ao mundo, resultando em obras tocantes; por outro caminho, podemos citar o pensamento de Arthur de Gobineau, diplomata francês que acreditava ser impossível ao negro criar arte, frisando que “a ausência de aptidões intelectuais o torna completamente inapropriado à cultura de arte” (Ménil, 1981, p. 93 *apud* Munanga, 2020, p. 75). Até mesmo o processo criativo como ferramenta de protesto contra a ordem colonial busca enclausurar o negro em uma categoria, seja da aptidão natural ou da negação completa. O conhecimento do passado, das teorias que construíram e constroem o imaginário social brasileiro, mostra-se também como um passo fundamental para entender quais caixas estereotípicas existem para fixar nossa existência; só a partir disso, da rejeição de tais lugares, é possível encontrar novas formas de lutar e fomentar a revolta, valores intrínsecos à Negritude.

Ainda que pensem de lugares distintos, as falas defendidas por Senghor e Gobineau podem ser vistas como parte de um espectro próximo que encarcera o negro, novamente, em um lugar de pura emoção, um homem da natureza (Munanga, 2020). Ao negar a possibilidade de qualquer tipo de poder e autoridade ao negro, a teoria defendida por ambos, um sendo apontado como fundador do movimento da Negritude e outro marcado por suas reflexões abertamente racistas, demarca a posição que cada grupo pode ocupar na hierarquia social: manda aquele que é dotado da razão, que consegue fortalecer cada vez mais a humanidade rumo à civilização; obedece quem é destinado a ser inferior, que é guiado por suas próprias emoções e não pode ser encarregado de qualquer cargo de liderança. Entendemos que esta perspectiva aciona dimensões específicas ao pensarmos a partir de uma marcação de gênero aliada à questão étnico-racial, como é o foco deste trabalho. Se o imaginário social pensa no negro como um ser da natureza,

distante de qualquer noção de civilização, como os homens negros são construídos e quais possibilidades existem para ele no contexto brasileiro? Combater a afirmação de ser um sujeito de pura emoção se efetivaria a partir da negação de qualquer traço de vulnerabilidade?

Aproveitamos a abertura, então, para pensar na construção do homem e, especificamente, nas posicionalidades dos homens negros.

## **2.2 Masculinidades, hegemonia e subalternização**

Podemos pensar as masculinidades a partir de inúmeros pontos de partida. Connell e Messerschmidt (2013), por exemplo, evidenciam que o termo “masculinidades hegemônicas”, assim como variantes próximas, se popularizou no início do século XXI, resultando em produções acadêmicas que complexificaram o conceito e, em muitos outros casos, teceram críticas à forma com que ele foi construído e estava sendo disseminado por pesquisadores de diferentes áreas. No entanto, é evidente que o trabalho encabeçado por Connell traz grandes contribuições para pensar a posicionalidade do homem na sociedade contemporânea. Ao propor uma reflexão sobre as masculinidades hegemônicas, pensando no que pode ser mantido e no que deve ser reformulado nas pesquisas que utilizam o conceito, a autora, ao lado de Messerschmidt, nos leva a entender a complexidade intrínseca não apenas ao termo, mas principalmente ao homem enquanto sujeito social.

Ao pensar nas relações de gênero, partimos, aqui, de uma perspectiva relacional, ou seja, que não é fixa ou imutável, anterior à própria sociedade, mas que está em contínua afetação mútua com os sujeitos. Não busca ser “uma causa primeira”, mas pretende, acima disso, “entender certa dinâmica no seio de um processo social” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 256). Por isso, tais concepções variam no tempo, nas localidades, nos diferentes contextos culturais e assim sucessivamente. Além do trabalho já citado anteriormente, nos filiamos também às pesquisas de Kimmel (1998) e Connell (2005), nas quais podemos observar a dificuldade — e improdutividade — de pensar as masculinidades a partir de um lugar unitário. O uso do plural, inclusive, mostra-se como uma estratégia de reconhecimento de que “masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos” (Kimmel, 1998, p. 106), incluindo neste grupo não apenas aqueles que seguem as normas sociais e são validados, mas também os dissidentes e oprimidos que ficam à margem da hegemonia.

Em *Masculinities*, Connell (2005) pensa as masculinidades hegemônicas a partir da ideia de um modelo que é proposto e aceito em determinada dinâmica cultural. O processo não é simples, instituído a partir de um contrato oficial, mas diz do esforço de estabilizar o poder do patriarcado frente às tensões de gênero. Por sua vez, as características de tal modelo em circulação precisam ser validados institucionalmente, além do contexto cultural, como citado, para que alcancem uma dimensão hegemônica. Podemos pensar no governo, em grandes empresários e no poder militar, assim como figuras relevantes no cenário midiático, como instâncias legitimadoras da hegemonia.

O status de masculinidade hegemônica em determinado recorte social, portanto, é passível de contestações devido à sua relação com a cultura. Se uma sociedade muda com o passar do tempo, afetada por implicações políticas e econômicas, por exemplo, a noção vigente do homem *ideal* pode ruir por não ser mais suficiente para a manutenção do patriarcado. Kimmel (1998) nos dá um exemplo dessa substituição a partir do contexto estadunidense do século XVIII. A partir de um resgate histórico, ele percebe a predominância de dois modelos de masculinidade: o patriarca gentil, que passava muito tempo com a família e cuidava dos seus domínios; e o artesão heroico, sujeito urbano independente e pai devoto que ensinava ao filho sua arte. A estabilidade e aceitação de tais modos de existência começaram a ser questionadas no começo do século XIX com a popularização e legitimação do *self-made man* (ou seja, o homem que se fez sozinho), a figura de um homem de negócios que vivia do trabalho, mas era ausente do lar e distante dos filhos. Esta, por sua vez, recebeu apoio de representantes governamentais, como é o caso do senador Henry Clay, que descreveu os Estados Unidos como a nação dos *self-made men*. No entanto, essa aceitação só foi possível a partir da deslegitimação dos modelos hegemônicos anteriormente citados. Nas palavras de Kimmel (*ibidem*, p. 113):

O Patriarca Gentil foi redefinido como um pavão europeu afetado, uma “bichinha” do século XIX [...] E o Artesão Heróico tornou-se, no decorrer do século XIX, o trabalhador comum, a mão-de-obra, uma peça da máquina. Foi-se a sua autonomia e o orgulho de habilidade manual; agora ele era dependente, indefeso e quase não era mais um homem.

Podemos perceber, então, que trabalhar com o conceito de masculinidades hegemônicas diz não apenas de uma pluralidade, mas também de uma hierarquização de tais experiências. Ao falarmos sobre o processo de racialização, no início deste capítulo, observamos como o branco

européu tomou para si o status de norma e criou, assim, o seu *Outro* ideal: o negro, situando-o na base da pirâmide de humanidade. A lógica pode ser útil para que pensemos, agora, sobre a matriz da masculinidade hegemônica, na qual “um grupo reivindica e sustenta e sustenta uma posição de liderança na vida social” (Connell, 2005, p. 77, tradução nossa)<sup>4</sup> e, em interação, suscita a criação de grupos que não se enquadram naquele modo de vida legitimado, chamados de masculinidades subalternas (Kimmel, 1998) ou marginalizadas (Connell, 2005).

Concordamos com Connell e Messerschmitt (2013, p. 271) ao pensar que “qualquer estratégia de manutenção do poder é mais comumente envolvida na desumanização de outros grupos”, *outrificando* determinado segmento para exaltar as próprias características. No caso da masculinidade hegemônica, Kimmel (1998) parte do princípio de que a sua construção parte de uma oposição veemente às minorias raciais e sexuais, sobretudo as mulheres e tudo aquilo que remete à feminilidade. Em uma perspectiva interna, intramasculina, algumas características exibidas por homens dissidentes também são contrapostas, visando deslegitimar aqueles que podem minar a sua segurança social. Para o autor, ainda, a rejeição a tudo que remete ao universo feminino traz grandes contribuições para que possamos pensar as masculinidades, já que, em sua percepção, essa seria uma das formas de provar a própria hombridade: a partir do afastamento das “influências feminilizantes da civilização” (*ibidem*, p. 113) e imersão nas florestas ou no mar, o sujeito poderia encontrar uma forma de reafirmar a sua própria masculinidade naquele momento, mas, em seguida, seria novamente passível de questionamento. Inicia-se, assim, um processo sem fim, já que “assim que ela [a masculinidade] é provada, ela é novamente questionada e deve ser provada ainda mais uma vez” (*ibidem*, p. 111).

Ao pensarmos nas relações entre homens, Connell (2005) destaca a dominação de homens héteros e a subordinação de homens gays, situados ao fim de uma suposta hierarquia masculina, já que eles podem ser associados a elementos femininos, algo veementemente rejeitado pela lógica da masculinidade hegemônica, como mencionado. No entanto, ainda que as mulheres e os homens gays sejam reunidos no grupo de identidades de gênero subalternas (Kimmel, 1998), é importante frisar que estes, apesar da livre associação com a feminilidade, ainda são homens que são beneficiados pelo sistema patriarcal, aquilo que é definido por Connell (2005) como *cumplicidade*<sup>5</sup>. Pensemos da seguinte forma: as masculinidades hegemônicas são

---

<sup>4</sup> No original: “[...] a group claims and sustains a leading position in social life”.

<sup>5</sup> No original: *complicity*.

legitimadoras do patriarcado e visam a sua manutenção, fixando posições de privilégio e opressão; dessa forma, homens gays podem ser beneficiados por tal sistema, ainda que eles sejam continuamente discriminados e estigmatizados pelas mesmas regras, reforçando o aspecto contraditório em torno do tema, característica importante ao lidar com o tema das masculinidades.

Pensando nesta circulação do poder, Ribeiro e Faustino (2017, p. 164), ao tratarem dos homens negros, questionam: “Se o gênero os afirma mas a raça os nega, esses homens têm ou não poder? E se tiverem algum poder assujeitado, seriam vítimas ou algozes? Estaríamos falando de um privilégio subordinado e precário, de um poder sem poder?”. Apesar de percebermos um esforço ao pensar a relevância do aspecto racial na construção das masculinidades subalternas — ou até mesmo a participação de homens negros no âmbito das masculinidades hegemônicas — nos autores que são considerados referência na discussão, a intersecção entre raça e gênero não parece ter espaço suficiente para um aprofundamento. Propomos, então, uma reflexão devida a respeito das masculinidades negras, recorte caro ao nosso trabalho.

### **2.3 Parado entre avenidas identitárias: interseccionalidade para pensar masculinidades negras**

Antes de abordar as masculinidades negras, é importante reservar um espaço para tratar da ideia de interseccionalidade, conceito que já foi pincelado ao longo do nosso texto, mas carece de um aprofundamento teórico. Ao pensarmos sobre o conceito, existem trabalhos fundamentais para entender o que está implicado nele, como é o caso dos escritos de Kimberlé Crenshaw (1989). Partindo do contexto judiciário estadunidense, a advogada argumenta que existe uma tendência em tratar as questões de raça e gênero como exclusivas e excludentes tanto em termos de experiência quanto de análise. Ao privilegiar um único atravessamento de opressão, existe uma espécie de marginalização daqueles que são multiplamente negados socialmente e cujas reivindicações não dizem apenas da raça ou do gênero, por exemplo, mas sim da raça *e* do gênero, como é o caso das mulheres negras. Elas, para Crenshaw, são negadas pelo movimento feminista, dominado por mulheres brancas, *e* pelo movimento negro, cujas pautas costumavam partir dos homens negros. Uma análise que considera apenas raça ou gênero, portanto, é insuficiente por deixar de fora aspectos fundamentais para a construção da subjetividade de tais mulheres. Ainda, entendemos também que a interseccionalidade, enquanto

conceito, parte do pensamento de que a simples soma das opressões entre duas ou mais estruturas discriminatórias não dá conta de complexificar as experiências com a devida profundidade. Elas devem ser pensadas de forma simultânea, como ocorrem, de fato, na sociedade, não uma após a outra, separadamente. Nesta mesma perspectiva, Guimarães Corrêa (2022, p. 128), ao trazer uma perspectiva histórica da interseccionalidade, diz:

Feministas negras e não-brancas, em diferentes épocas e lugares, foram responsáveis por articular e pesquisar o caráter entrelaçado das formas de dominação, como intersecções de gênero, raça, classe e sexualidade, alegando que fazer isso é uma forma de construir e desenvolver um conhecimento mais amplo nas/sobre as sociedades. Escolher um aspecto como único eixo importante de análise é uma limitação para qualquer pesquisa.

Ao situar a interseccionalidade como um aparato teórico reivindicado, principalmente, por feministas negras, não é de se surpreender que o termo tenha sido amplamente criticado no âmbito acadêmico pelas disputas de poder imbricadas no processo. Fernanda Carrera (2021), ao propor a Roleta Interseccional como ferramenta de análise em pesquisas no campo da Comunicação, apresenta algumas críticas feitas ao conceito, como a suposta centralização das opressões de gênero e raça em detrimento da classe, por exemplo, como se houvesse uma hierarquização de quem sofre mais. No entanto, a autora é enfática ao dizer, a partir de teóricas como Patricia Hill Collins (2017) e Carla Akotirene (2019), que a interseccionalidade abarca todos os marcadores sociais que se mostrarem relevantes durante o processo de análise; estes devem ser considerados para uma maior complexificação do fenômeno abordado quando assim for cabível.

É importante ter cuidado, no entanto, para que não haja um esvaziamento da proposta a partir de um olhar superficial e que desconsidera as bases da interseccionalidade. Carrera (2021, p. 5) aponta que o resultado de qualquer trabalho que se preste a utilizar o conceito deve “emanar ares de manifesto e denúncia, porque seu princípio é, irremediavelmente, o da justiça social”. Não existe a possibilidade, então, de pensar em uma pesquisa distante e hierarquizada, na qual se supõem os papéis de um pesquisador, isento, e um objeto de estudo passivo, meramente observado, como o fazer científico “clássico” estabelece em suas normas. Concordamos com Guimarães Corrêa (2022, 139) que “se quisermos mudança na prática, a maneira com que temos construído a teoria até agora deve mudar também”. Da mesma forma, não podemos pensar em uma pesquisa que se aproveita da interseccionalidade enquanto um aparato teórico-metodológico

e se basta em descrições de um fenômeno. Ao tratarmos de sujeitos multiplamente oprimidos, o caráter de denúncia e a busca por justiça social estão imbricados, indispensáveis ao trabalho.

A partir disso, reconhecendo que a interseccionalidade é, sem dúvidas, um termo que nasceu junto com feministas negras que lutaram e lutam para que suas reivindicações sejam consideradas, entendemos que a abordagem seja essencial para complexificar as masculinidades negras, como já mencionado. A articulação é usada em diversos trabalhos da Comunicação, como a pesquisa desenvolvida por Fernandes e Peruzzo (2024), na qual os autores investigaram as representações das masculinidades negras em publicações da *Natura*, entre 2018 e 2020, articulando a semiótica e a interseccionalidade. Entre os resultados, os pesquisadores perceberam, por exemplo, uma forte presença de tais corpos em datas comemorativas e em publicações de cunho social, especialmente no que diz respeito ao cuidado com a natureza, muitas vezes ocupando uma posição de trabalho nas cenas apresentadas, perpetuando os lugares e ausências comuns ao negro no imaginário brasileiro.

Meirinho e Carrera (2023), por sua vez, estabelecem um diálogo com a produção artística de Antonio Obá, do Distrito Federal, e Tiago Sant’Ana, da Bahia, com o intuito de observar os modos com que tais sujeitos abordam as masculinidades negras em suas respectivas performances. Através de diferentes manifestações, os pesquisadores reforçam a potencialidade da arte como um espaço de contestação aos mecanismos de fixação do homem negro em uma pretensa homogeneidade. Para os autores, ainda, tais movimentos servem como uma ferramenta de combate e “recusa aos estereótipos de medo, objetivação e mercantilização associados à representação de homens negros” (*ibidem*, p. 4).

As pesquisas, em diálogo, ajudam a evidenciar não apenas a busca pela manutenção de hierarquias, quando homens negros são invisibilizados em publicações da *Natura* ou ocupam lugares que os reinscrevem na lógica racista brasileira, como também o processo possível — e complexo — de reivindicar novas narrativas para si e para o coletivo, confrontando a lógica colonial. No entanto, essa suposta linearidade, da subalternização à autoafirmação, não diz de uma totalidade; afinal, mais uma vez, reforçamos que as masculinidades negras são complexas e contraditórias.

Lembremos do que Du Bois (2021) diz sobre a dupla consciência do negro, desta vez pensando a partir de um assujeitamento que também é duplo: ele se observa a partir do olhar do branco, aquele fundamental à colonização, que nega a humanidade dos negros e busca justificar

o seu extermínio físico, intelectual e cultural; por outro lado, há também o olhar sobre si mesmo que, devido a tantas tentativas de assimilação, em muitos casos passa a funcionar em sintonia com a primeira. Nas palavras de Munanga (2020, p. 22), a alienação atinge profundamente o negro, “em particular o instruído, que tem, assim, a oportunidade de perceber a ideia que o mundo ocidental fazia dele e de seu povo. Na sequência, perde a confiança em suas possibilidades e nas de sua raça, e assume os preconceitos criados contra ele”. Nesse processo se dá, então, a procura por máscaras brancas que dissolvam a racialização do negro e o torne reconhecido no seio da masculinidade hegemônica. No entanto, pesquisadoras como Sueli Carneiro (1995) e Neusa Santos Souza (2021) são enfáticas ao dizer que essa tentativa de assimilação, em busca por poder e reconhecimento, é inútil e leva a um beco sem saída. Pode suavizar certas agressões, claro, mas um homem negro sempre será o que é, nunca apenas um *homem*, sujeito universalizado. Nas palavras de Faustino (2014, p. 81), “o negro, não importa o quanto se pinte, mutile ou se esconda em uma máscara branca, jamais alcançará” o estatuto desejado. Até mesmo aqueles que se tornam figuras emblemáticas, famosas no imaginário brasileiro e que experimentam certa mobilidade social, não têm poder real, já que não são legitimados por instâncias econômicas ou acadêmicas, por exemplo, “elementos concretos que investem de poder pessoas ou segmentos em nossa sociedade” (Carneiro, 1995, p. 547).

Concordamos com os direcionamentos dos autores citados no que diz respeito a essa busca pela validação da masculinidade hegemônica na sociedade, mas reconhecemos também, a partir do alerta dado por Ribeiro e Faustino (2017), que existem outras formas de ser um homem negro no contexto brasileiro, apresentando-se como sujeitos que questionam e rejeitam os realidades impostas: a construção do imaginário racista brasileiro que os subjuga e os fixa em representações de violência, ludicidade e ignorância; as tentativas de assimilação e desracialização em busca de um reconhecimento inalcançável; o uso de opressão a demais grupos marginalizados, como mulheres e sujeitos da comunidade LGBTQIAPN+, em vistas de uma elevação da própria condição subalterna. A partir do momento em que enclausuramos os homens negros como “corpos ansiosos pela auto-realização e por um lugar de respeitabilidade patriarcal na vida pública que não se completa” (*ibidem*, p. 168), corremos o risco de dar continuidade ao que Ramos (1995) chamou de negro-tema e foi enfaticamente contra, já que até mesmo os trabalhos com as melhores intenções poderiam contribuir com a manutenção do racismo na academia a partir de uma limitação do negro a uma busca inalcançável. Nos

propomos a pensar, portanto, de um lugar do negro-vida ao entender que “não se poder dar uma versão definitiva” (*ibidem*, p. 215) dos sujeitos, pois eles são complexos e não podem ser confinados em tentativas de definição.

O trabalho de Meirinho e Carrera (2023), por exemplo, é fundamental ao traçar uma interlocução com homens negros que, por meio da performance artística, criticam e questionam as expectativas sobre seus corpos, além de reivindicarem novos lugares e possibilidades para si. Para os autores, “se os caminhos do homem negro, por tanto tempo, foram traçados e circunscritos à vontade branca, é a apropriação da sua materialidade o primeiro passo para a construção e reivindicação da liberdade” (*ibidem*, p. 20), indo ao encontro dos preceitos da Negritude, como apresentado anteriormente. Além disso, é válido acionar também a esfera da representação como um espaço de disputas em relação ao negro e as formas com que ele é percebido socialmente. As teorias biológicas racistas que buscavam comprovar a inferioridade do negro foram refutadas, ao longo do tempo, mas os efeitos sociais e culturais de tais argumentos permanecem até os dias atuais (Munanga, 2020; Fernandes; Peruzzo, 2024). No entanto, eles são disputados por aqueles que recusam a imposição da norma colonial sobre si, seja nos movimentos sociais, no âmbito acadêmico e/ou na esfera da representação midiática, como a literatura.

## **2.4 Estereótipos, representações e relações de poder**

O senso comum pode nos levar a pensar nos estereótipos apenas como caracterizações distorcidas e irreais de determinados grupos sociais, principalmente aqueles que são marginalizados a partir de uma norma hegemônica, como pessoas negras, mulheres e/ou membros da comunidade LGBTQIAPN+, por exemplo. No entanto, pesquisadores que debatem em torno do tema, como Stuart Hall (2016) e Flávia Biroli (2011), nos convidam a complexificar o pensamento.

Em *Cultura e Representação*, Hall propõe uma distinção entre estereotipagem e tipificação a partir dos estudos de Richard Dyer (1977). O autor parte do pensamento de que a tipificação é fundamental para que possamos extrair sentido do mundo, decodificando pessoas, cenários e objetos a partir do compartilhamento de características que circulam em determinada sociedade. Existe, assim, uma simplificação de tudo aquilo que nos cerca para que seja possível

estabelecer interações com outros sujeitos, algo fundamental ao nosso modo social. Já a estereotipagem surge a partir do exagero de tais simplificações, homogeneizando um grupo social a determinadas características e buscando, acima de tudo, fixar a diferença como parte da natureza daqueles indivíduos, em oposição a uma construção cultural, como de fato é. Ao pensar na estereotipagem a partir da marcação racial, Hall (2016, p. 171) diz que “a lógica por trás da naturalização é simples. Se as diferenças entre negros e brancos são ‘culturais’, então elas podem ser modificadas e alteradas. No entanto, se elas são ‘naturais’ - como acreditavam os proprietários de escravos - estão além da história, são fixas e permanentes”. Assim, seria possível manter a ordem vigente da hierarquia, tanto o lugar de comando como o de subserviência, sem enfrentar possíveis contestações.

Em outra instância, o estereótipo pode ser visto também por sua capacidade de instituir o Outro, o anormal, aquele que não cabe nas regras sociais estabelecidas e deve ser marcado como patológico, forasteiro (*ibidem*). Temos, então, uma lógica de separação entre “nós” e “eles” que evidencia, portanto, uma dimensão de poder: afinal, quem pode se definir como detentor da norma e criar o seu oposto ideal reclama para si uma superioridade que não existe em termos concretos, mas passa a assumir forma física e simbólica na sociedade, como demonstra a questão do colonialismo, mencionada anteriormente.

Flávia Biroli (2011), por sua vez, trabalha a partir da ideia de que, ao falar sobre estereótipos, precisamos deixar de lado a ideia de que tais características sociais são puramente distorção ou irreabilidade. Para a autora, em concordância com Hall (2016), os estereótipos dizem de uma simplificação que, conseqüentemente, retiram a complexificação dos indivíduos, desconsiderando suas respectivas histórias de vida e particularidades, mas que estão imbricados na vida social: eles não são pensados e difundidos a partir das experiências dos sujeitos, mas, antes, atuam como uma base formativa na construção de tais identidades. É importante demarcar que Biroli, em seu texto, não está dizendo que devemos aceitar os estereótipos de forma passiva ou que as características em circulação são condizentes com os grupos sociais. Pelo contrário, nas palavras da autora:

Ainda que sejam fantasias ou simplificações equivocadas – “as mulheres são maternais” – [os estereótipos] podem estar na base das identidades e dos papéis sociais e, portanto, constituir uma realidade bastante palpável e que tem impacto sobre o modo como as relações afetivas e de poder se organizam (*ibidem*, p. 76).

A partir disso, é válido notar o caráter produtivo dos estereótipos. Permeando a sociedade e impregnados no imaginário, passados de geração em geração, as categorias estereotípicas são perpetuadas como caixas em que os sujeitos devem se adaptar continuamente para caber, ainda que não seja o que eles esperam ou desejam. Quando o indivíduo age de acordo com os padrões esperados para ele, acaba por confirmar os estereótipos, criando uma espécie de sobreposição entre as imagens compartilhadas socialmente e a realidade, no que poderia se chamar de profecia autorrealizadora, na qual alguém, ao tentar contornar um suposto destino, acaba o confirmando, dando a entender que sua jornada é impossível de ser alterada<sup>6</sup>. De forma semelhante, Hall (2016), ao refletir sobre as masculinidades negras, nos leva a perceber que até mesmo os movimentos de fuga podem levar à reinserção dos sujeitos na fantasia dos estereótipos. Os homens negros, desde o período da escravidão, são fixados em imagens de violência e hiperssexualidade, sempre atrelados ao corpo, ao físico; para o autor, os senhores brancos, como forma de contê-los, diante do medo e do desejo, desenvolveram formas de castrá-los simbolicamente, a princípio<sup>7</sup>, ao minar sua masculinidade de diferentes maneiras, como a negação da autoridade e da responsabilidade no âmbito familiar. O branco adquire, então, uma aura paternal, relegando ao homem negro um lugar de infantilização e necessidade de cuidado. A partir daí, inicia-se um movimento de recuperação da “macheza” por meio da adoção de valores patriarcais, como demonstração de força física, alta performance sexual e a busca por estar no controle, visando, assim, comprovar a própria masculinidade. No entanto, o movimento “só serviu para confirmar a fantasia dos brancos sobre a natureza sexual ingovernável e excessiva dos negros” (*ibidem*, p. 199), evidenciando a armadilha do estereótipo, em que tais características são confirmadas mesmo na tentativa de oposição, levando a uma profecia autorrealizadora.

Novamente pode parecer que estamos diante de um beco sem saída: para Flávia Biroli (2011), os estereótipos aparecem como uma condição formativa das identidades, feitos para moldar os indivíduos; para Hall (2016), sujeitos que tentam negar os estereótipos que engendram o seu corpo podem acabar por confirmá-los em uma armadilha que parece impossível de escapar.

---

<sup>6</sup> O termo é usado por Sueli Carneiro (2023) no contexto da racialização dos negros no Brasil. Para a autora, a pobreza a qual os sujeitos estão submetidos, junto a falta de acesso à educação e empregos de qualidade, os leva a confirmar as expectativas que o imaginário racista compartilha, concretizando a profecia autorrealizadora.

<sup>7</sup> Em casos extremos de linchamento de homens negros em público, a castração do pênis também acontecia como forma de controle, como apresentado por Hall (2016).

No entanto, ainda no mesmo livro, em *Cultura e Representação*, Hall nos oferece alguns caminhos para pensar a contestação dos estereótipos em sua dimensão prejudicial, de subjugação, reconhecendo que abolir a tipificação como um todo é impossível, já que as simplificações são imprescindíveis para a comunicação humana. O autor, ao falar sobre suas obras, afirma: “Meus escritos são criados em função de situações concretas, são sempre intervenções. Estão sempre procurando redirecionar uma dada situação” (Sovik; Buarque de Hollanda, 2004 *apud* Sovik, 2020, p. 2), e é o que ele faz no livro ao mostrar caminhos que podem ajudar a enfraquecer o poder exercido pelas caixas estereotípicas.

As contraestratégias, como nomeadas por Hall, são apresentadas em três seções específicas nas quais o autor apresenta o potencial de cada uma delas, assim como suas respectivas fraquezas e possíveis contestações. Em todas, é possível perceber a dimensão da imagem, do aspecto visual e representativo, como essencial ao combate contra a fixação do lugar do negro em determinados estereótipos, como é o foco trabalhado por ele. De forma breve, podemos conceituar os movimentos como 1) a inversão de papéis, na qual a representação do negro adquire complexidade para além dos extremos, como ser sempre bonzinho ou sempre vilanesco; “os negros não são piores, nem melhores que os brancos. Eles têm os formatos humanos normais - bom, mau e indiferente” (Hall, 2016, p. 213 - 214); o alerta dado pelo autor diz de uma tendência a tentar combater os estereótipos a partir de sua inversão literal, o que pode nos levar a cair na armadilha já mencionada; 2) a segunda estratégia é pensada a partir da tentativa de substituição de imagens negativas de pessoas negras por versões positivas que acionem questões da experiência dos sujeitos e de suas respectivas culturas. O movimento “expande muito a gama de representações raciais e a complexidade do que significa ‘ser negro’, desafiando assim o reducionismo dos estereótipos anteriores” (*ibidem*, p. 216); aqui, Hall alerta para as situações em que tais imagens positivas são apropriadas com o intuito de vender, criando uma espécie de espetáculo, mas do que conscientizar e promover um sentimento de orgulho; e 3) fala de uma contestação das formas de representação das pessoas negras e suas vivências, entendendo suas complexidades e imutabilidade, travando uma luta quanto aos significados vigentes. Nas palavras de Hall (*ibidem*, p. 219)

[...] em vez de evitar o corpo do negro, por estar ele tão absorvido pelas complexidades de poder e subordinação dentro da representação, essa estratégia o toma positivamente, como o principal local de suas estratégias representacionais, tentando fazer com que os estereótipos operem contra eles próprios. Em vez de evitar o perigoso terreno aberto

pelo entrelaçamento entre sexualidade, gênero e "raça", contesta de forma deliberada as definições sexuais e de gênero dominantes da diferença racial que operam sobre a sexualidade dos negros.

É uma forma de incentivar o estranhamento ao olhar hierarquizado que se tornou habitual ao falar sobre a relação entre brancos e negros, mas que pode ser contestado. O autor faz um convite para que tentemos revelar os desejos ocultos por trás dos estereótipos difundidos, principalmente em uma dimensão de erotismo em direção ao negro, seja devido ao “perigo” do homem negro hiperssexual, do pênis grande, ou da mulher negra de nádegas avantajadas, como é o caso da Vênus Hotentote, passível de ser exibida e observada mesmo depois de sua morte; ou da mulata, ideal para fornicar, mas nunca para casar, já que esse lugar é reservado às mulheres brancas (Ramos, 1995).

A possibilidade de “deslizamento” dos estereótipos, como trabalhado por Hall (2016), nos é interessante por evidenciar a influência dos processos sociais, em suas respectivas dimensões temporais, locais e de produção, na construção das representações em circulação e, conseqüentemente, no desenvolvimento de contraestratégias capazes de questionar e enfraquecer as caixas estereotípicas. O cinema é citado pelo autor como um espaço midiático capaz de propagar imagens positivas da experiência negra, assim como inverter estereótipos, ainda que muitas produções do início do século XX, apesar das boas intenções, tenham reinserido os sujeitos em lugares demasiadamente simplificados, redutores e essencialistas (Sovik, 2020). Por isso, pensar o lugar da produção no contexto midiático também se mostra como uma tarefa relevante ao reconhecer a importância de ver grupos marginalizados saírem do lugar de objeto, de observação, para um lugar de criação e contação de histórias, desafiando as hierarquias sociais dos espaços que elas podem ocupar. Dizemos isso por entendermos, de acordo com Hall (2016), que, quando a temática racial passou a ser abordada no cinema, foi a partir de uma perspectiva da branquitude, ainda com muito receio de lidar com o tema de forma profunda e a entrada de cinegrafistas negros no mercado, como é o caso de Spike Lee, gerou mudanças perceptíveis no cenário<sup>8</sup>.

Entendemos que a reivindicação por sujeitos falando de seus respectivos grupos e pertencimentos sociais também se mostra como uma contraestratégia importante no cenário dos estereótipos. Não pensamos exclusivamente de um lugar de redenção de pessoas negras, por

---

<sup>8</sup> Ainda que as obras do cineastas também sejam passíveis de críticas, como propõe bell hooks, ao afirmar que os filmes de Spike Lee objetificam as mulheres negras e criam “experiências confortáveis para o público branco” (Miranda, 2021, online).

exemplo, ou de uma representação feliz em absoluto desses corpos, mas sim de uma complexificação que leva em conta também aspectos das experiências dos sujeitos. Em consonância com a terceira estratégia de combate aos estereótipos descrita por Hall, como citado anteriormente, acreditamos também que essa posição de falante permite confrontar e desnudar aspectos que partem de sujeitos brancos e permanecem em silêncio, ainda hoje, no Brasil. Concordamos com Biroli (2011) que não podemos pensar os lugares de produção de forma equivalente, como se discursos hegemônicos, que circulam em espaços da grande mídia, por exemplo, tivessem a mesma força que falas subalternizadas que circulam na mídia “alternativa”. A autora é enfática ao afirmar que “alguns grupos sociais, ou segmentos desses grupos, detêm os meios para divulgar ampla e positivamente seus valores e marcar negativamente outros grupos ou coibir a propagação de outros valores” (*ibidem*, p. 82). É um embate injusto e desigual, mas que promove rachaduras e pode levar a mudanças, como é o caso da fotografia e do cinema, como discutido por Stuart Hall ao pensar a imagem, e a literatura, como nos propomos a refletir por meio da construção - e tentativa de reconstrução - do imaginário social brasileiro. O processo de escrita se mostra, assim, como uma ferramenta potencial de combate contra as tentativas de fixação e naturalização dos estereótipos sobre o negro.

### 3. “A GENTE COMBINAMOS DE NÃO MORRER”: EXPERIÊNCIA, ESCRITA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ENTRE SUJEITOS NEGROS

Eduardo de Assis Duarte (2020), ao falar sobre a obra de Conceição Evaristo e o seu lugar em meio ao contexto social no qual vivemos, faz um apanhado minucioso que evidencia a associação secular entre o negro e a escrita. Por meio da sua exposição, percebemos que o conteúdo escrito por tais sujeitos, por muito tempo, permaneceu focado em retratar as narrativas do período de escravização por meio de crônicas, relatos e memórias daqueles que observaram de perto as crueldades impostas aos negros e negras forçados a vir para o Brasil em condição subalterna. Com o passar do tempo e com um certo distanciamento do período escravista, ainda assim as temáticas de violências e servidão continuaram pungentes na literatura — é o caso das *neo slave narratives*<sup>9</sup>, termo usado pelo próprio autor, resultando em uma narrativização da realidade e, conseqüentemente, da dor empreendida contra tais corpos, ainda que haja também dimensões de memória e denúncia imbricadas nas descrições da época. Para Duarte, a narrativa ficcional que ganha forma a partir de mãos negras não abandona por completo tal passado, forjando o que, para o autor, seria a autoficção — ou a inscrição da memória nos escritos da ficção afro-brasileira contemporânea: há “a *presença do passado* – um *passado que não passa* – e que remete tanto aos ancestrais e seus reverenciados saberes, quanto aos antepassados, com suas vivências e sofrimentos, hoje reproduzidos nos périplos dos descendentes” (*ibidem*, p. 82, grifos do autor). A autoficção, portanto, descreve esse movimento de exposição de dores que nos atravessam, mas não de forma gratuita ou com o intuito único de catarse, e sim como meio de evidenciar as manifestações do racismo e suas inúmeras formas de opressão — o que, em um país no qual o mito da democracia racial ainda é tão forte, é de grande necessidade (Guimarães Corrêa; Bernardes, 2019).

Podemos entender que esse processo se mostra como uma apropriação da escrita. Assim como dito por Antônio Bispo dos Santos (2016), este formato de linguagem foi, por muito tempo, usado como arma para oprimir e objetificar aqueles que não a dominavam. Direitos eram perdidos e moradias eram tomadas, tendo como justificativa os papéis que afirmavam tal posse, ainda que quilombolas e indígenas pertencessem àquelas terras por gerações. No entanto, aprendemos a ler o inimigo e jogar conforme suas regras, usando sua própria arma como defesa.

---

<sup>9</sup> Algo como “novas narrativas de escravidão”, em tradução livre.

Tornamo-nos tradutores, em um movimento coletivo, ao apreender as investidas da branquitude e desenvolver estratégias de impedância ao resistir e agir ativamente (Guimarães Corrêa, 2023). Se, após a abolição da escravatura, o intuito era apagar as atrocidades cometidas contra pessoas negras e perpetuar uma suposta liberdade pautada na democracia racial, os relatos e memórias foram escritos diretamente para registrar o que tinha acontecido, de fato, a partir de quem viu, ouviu e viveu as violências em suas diferentes imposições. Da mesma forma, se a busca por literatura estava direcionada à ficção, a procura de entretenimento, autorias negras se fizeram e fazem presentes neste meio, inscrevendo questões de raça ou simplesmente complexificando personagens negros e humanizando-os por meio da palavra escrita.

Nesta mesma perspectiva, Pâmela Guimarães-Silva (2023), no livro resultante de sua tese de doutorado, argumenta que a escrita é uma ferramenta essencial para que pessoas negras, principalmente as mulheres, façam-se vistas e ouvidas, “hackeando” a sociedade racista e machista que busca apagá-las da história. Ao resgatar publicações de Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro e Marielle Franco, a autora evidencia que a escrita é fundamental para relatar, denunciar e contar a história de forma crua, sem os malabarismos midiáticos que tentam amenizar as opressões direcionadas aos nossos corpos. Além disso, as publicações trazem à tona também o teor informativo empreendido por essas mulheres, visando comunicar o coletivo a respeito de cuidados específicos que precisam ser tomados, como no âmbito da saúde, assim como evidenciar atitudes preconceituosas que podem passar despercebidas no dia a dia. Existe, portanto, uma busca pelo bem-estar conjunto do povo preto e pela educação racial daqueles que têm acesso ao material.

No entanto, para o nosso trabalho, compreendemos o potencial da escrita feita por mãos negras não apenas ao descrever a realidade de forma direta, mas também em seu sentido além, encorpado por meio da fabulação. Concordamos com Maria Dolores Sosin Rodriguez (2022, p. 21) ao pensar o ato como uma “condição incontornável para a possibilidade de vida” das pessoas racializadas negras. Em um contexto de contínua violência, seja física e/ou simbólica, o ato de fabular adquire a potencialidade de nos manter vivos ao acreditar em futuros possíveis e criá-los junto aos nossos pares, nos fortalecendo, educando e incentivando. Rodriguez pensa a importância da fabulação ao lembrar sua infância: uma garota negra em um meio majoritariamente branco com o desejo de seguir um caminho intelectual - uma correlação inaceitável em meio à lógica do racismo (Guimarães Corrêa; Bernardes, 2019). Mas para

Rodriguez (2022, p. 23) o livro, assim como a literatura, a fizeram perceber que havia mais do que o mundo do aqui e agora, muitas vezes doloroso e que pode afetar a esperança: “aqueles livros inventavam, fabulavam possibilidades de existência que antes pareciam insuspeitas e, depois, nos demos conta de que aqueles livros também eram, no começo e no fim das contas, uma forma de comprometimento com as mudanças sociais que desejávamos”. A fala da autora vem de encontro ao que *Homens Pretos (Não) Choram* representa: a possibilidade de falar sobre masculinidades negras e vulnerabilidade, algo que por si só permaneceu por muito tempo no lugar da ausência e do impensável. No entanto, por meio da fabulação, mas também recorrendo à memória e à experiência, Volp coloca-se como um mediador para que essa materialização aconteça.

O autor, em entrevista a Camilla Millan para a Rolling Stones (2021)<sup>10</sup>, contou sobre o processo de escrita do livro e o quão difícil foi colocar em palavras experiências pelas quais ele passou ao longo da vida. “Tem muitas coisas de mim nele” (*ibidem*, n.p), afirma Volp ao falar sobre a obra. Ainda que o livro não seja vendido como autobiografia, concordamos com Conceição Evaristo, em entrevista a Júlia Dias Carneiro (2018, n. p) que “o texto literário, no caso da autoria negra, carrega a nossa subjetividade na própria narrativa”, imbricados em todas as palavras. Ou seja, além da dimensão da fabulação, conforme trabalhado acima, *Homens Pretos (Não) Choram* aciona também a perspectiva das experiências, sejam próprias ou compartilhadas por um sentido coletivo.

Ao pensarmos em um contexto histórico e cultural, as experiências de pessoas negras enquanto produção de conhecimento validada foi negada por muito tempo. As ferramentas operacionalizadas pelo racismo, ao nos instituir como não-ser e negar o nosso lugar de sujeito (Carneiro, 2023), deslegitimam também os nossos saberes e as formas de construí-lo. Nos termos de Patricia Hill Collins (2022), nos é negada uma autoridade testemunhal, já que a validação do que pode ser considerado conhecimento é dada a partir de uma comparação com as regras epistemológicas vigentes, determinando quem pode ser ouvido e quem deve ser silenciado. A perspectiva do saber racional permanece solidificado até os dias atuais como a principal forma de produzir conhecimento, reforçando uma supervalorização do ambiente acadêmico e do fazer

---

<sup>10</sup> Disponível em:

<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/com-cronicas-sensiveis-homens-pretos-nao-choram-quebra-estereotipos-enquanto-stefano-volp-fala-sobre-masculinidade-na-ficcao-quanto-mais-vulneravel-somos-mais-se-identificam-entrevista/>. Acesso em 28 jun. 2024.

ciência nos moldes tradicionais, lê-se “nas normas da branquitude e sob preceitos eurocêntricos”. Ao passo que estas normas foram questionadas, houve um esforço em recuperar vozes que por muito tempo foram marginalizadas, como as teorias desenvolvidas por pessoas negras, indígenas e quilombolas, por exemplo. Destacamos a importância desse compromisso e os tantos efeitos positivos notados, desde uma valorização do conhecimento produzido por pessoas racializadas até o maior incentivo a alunos e alunas que ingressam no ensino formal e podem ter contato com corpos que se aproximam dos seus, ainda que a branquitude continue representando a maioria esmagadora nesse sentido. No entanto, os questionamentos à norma não podem parar. Entendemos que a relação entre estudantes negros e ensino continua sendo altamente conturbada, ainda que se fale em uma democratização do acesso ao conhecimento: de casos em que professores do ensino básico despendem mais tempo elogiando alunos brancos, criando uma diferença de tratamento em relação aos negros (Cavalleiro, 2000; Carneiro, 2008); passando pelo não reconhecimento entre estudantes travestis e transexuais negros/as e o corpo docente, administrativo e discente dos espaços escolares que frequentam (Oliveira, 2023); à competição empreendida e comparação sentida por estudantes negros do ensino superior como forma de mostrar o seu potencial e serem vistos como os melhores de suas respectivas turmas em uma tentativa inalcançável de se aproximar do padrão da branquitude por meio de notas e títulos (Moura, 2022).

Portanto, se estudantes negros evadem das escolas e universidades pelas violências sofridas, significa dizer que suas produções devem ser ignoradas e invalidadas por não seguirem o caminho dito tradicional? Guimarães Corrêa (2022) discorda. Ao retomar os preceitos do feminismo negro, a pesquisadora reforça a importância da experiência vivida e dos relatos de suas trajetórias como formas legítimas de construir conhecimento sobre o mundo, combatendo a ideia de que seriam uma mera descrição. Pelo contrário: a reflexão sobre a própria experiência pode levar “à ação política e à formulação de políticas, que, circularmente, podem interferir nas experiências vividas de indivíduos e grupos” (*ibidem*, p. 130). Podemos pensar em um circuito semelhante a partir de *Homens Pretos (Não) Choram* nesta pesquisa: experiências sobre masculinidades negras foram transformadas em um livro, interferiram diretamente na minha vida, assim como de tantas outras pessoas que compartilham seus relatos em resenhas e publicações nas redes sociais, e têm sido usadas para fundamentar trabalhos no Campo da Comunicação cujo intuito é pensar a respeito das fugas propostas no livro ao representar o

homem negro capaz de acessar sua vulnerabilidade. Um círculo em que experiência e produção de conhecimento estão altamente relacionadas sem que haja uma hierarquia por grau de importância ou maior impacto.

De forma semelhante, Grada Kilomba (2019), em *Memórias da Plantação*, retoma experiências próprias de racismo que sofreu ao chegar em um novo país para desenvolver a sua pesquisa. Sendo uma mulher negra em Berlim, na Alemanha, muitas vezes o seu lugar enquanto acadêmica foi questionado. Kilomba usa esses episódios, assim como experiências vivenciadas por mulheres negras que contribuíram com a sua pesquisa, para denunciar as diferentes manifestações do racismo no cotidiano, muitas vezes de maneira sutil, mas presente. Sua tese de doutorado, que foi honrada com uma alta distinção acadêmica, contribui, desde 2008, com o processo de letramento racial de pessoas negras ao redor do mundo inteiro, além de ser citada com frequência no próprio espaço acadêmico, já que a pesquisadora critica trabalhos que usam pessoas racializadas meramente como objetos investigativos, em uma lógica hierárquica de pesquisador (detentor do conhecimento) e objeto de pesquisa (sob a lupa, analisado, estranho), confrontando-a diretamente.

Pensar a partir da experiência adquire, para nós, uma dimensão capaz de levar a elaborações críticas e profundas de acordo com a área em que é trabalhada, seja na literatura ou no âmbito acadêmico, conforme citado anteriormente, mas também em práticas sociais que se estendem por situações interacionais diversas. Portanto, acreditamos que trazer a tona mais vozes, impressões e vivências seja essencial não apenas em termos metodológicos, no que diz respeito à profundidade desta pesquisa, mas também como um movimento político ao reconhecer que discursos marginalizados historicamente devem circular no meio acadêmico como fundamentação teórica, metodológica e até mesmo ética, ao confrontar o lugar do pesquisador como único detentor do conhecimento válido. Ainda, em consonância com o trabalho de Letícia Nascimento (2021, p. 37), entendemos que “a marginalidade é um estímulo à criatividade”, promovendo percepções únicas de estar no mundo e experienciá-lo, motivando-nos ainda mais o nosso desejo de ler, ouvir e criar diálogos efetivos com aqueles que são postos à margem da produção de conhecimento “tradicional”.

Os trabalhos de Regina Dalcastagnè nos dão fortes evidências da hegemonia que existem dentro do mercado editorial, especificamente no âmbito da autoria. A autora direciona o seu olhar para o âmbito da representação na literatura e tem desenvolvido fortes análises a respeito

das ausências físicas e simbólicas que acontecem em diferentes instâncias do processo de escrita e leitura do romance brasileiro. Em um levantamento extensivo, Dalcastagnè (2021), junto aos colaboradores da Universidade Federal de Brasília, analisou 2.890 personagens distribuídos em 689 romances publicados no Brasil entre 1965 e 2014. A pesquisa tinha como objetivo entender de que forma a ficção representava os sujeitos em termos de gênero, raça, classe e sexualidade, assim como demais atravessamentos sociais que se mostrassem relevantes àquela etapa da investigação. A ausência de corpos minorizados foi notada com índices alarmantes, relegando às mulheres, pessoas negras, membros da comunidade LGBTQIAPN+ e pobres a ausência quase completa, o que poderia remeter à invisibilidade no romance brasileiro como reflexo da sociedade. No entanto, a autora complexifica a situação ao nos mostrar que a questão não é unicamente da ordem da representação na ficção, pois alcança também o lugar do observador, ou seja, o autor — responsável por dar vida à narrativa em circulação. Nas palavras de Dalcastagnè (2021, p. 110, grifos da autora): “É *ele*, o observador (que somos cada um de nós, nossos escritores preferidos, nossos melhores narradores) que escolhe (obviamente imerso em sua própria experiência, de classe, de gênero, de vida) o que quer, o que pode (o que queremos, o que podemos) *ver*”.

Propomos uma adição à constatação de Dalcastagnè ao pensar que não estamos lidando apenas com a construção visual de um sujeito conforme avançamos em uma leitura, mas também com a sua voz, ainda que simbolicamente. Os personagens falam, seja por meio de aspas e travessões ou de seus pensamentos, quando os acompanhamos quase por telepatia. Dessa forma, o autor tem o poder não apenas de ditar o que e quem é visto, mas também quem fala; o que fala; como fala; de onde fala. Por meio de suas palavras, portanto, é escolhido quem tem direito a voz, assim como aqueles que serão silenciados.

Nesse sentido, percebemos também a dimensão da experiência como uma parte fundamental da representação, seja nas artes gráficas ou em produções audiovisuais, assim como na literatura. Concordamos com Paula Simões (2010, p. 2) ao pensar que “a experiência se refere ao nosso estar no mundo, ao modo como o apreendemos, como nos relacionamos com ele e com os outros indivíduos na vida cotidiana”. Entendemos, então, que o autor, inserido nesta rede de interações, afeta e é afetado pelo mundo à sua volta. A forma com que ele experiencia o mundo e o interpreta influencia no modo com o qual as suas histórias são contadas, assim como as representações construídas. Em nosso trabalho, o perfil do autor é passível de investigação por

considerarmos que os atravessamentos identitários que o formam dizem também do seu trabalho que se mostra por meio da escrita. De acordo com os dados coletados previamente por Dalcastagnè (2021, p. 121): “Os números indicam, com clareza, o perfil do escritor brasileiro. Ele é homem, branco, aproximando-se ou já entrado na meia-idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo”. Diante deste cenário, é válido questionar o motivo dos corpos negros não chegarem “lá”, o espaço do privilégio da publicação tradicional que “passa pelo filtro das grandes editoras, atinge um público mais amplo e influencia novas gerações de produtores literários” (*ibidem*, p. 113). Sabemos a resposta para tal impedimento e concordamos com Laura Guimarães Corrêa e Mayra Bernardes (2019, p. 203) que

[...] é necessário chover no molhado, reafirmando a existência do racismo, expondo suas raízes históricas e sua permanência na contemporaneidade, uma vez que muito mais tempo foi investido em tentativas de esconder as profundas feridas causadas pela combinação cruel entre racismo e colonização.

Por meio das vias de opressão, a escrita foi e é negada aos negros brasileiros de diferentes formas, como trabalhado por Beatriz Nascimento em texto da década de 1980 e resgatado em uma obra organizada por Alex Ratts (2022). No texto, a autora nos leva a refletir sobre a ausência da escrita na vida destes sujeitos devido ao analfabetismo e à demora em implementação de elementos da cultura negra no ensino. Somado a fatores como mortalidade e crise econômica, assim como o contínuo preconceito, descendentes de africanos foram objetivamente excluídos do processo educacional por muitos anos, afastados, conseqüentemente, da escrita. Além disso, Nascimento também reflete sobre a perda da objetividade da oralidade, já que com o afastamento do continente africano e a imposição da colonização o costume passou a ser apenas da ordem do imaginário. Com a folclorização da oralidade e a falta de acesso aos espaços tradicionais de conhecimento, podemos perceber uma sequência de estratégias para dificultar o contato entre o negro e a escrita.

Apesar disso, sempre houve pessoas negras escritoras, mas o reconhecimento e a valorização de suas obras são tardias, chegando, muitas vezes, após suas mortes. É o caso de Carolina Maria de Jesus, autora de *Quarto de Despejo*, uma das obras brasileiras mais aclamadas tanto no cenário nacional quanto internacional, cuja autora, após a ascensão financeira com a publicação do seu primeiro livro, voltou à pobreza quando as editoras perderam o interesse no que ela tinha a dizer. Carolina, uma mulher negra, narrava as dificuldades de criar seus três filhos

em um barraco, sem dinheiro, sem comida, expostos à doenças e desastres naturais. Viveu seus últimos dias em um sítio, acompanhada pelos filhos, acreditando que sua história seria esquecida. Mas em 2014, junto ao centenário do seu nascimento, sua trajetória foi sendo recuperada e vigora até os dias atuais como um nome de grande relevância para entender as desigualdades que estão entranhadas na sociedade brasileira. Para nós, o exemplo de Carolina Maria de Jesus é ainda mais relevante por evidenciar as opressões interseccionais que vigoram no mercado editorial. Assim como ela, podemos citar também Conceição Evaristo, que cunhou o termo *Escrevivência* e ajudou a disseminar uma ferramenta não apenas literária, mas também acadêmica e política, para que as experiências de pessoas marginalizadas pudessem ser vistas e respeitadas como uma forma válida de conhecimento. Apesar disso, apenas em 2024 ela tornou-se imortal da Academia Mineira de Letras. O feito merece toda a celebração pela representação que Conceição carrega, mas estamos falando da primeira mulher negra a ocupar uma cadeira em tal espaço. Quanto a sua trajetória, a própria Evaristo questiona: “Que regras são essas da sociedade brasileira para vermos uma mulher virar um expoente no campo da literatura só aos 71 anos?”, diz, em entrevista à Júlia Dias Carneiro (2018, n.p). A autora vibra pelos espaços aos quais suas obras têm chegado, mas entende que a posição social que ocupa fez com que sua produção fosse invisibilizada por décadas. Neste sentido, ela reafirma: “o que me fez não é a mídia. Meu primeiro lugar de recepção foi o movimento social negro” (*ibidem*), reconhecendo que seus pares foram os primeiros a darem o apoio que ela merecia.

Percebemos essa relação indissociável entre autoria e obra também em dados numéricos. Ao analisar os autores de romances brasileiros entre 1965 e 1979, não foi encontrada nenhuma pessoa não-branca entre os nomes analisados; avançando para o próximo intervalo observado, que ia de 1990 a 2014, notou-se que o índice sobe de zero para 2,9% (Dalcastagnè, 2021). Uma parcela mínima, quase inexistente, mas que está presente ali, sendo reconhecida e publicada, chegando “lá”, ao menos na teoria. Tal presença nos remete ao fenômeno do Negro Único<sup>11</sup>, trabalhado por Guimarães Corrêa e Bernardes (2019, p. 207), que se refere à “única pessoa negra em meio a um mar de pessoas brancas, seja em campanhas publicitárias, capas de revistas, telenovelas, telejornais etc.”. Ou seja, temos uma presença quantitativa, mas que é emblemática e questionável quanto à sua real potência. Se pessoas não-brancas permaneceram completamente

---

<sup>11</sup> Entendemos que a utilização do termo “não-branco” pode incluir uma gama de identificações étnico-raciais, mas nos apropriamos da ideia do Negro Único a partir da consideração que uma parcela da porcentagem, mínima ou total, deve incluir aqueles que são marcados como pretos ou pardos.

apagadas do mercado editorial, podemos mesmo pensar em uma conquista quando elas alcançam um índice irrisório de aproximadamente nove autores publicados entre o total de 306? Concordamos que “a presença de pessoas negras ainda é rarefeita em posições de visibilidade e/ou poder, sobretudo quando esses espaços estão associados ao exercício da intelectualidade” (*ibidem*, p. 204), como o âmbito literário, no qual o livro é cercado por uma aura de erudição e posse — para ler, é preciso ser alfabetizado<sup>12</sup> e ter dinheiro para adquirir obras físicas ou, no mínimo, um aparelho digital para acessá-las online, como mencionado anteriormente.

Mesmo que pessoas negras consigam contornar tais obstáculos, fortalecendo o capital financeiro e instruindo-se na educação formal, driblando as manifestações do racismo e o machismo intrínsecos ao mercado editorial, como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo bem exemplificam, ainda assim não há um reconhecimento do potencial de tais narrativas. Vemos ser reforçado, então, o pacto da branquitude de continuar privilegiando corpos hegemônicos em espaços de poder (Bento, 2022), resultando em um lugar que supostamente não podemos entrar, “tampouco permanecer para falar com as nossas vozes” (Kilomba, 2019, p. 27). Apesar disso, podemos perceber que tal segmento é continuamente confrontado por autores e autoras negras que entendem a sua potência revolucionária e continuam lutando contra o silenciamento.

É neste cenário excludente e altamente racista descrito anteriormente que Stefano Volp está inserido. O escritor de *Homens Pretos (Não) Choram*, objeto fundamental ao nosso trabalho, é um homem negro, parte da comunidade LGBTQIAPN+ e que chegou a ser publicado por grandes editoras do cenário nacional e internacional, como o Grupo Editorial Record e a HarperCollins. Não nos interessamos em observar as estratégias que levaram Volp ao sucesso comercial, mas direcionamos a nossa análise para o que a sua presença em meio ao mercado editorial pode comunicar, considerando as exclusões que acontecem em tal âmbito.

Antes de chegar ao grande público pelos meios tradicionais do mercado editorial, no entanto, o autor utilizou o método da autopublicação para contar as suas histórias. Trata-se de uma estratégia em que o profissional pode disponibilizar uma narrativa sob sua própria responsabilidade, sem a intermediação de uma editora especializada. A estratégia não é recente, pois vem sendo usada há séculos por diversos autores, seja pela falta de visibilidade que

---

<sup>12</sup> A popularização do *audiobook* como um formato válido de leitura tem mudado o cenário gradativamente, apesar de ser restrito, novamente, a uma parte da população que possua condições financeiras de assinar um plano para ter acesso às obras, assim como aparelhos eletrônicos, conforme mencionado.

possuíam no início de suas carreiras ou simplesmente pelo desejo de controlar toda a publicação. Nomes como Franz Kafka, Charles Dickens e Lima Barreto são citados como transgressores do caminho do livro tradicional com suas obras (Brust, 2014; Magalhães; Santana, 2023), cada qual utilizando formatos viáveis para tal feito, como o folhetim, através do qual Machado de Assis disseminou os capítulos de *Quincas Borba*, uma de suas obras mais famosas até os dias atuais. No entanto, a contemporaneidade conta com características específicas, especialmente devido à influência e democratização do acesso à tecnologia. Quando falamos em autopublicação digital, podemos citar a interface da Amazon, na qual é possível, por meio de alguns cliques, disponibilizar uma história completa e receber os lucros pela obra sem que seja necessária a mediação de agentes do mercado editorial. A plataforma digital disponibiliza o KDP (*Kindle Publishing Direct*), programa no qual é possível formatar um texto, do conto ao romance, detalhando informações como sinopse, número de páginas, capa e créditos de autoria — tudo isso de graça. O uso do KDP, assim como outras ferramentas<sup>13</sup> para autopublicação, é passível de questionamentos. Um deles, acionado por Magalhães e Santana (*ibidem*), é a respeito de sua validade, questionando se estamos realmente lidando com uma literatura “de verdade”, já que foge dos princípios tradicionais de publicação: recrutamento por uma editora, leitura e preparação do texto, publicação e, por fim, a divulgação. Longe de nos propormos a trazer uma resposta à pergunta dos autores — sequer acreditamos que isso seja possível —, é válido observar aqui um relance da autopublicação como maneira de burlar esse caminho tradicional, excludente em todas as suas instâncias, e se fazer ser visto, ouvido e reconhecido como autor. Podemos perceber a autopublicação, portanto, como uma ferramenta viável às vozes marginalizadas para se resistir e se opor aos “nãos” dados pelo mercado editorial. No entanto, apesar do seu potencial disruptivo, precisamos reconhecer também que uma editora tradicional ultrapassa facilmente a autopublicação em termos de alcance e reconhecimento por parte do público.

Ao Trilha de Letras, Volp, em entrevista à Eliana Alves Cruz<sup>14</sup>, conta que sabia do seu desejo de ser escritor desde muito cedo, mas não conhecia pessoas que se parecessem com ele e tivessem chegado “lá”. A fala vai de encontro aos dados quantitativos apresentados anteriormente, evidenciando a subrepresentação de pessoas negras em editoras brasileiras ao

---

<sup>13</sup> A autopublicação também pode ser feita no formato físico, como o financiamento coletivo e a produção sob demanda (POD).

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jI2NdUk09rc>. Acesso em: 03 maio 2024.

longo dos anos. Dessa forma, a autopublicação surge como uma oportunidade para que vozes marginalizadas possam ser, finalmente, ouvidas. O método ao qual o autor recorreu, portanto, foi a primeira oportunidade que um público numeroso teve de conhecer as suas narrativas, todas elas protagonizadas por pessoas negras. Dois livros do autor, intitulados *O Segredo das Larvas* e *Nunca Vi a Chuva*, foram publicados de forma independente na Amazon, recebendo avaliações dos leitores e evidenciando o nome de Volp como um autor proeminente. *Homens Pretos (Não) Choram* também foi disponibilizado na plataforma digital, mas ganhou uma dimensão física a partir de um financiamento coletivo através do Catarse. No site<sup>15</sup>, Stefano divulgava o projeto a partir da seguinte sinopse:

Como você enxerga o homem negro? O que é isto que ainda carregamos como herança dos tempos tão sombrios? Paradigmas. Estereótipos. O pai preto violento e ausente. O neguinho. O negão. Homem preto emasculado e hipersexualizado. Como quebrá-los? Para oferecer uma visão contemporânea sobre masculinidade e os arquétipos do homem, sobretudo, negro, este livro reunirá 7 crônicas produzidas na quarentena. Histórias sobre homens pretos e simples, escritas para quebrar estereótipos, desconstruir mitos e conduzir o leitor às reflexões profundas sobre as faces masculinas (Volp, 2020, n.p.)

O projeto foi bem recebido pelo público e conseguiu alcançar 163% da meta, apoiado por quase 500 pessoas. Além disso, a publicação também começou a circular em plataformas digitais, como é o caso da Amazon, em sua versão digital. O livro foi disponibilizado através do *Kindle Unlimited*, um serviço de assinatura que permite ter acesso a um acervo diverso a partir do pagamento de uma mensalidade fixa. Dessa forma, ainda mais leitores puderam chegar ao livro para além do público exclusivo que o financiou na primeira etapa.

Posteriormente, a obra teve os seus direitos comerciais comprados pela HarperCollins Brasil, casa editorial de autores como J. R. R. Tolkien e Agatha Christie, e chegou ao mercado em 2022. O livro foi completamente revisado, com algumas mudanças textuais feitas em razão da fluidez da leitura, além de ganhar uma nova identidade visual, agora em uma versão com capa dura, e um prefácio de Jeferson Tenório, autor de *O Averso da Pele*<sup>16</sup> e *Estela Sem Deus*.

Em relação ao conteúdo, o livro possui:

<sup>15</sup> Disponível em: [https://www.catarse.me/homens\\_pretos\\_ao\\_choram](https://www.catarse.me/homens_pretos_ao_choram). Acesso em: 03 maio 2024.

<sup>16</sup> *O Averso da Pele*, inclusive, passou por grandes atos de censura no início de 2024, sendo banido de espaços públicos com a justificativa de ser inapropriado para jovens e adolescentes. Disponível em: [https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/03/08/o-avesso-da-pele-livro-que-debate-racismo-e-censurado-em-escolas-de-3-estados-por-reacao-equivocada-ao-conteudo-alertam-especialistas\\_ghtml](https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/03/08/o-avesso-da-pele-livro-que-debate-racismo-e-censurado-em-escolas-de-3-estados-por-reacao-equivocada-ao-conteudo-alertam-especialistas_ghtml). Acesso em: 18 abr. 2024

- Prefácio à primeira edição, escrito por Sérgio Motta;
- Texto intitulado *O pranto interior dos homens pretos*, de Jeferson Tenório;
- 10 contos, sendo eles: *Seco*, *Vitrine*, *Bilola*, *Dona Tagarela*, *Meia Noite*, *Barba*, *Sabonete*, *Pio*, *Sem e Florescer*;
- Agradecimentos + agradecimentos especiais;
- Ilustrações distribuídas entre os contos.

Pesquisas anteriores, como o trabalho desenvolvido por Regina Dalcastagné (2005), mostram que a representação de personagens negros na literatura brasileira é passível de problematização. De acordo com os dados encontrados, ao analisar romances publicados entre os anos de 1990 e 2004, foi constatado que, em termos de raça, 78,9% eram brancos, enquanto 7,9% eram negros. Ao ir além, a autora buscou observar também quais papéis eram preenchidos por tais personagens. Afinal, para além da presença numérica de pessoas de classes marginalizadas, é essencial observar de que forma elas estão sendo apresentadas. Caso ocupem posições que refletem o imaginário social preconceituoso, estamos diante de uma mera reprodução de estereótipos, como é o caso dos resultados encontrados por Dalcastagné. Neles, percebemos que os personagens negros são representados, majoritariamente, como pessoas pobres (73,5%) e com ocupações que remetem à estereótipos racistas, como bandidos (20,4%) e escravos (9,2%).

Temos em mente que quando falamos sobre a produção de tais imagens, neste caso os personagens negros, precisamos considerar também os demais agentes envolvidos no processo, como é o caso dos autores e autoras publicados/as no Brasil. Os personagens criados e apresentados refletem, com grande proximidade, os criadores que são aceitos nas grandes editoras nacionais. A termo de comparação, percebe-se que os autores brasileiros são homens (70%), brancos (90%) e provenientes das cidades de São Paulo ou Rio de Janeiro (50% do total), como sistematizado por France Júnior (2021) no *Jornal da USP*. Os personagens, por sua vez, refletem com forte proximidade as características dos autores: os protagonistas são homens (60%), brancos (80%) e heterossexuais (90%).

Apresentamos tal perspectiva para reforçar a escolha de *Homens Pretos (Não) Choram* como o objeto disparador de discussões em nossa pesquisa. Além de ser uma obra focada no protagonismo negro, o que já vai contra a norma hegemônica do mercado literário brasileiro,

temos também a figura de um autor negro e abertamente parte da comunidade LGBTQIAP+, que busca retratar, em seu livro, possíveis rupturas para a imagem criada do homem negro pelo peso da escravização. Ressaltamos, no entanto, que o olhar para a imagem da mulher também se configura como uma informação valiosa para a nossa pesquisa. Por meio de uma abordagem interseccional, entendemos que a raça não pode ser desvinculada do gênero, assim como demais marcadores sociais já mencionados. As pesquisas apresentadas anteriormente, como os estudos elaborados por Regina Dalcastagnè, mostram que o lugar da mulher, como autora ou personagem, também foi altamente negligenciado com o passar do tempo. Apenas três mulheres negras aparecem como protagonistas das obras analisadas — em um total de 309 personagens; quando são narradoras, esse número diminui para apenas um entre 164 personagens. Socialmente, a mulher é o outro do outro, em termos de gênero e raça: rejeitada por não ser homem e rejeitada duplamente por também não ser branca. Dessa forma, reconhecemos que observar as formas de representação possíveis de mulheres negras no livro de Stefano Volp — uma obra disposta a complexificar, abertamente, as masculinidades negras — mostra-se como uma tarefa essencial.

Aproximando o nosso olhar da perspectiva comunicacional, entendendo que as relações se marcam a partir da interação, compreendemos que os vínculos estabelecidos entre os personagens de *Homens Pretos (Não) Choram* também podem dar elucidções relevantes em termos de raça, classe, gênero e sexualidade — marcadores selecionados como enfoque deste trabalho. A partir disso, vemos como relevante observar os personagens não apenas pelo aspecto individual, isolados em si mesmos, mas como parte de uma dinâmica narrativa, dentro do livro, assim como no contexto da sociedade brasileira, que influencia e é influenciada pela dinâmica literária.

Concordamos com Chartier (2009, p. 77) que “a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados”. Não está limitada, portanto, à narrativa apresentada ou ao livro quanto à materialidade, mas também tem relação com o mundo e seus contextos temporais, espaciais, históricos, sociais e culturais. Por isso, voltando ao período de divulgação e publicação da obra, nos deparamos com o ano de 2020 que retoma, entre tantos eventos marcantes da nossa história, a pandemia da covid-19 e o assassinato de George Floyd em Mineápolis, Minnesota, nos Estados Unidos.

A própria apresentação de *Homens Pretos (Não) Choram* destaca o período de escrita do livro durante a pandemia da covid-19, quando vimos milhares de pessoas morrerem diariamente por causa de um vírus ainda desconhecido. No Brasil, especificamente, ficou evidente a falta de um governo comprometido com seus cidadãos, negligenciando a vida de tantos e tantas que poderiam ter sido salvos. Acreditamos que o momento de vulnerabilidade pelo qual passamos pode ter influência direta no alto alcance de vendas da obra. O livro pode aparecer, nesses momentos, como um espaço de refúgio e conforto ao qual os leitores podem recorrer a narrativas ficcionais como forma de escapar de uma realidade em que o luto assolava a população coletivamente. Além disso, o período também ficou marcado como um momento de mais tempo em casa, como medida de controle à proliferação do vírus, o que resultou também em maior contato com as redes sociais, seja em busca de notícias ou pela expectativa de distrair a mente<sup>17</sup>. Assim, diversas recomendações começaram a circular como forma de incentivar *hobbies*, incluindo a leitura, para manter uma relação saudável com o tempo de tela.

Neste mesmo contexto, por meio de noticiários e redes sociais, fomos atualizados a respeito da morte de George Floyd, um homem negro cujo direito a vida foi violentamente roubado por um policial branco. Como resgatado por Francisco (2023, p. 2), “a experiência da vítima, que durou cerca de oito minutos, não foi interrompida mesmo com a sua súplica ‘*I can’t breath*’ [Não consigo respirar]”. O caso resultou em incontáveis manifestações antirracistas nos Estados Unidos, assim como no Brasil, denunciando a violência policial que é permitida sobre corpos marginalizados, principalmente de pessoas negras. A partir disso, a pauta racial ganhou intensidade, alertando os cidadãos do mundo inteiro sobre o descaso ao qual somos submetidos em diferentes instâncias da vida, incluindo as mais cotidianas. Assim, diversos movimentos surgiram como forma de apoio às pessoas negras visando incentivar a informação por parte da população. Entender sobre o racismo, por exemplo, foi uma das formas difundidas como alternativa para aqueles que não queriam ou não podiam ir às ruas. Analisando a lista de livros mais vendidos em 2020 pela Amazon, alguns resultados confirmam a nossa hipótese, conforme apresentado em trabalho anterior (Fernandes; Moura, 2023). Nele foi possível constatar a aparição de duas obras que versam diretamente sobre a questão racial: *Pequeno Manual*

---

<sup>17</sup> Entendemos que, para muitas pessoas, principalmente aquelas que estavam em situações de trabalho precário, o isolamento social e sua segurança não foram prioridades para seus empregadores. No entanto, para o intuito desta pesquisa, fazemos uso da generalização assegurados pela constatação do aumento do tempo médio em redes sociais com a chegada abrupta da pandemia da covid-19 (Universidade Federal de Minas Gerais, 2023).

*Antirracista*, de Djamila Ribeiro, que encabeça a lista, e *Racismo Estrutural*, de Sílvio Almeida. A primeira se propõe a ser um guia rápido para aqueles que buscam repensar atitudes cotidianas que podem estar pautadas na discriminação, enquanto a segunda obra aprofunda um termo que se tornou cada vez mais falado no Brasil — racismo estrutural — para explicar práticas que estão imbricadas em nossa sociedade há séculos como forma de subalternizar os sujeitos negros.

A partir disso, evidencia-se que a leitura é “uma prática cultural que irá se diferenciar no tempo, no espaço e nos grupos sociais” (Travancas, 2013, p. 7), desvelando uma relação próxima com os acontecimentos que perpassam a escrita de um livro, em termos de narrativa, assim como o momento da publicação, podendo criar um vínculo com o leitor que busca algum tipo de experiência, como a procura por “alguém como ele, em situações que viverá [ou viveu] um dia ou que espera jamais viver” (Dalcastagnè, 2021, p. 110). A alta aceitação de *Homens Pretos (Não) Choram* em uma tiragem completamente independente, que exigia apoio financeiro do público, diz também de um momento em que o interesse pelas vivências de homens negros estava em evidência, a exemplo do assassinato de George Floyd e as denúncias que foram evidenciadas a partir do acontecimento altamente midiático.

Diante deste cenário, propomos um olhar mais aproximado para as narrativas apresentadas no livro ao longo dos 10 contos que o integram. Além de uma contextualização a respeito do conteúdo escrito por Volp, que é fundamental para a nossa pesquisa, acreditamos que seja relevante entender quais temáticas são retratadas na obra. Afinal, a abordagem divulgada pelo autor fez com que a obra ultrapassasse a meta do financiamento coletivo, além de ser adquirida pela HarperCollins Brasil para uma nova edição, tornando-se parte da mesma casa editorial de autores de renome mundial, como J. R. R. Tolkien e Agatha Christie. Reforçamos que o nosso intuito não é adentrar nas teorias e estratégias literárias de cada conto, mas sim observá-los a partir da percepção da representação, adotando a lente interseccional para analisar as formas com que os sujeitos e situações são postos em relação, assim como os resultados das interações entre eles. Partimos da ideia de que a literatura, assim como outros formatos artísticos produzidos no Brasil, manifesta-se como uma zona de criação capaz de subverter os “rótulos da representação identitária e alegórica projetada pelas máscaras brancas” (Meirinho; Carrera, 2023, p. 7), reforçando o caráter investigativo do conteúdo de *Homens Pretos (Não) Choram* em prol de um possível combate aos estereótipos que recaem sobre masculinidades negras.

#### 4. PERCURSOS METODOLÓGICOS

Visualizando a metodologia como um caminho a ser percorrido para alcançar os objetivos estabelecidos, dedicamos este espaço para detalhar as principais técnicas e ferramentas utilizadas em nossa pesquisa. Reforçamos que é impossível pensar a metodologia como algo pronto e fechado em si, considerando que isso leva a uma limitação analítica e científica, comprometendo o potencial do trabalho. Portanto, os nossos movimentos metodológicos são compostos por diferentes etapas que, quando executadas em conjunto, nos ajudam a observar de forma crítica os fenômenos que nos interessam.

Em um primeiro momento, fizemos a releitura dos contos que integram o livro *Homens Pretos (Não) Choram*, de Stefano Volp, cujo conteúdo foi utilizado para guiar as interações que serão analisadas a seguir. É importante ressaltar, como apresentado anteriormente, que a obra possui 10 contos que abordam temáticas distintas, possuem diferentes enfoques, quantidade de páginas e demais particularidades, como é comum ao formato adotado pelo autor. Portanto, esta etapa de releitura foi importante para rever, com um olhar atento, cada uma das histórias e o que elas podem nos dizer para além do que está escrito. Foi um momento necessário também para entender como articular as narrativas, como elas poderiam ser combinadas e levadas — ou não — para os encontros.

Ainda neste sentido, observamos os personagens de cada conto a partir de marcadores sociais, reconhecendo que uma análise prévia é essencial para potencializar os debates organizados junto ao Da Ponte Pra Cá. Inspirados nos métodos de pesquisa adotados nos trabalhos de Laura Guimarães Corrêa (2013) e Lucianna Furtado (2023), fizemos as nossas próprias adaptações para esta pesquisa e buscamos observar os personagens a partir das avenidas identitárias que os atravessam, incluindo raça, gênero, classe, sexualidade e faixa etária, por exemplo. Guimarães Corrêa (2013) apresenta, em um artigo, os bastidores da sua pesquisa de doutorado, na qual observou a publicidade de homenagem para mães e pais. Ela descreve o processo de delimitação do *corpus* e o momento da listagem das peças como uma etapa essencial para visualizar os anúncios, encontrando, neste processo, regularidades e singularidades até chegar ao objeto final do seu trabalho. O que mais me chamou a atenção no trabalho da professora Laura foi a criação de quadros, como ela mesma chama, que objetivaram a “apropriação, desmontagem e caracterização dos materiais integrantes do *corpus*, de forma

a olhar para seus elementos separadamente” (*ibidem*, p. 144). Considerando o objetivo da pesquisa, o olhar para peças publicitárias, os quadros foram montados com base nesse interesse, estruturando tabelas sobre os aspectos formais e de conteúdo dos anúncios a serem analisados, como o ângulo, os personagens e as ações executadas por eles, além da observação, também, para aspectos sonoros, quanto à locução, texto e trilha sonora, por exemplo, quando o material era televisivo. Guimarães Corrêa (*ibidem*, p. 146) enfatiza que “o exercício da descrição fez com que aspectos corriqueiros ou tidos como óbvios fossem explicitados e destacados. A descrição sistemática dirige o olhar para dados que podem ser extremamente elucidativos e reveladores”, o que também nos interessou, considerando que o meu contato com *Homens Pretos (Não) Choram* já era anterior, eu conhecia os contos há mais tempo, mas ainda de forma separada entre si, algo que também é característico ao formato. A ideia é que as narrativas possam ser lidas sem ordem exata, como se cada uma dissesse de uma realidade própria, mas, para o desenvolvimento do trabalho, eu pretendia observá-las em diálogo e em profundidade, até mesmo como forma de me preparar para os encontros.

A pesquisa de Lucianna Furtado (2023) investiga as canções de Dona Ivone Lara e Leci Brandão sobre o amor, observando como as composições podem dialogar com as experiências de mulheres negras quanto às questões afetivo-sexuais. Em sua tese, ela também se inspira nos trabalhos de Guimarães Corrêa (2013), como citado anteriormente, para montar quadros visuais de acordo com os interesses da sua própria pesquisa, apropriando-se da metodologia e fazendo os ajustes necessários para aprofundar a sua análise. No processo, Furtado também criou murais visuais, dessa vez com as composições que integravam seu *corpus*, além de falas em entrevistas e matérias em jornais que faziam referência ao campo afetivo-sexual. Para ela, a aplicação metodológica contribuiu “auxiliando na construção de grupos e categorias para análise, explorando as relações, padrões e recorrências, abrindo brechas para que a pesquisadora possa identificar também os silêncios e ausências” (Furtado, 2023, p. 98).

Inspirado em ambos os trabalhos e fazendo as próprias adaptações cabíveis a esta pesquisa, foi possível estruturar, em diferentes tabelas, uma visão geral de cada uma das narrativas, possibilitando a comparação entre os contos. Com isso, somos capazes de perceber padrões relevantes entre os personagens e as interações estabelecidas em *Homens Pretos (Não) Choram*, assim como o reconhecimento de ausências em tais espaços, reconhecendo que este olhar também contribui significativamente para a nossa pesquisa ao considerar que estamos

falando sobre vivências marginalizadas e, portanto, frequentemente apagadas de diferentes narrativas. Para esta pesquisa, criei uma única tabela no *Google Sheets* e adicionei subpastas para cada um dos contos. Nas colunas, pontuei as seguintes informações:

- Título
- Personagem principal tem nome?
- Se sim, qual?
- Faixa etária
- Há demarcação de raça?
- Como?
- Há outros personagens masculinos?
- Se sim, quantos?
- Ele(s) possui(em) nome?
- Ele(s) é/são relevante(s) para o desenvolvimento da história?
- Há personagens femininas?
- Se sim, quantas?
- Como ela(s) é/são chamada(s)?
- Ela(s) é/são relevante(s) para o desenvolvimento da história?
- Qual/quais sentido(s) são preponderantes em sua(s) personalidade(s)?
- Onde o conto se passa?

Além disso, reservei um espaço para “observações”, no qual pude ir comentando detalhes que me chamaram a atenção a partir de cada conto. Para resumir as informações e me ajudar a lembrar da narrativa, criei também um espaço para palavras-chave, como pode ser observado a seguir, no exemplo da subpasta criada para o conto *Seco*.

Figura 1 - Planilha de observação dos contos de *Homens Pretos (Não) Choram*

1	Título	Personagem principal tem nome?	Faixa etária	Há demarcação de raça?	Como?	Há outros personagens masculinos? Se sim, quantos?	Ele(s) possui(em)	
2	Vitrine	Não	Jovem/adulto	Sim	"O homem tinha a pele escura decorada com algumas manchas mais escuras ainda" (p. 46)	Sim	Onze	Rick
3					Ele com ele mesmo			Sado Safado
4								Sócio
5								Ramariz
6								Eduardo
7								Luiz
8								Roberto
9								Tadeu
10	OBSERVAÇÕES			PALAVRAS-CHAVE				YaMaduroHot
11	O protagonista é chamado apenas de Blackurso_31, seu nickname no aplicativo de relacionamento. Ao longo do conto, também é chamado apenas de Black.			protagonismo LGBTQIAP+; personagem gordo; distopia; tecnologia; adulto.				Alex
12								Wander Santiago
13								
14								

Fonte: elaborado pelo autor (2024)

A observação de cada um dos contos de forma separada, por mais paradoxal que possa parecer, me ajudou a observar as narrativas como um todo, entendendo o livro como uma obra conjunta, mesmo que não haja uma continuidade direta entre os personagens ou até mesmo referências cruzadas entre os contos. Além disso, a tabela me ajudou a me preparar para os encontros e conseguir fomentar o diálogo entre os participantes, acionando detalhes das narrativas sempre que necessário.

Feito isso, partimos para os debates em grupo. Ainda que utilizemos a ideia dos encontros de leitura, é possível pensar na metodologia como um grupo focal, na qual há uma “interação concentrada e focalizada” (Pereira; Martino, 2021, p. 4) em determinado tema, como é o caso do livro *Homens Pretos (Não) Choram*. A partir da observação em repositórios de trabalhos online, é perceptível que o método possui uma forte aproximação de áreas correlatas à saúde, especialmente a psicologia, ao observar o comportamento social dos participantes (Kind, 2004). No entanto, o Campo da Comunicação também tem se apropriado da metodologia ao aplicá-la com o intuito de investigar fatores que podem contribuir com o fortalecimento de nossas pesquisas, como bem mostra o estudo desenvolvido por Pereira e Martino (2021), ao refletir sobre os grupos focais no formato online devido ao período de isolamento social em razão da pandemia do coronavírus. Com uma aproximação ao modelo praxiológico da comunicação, eles descrevem o grupo focal como um espaço que leva em consideração os “[...] diversos fluxos

interacionais entre os participantes, mediadores e demais envolvidos” (*ibidem*, p. 3), o que vai ao encontro do objetivo geral da pesquisa. Além disso, os autores também propõem uma diferenciação entre a entrevista em grupo e o grupo focal que, apesar de serem semelhantes quanto à aplicação, levam a resultados diferentes, entendendo que o segundo explora as falas dos participantes em referência, em contínuo diálogo, reforçando a necessidade e a importância de cada um dos participantes. Para esta pesquisa, a dimensão da experiência dos sujeitos tem uma forte relevância, devido ao nosso interesse de vê-las imbricadas nas falas dos interlocutores, reforçando as contribuições do grupo focal — estilizado como encontros de leitura — para o desenvolvimento do trabalho.

As falas dos participantes, conforme autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP/UFGM), foram gravadas para facilitar o processo de observação e conexão das interações durante o processo de escrita da dissertação. Afinal, concordamos com Travancas (2011) que a função do pesquisador, em um trabalho que use tal recurso, não é unicamente transcrever as falas dos participantes e detalhar a empiria, mas sim interpretá-las e aprendê-las para além disso, buscando estabelecer uma relação com o âmbito social ao qual tais sujeitos estão vinculados. Além disso, nos inspiramos no trabalho desenvolvido por Silva e Lopes (2024) ao buscar estabelecer um contato empático e transparente junto aos interlocutores do trabalho, observando o vínculo estabelecido para além de uma relação de uso, fugindo da estrutura pesquisador/objeto de pesquisa. Para as autoras, ao priorizar a descrição do processo de imersão, muitas vezes podemos esquecer das etapas preliminares, “que pode ser o ingresso em uma rede de pesquisa, para facilitar o acesso ao objeto e/ou a familiaridade com a temática de estudo e (2) a criação de vínculo com os sujeitos de pesquisa e/ou com o território” (*ibidem*, p. 3). Neste sentido, tomamos como inspiração metodológica os direcionamentos dados pelas pesquisadoras para pensar o Da Ponte Pra Cá, assim como os encontros propostos para as leituras coletivas, para além do momento em si, rompendo com a lógica imediatista de espaço-tempo que pode trazer limitações à pesquisa.

Para chegar a esta estrutura metodológica, foi necessário enfrentar alguns problemas. Antes de estabelecer uma parceria com o Da Ponte Pra Cá, nossa proposta era levar o debate para dois clubes de leitura presenciais sediados em Belo Horizonte, Minas Gerais, considerando a familiaridade com a questão literária que ambos possuíam. No entanto, ao entrar em contato com os clubes, nossos planos foram frustrados: um deles chegou a responder e, ao explicar a proposta

e sugerir uma conversa, não voltou a falar; o outro marcou uma reunião, apresentamos a proposta e, de imediato, houve uma negação ao considerar as ritualidades do grupo, já que cada livro é escolhido pelos próprios leitores e levar *Homens Pretos (Não) Choram* poderia resultar em uma espécie de imposição, indo contra os princípios do clube de leitura.

Sabemos que a pesquisa é imprevisível e alguns obstáculos eram, de fato, esperados, mas percebo que o fato de ser uma pessoa externa a tais espaços também dificultou uma aproximação repentina. Mesmo sendo leitor há anos e entendendo a proposta dos clubes de leitura, sou recém-chegado a Belo Horizonte, vindo do Rio Grande do Norte, sem conhecer pessoas mediadoras deste diálogo direto com os grupos escolhidos. Eu observei e analisei os dois, mas ambos não eram familiares à minha presença. Tentei reduzir essa distância ao apresentar a minha pesquisa através de mensagens do Instagram, considerando que é o canal mais utilizado por ambos os clubes, mas ainda não foi o suficiente para atravessar tal barreira. Acredito que compartilhar esses empecilhos metodológicos seja essencial a cada trabalho, já que os apontamentos feitos por Jean Rossi (2022) em sua dissertação, por exemplo, contribuíram fortemente para que eu pensasse nos próximos passos da minha própria pesquisa. Nela, Rossi analisa o *Leia Mulheres*, clube de leitura que está presente em todas as regiões do Brasil e tem também alcance internacional. No contexto da pandemia da covid-19, que marcou a sua trajetória no mestrado em Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria, os encontros passaram a ser online e, a partir disso, o pesquisador analisou cinco clubes, em cada região do país, atentando-se para as mediações empregadas pelos leitores participantes e as mediadoras de cada sessão. O compartilhamento do seu trajeto, da aproximação com as organizadoras do *Leia Mulheres* às entrevistas com as leitoras, me levou a crer que seria possível — e fácil — alcançar a mesma aceitação, mas na prática o processo foi diferente, como relatado.

Apesar disso, o espaço cedido pela organização do Da Ponte Pra Cá mostra-se como um ambiente proveitoso e produtivo para a nossa pesquisa. Em encontros anteriores, visando analisar as principais características do grupo, percebemos que as reuniões não aconteciam com uma frequência pré-estabelecida, duravam em torno de 2h e contavam com aproximadamente 12 pessoas. Além disso, os encontros aconteciam no turno da noite e não parecia haver uma dificuldade para que os participantes falassem durante cada sessão, relatando experiências que aconteceram tanto dentro quanto fora do ambiente acadêmico. Esse momento de inserção na cultura do grupo foi importante para entender de que forma a nossa pesquisa poderia ser

trabalhada junto aos participantes, tendo em mente suas ritualidades próprias. A partir disso, desenvolvemos um cronograma de encontros para debater *Homens Pretos (Não) Choram* junto ao grupo. Por serem 10 contos, seria inviável discutir todas as narrativas em um mesmo momento, considerando as especificidades de cada narrativa. Portanto, considerando os principais eixos temáticos de cada história, conforme observado em nosso primeiro movimento metodológico, os agrupamos de acordo com as proximidades dos temas retratados, conforme exposto a seguir:

Tabela 1 - Contos lidos a cada encontro e suas respectivas páginas

ENCONTRO	CONTO SELECIONADO	QUANTIDADE DE PÁGINAS
Encontro 1	<i>Seco</i>	10
	<i>Meia Noite</i>	4
Encontro 2	<i>Sabonete</i>	19
	<i>Barba</i>	11
Encontro 3	<i>Bilola</i>	6
	<i>Florescer</i>	20

Fonte: elaborado pelos autores (2024)

A partir da quantidade de páginas de cada conto, começamos a separar narrativas para cada encontro. Entendemos que os encontros do Da Ponte Pra Cá, por acontecerem no ambiente da UFMG, são ocupados predominantemente por membros da universidade. Por isso, reconhecendo a carga horária das disciplinas e atividades extracurriculares de cada um, buscamos distribuir os contos de modo que o tamanho da leitura não exigisse muito dos participantes e, assim, eles pudessem comparecer aos encontros com maior tranquilidade.

Tendo isso em mente, o primeiro encontro, que reúne dois contos, foi organizado de modo a apresentar as narrativas que permeiam a relação entre pai e filho de maneiras diferentes, trazendo olhares específicos, inclusive, sobre as avenidas identitárias mencionadas ao longo do trabalho, sendo elas raça, gênero, classe e sexualidade. Neste mesmo sentido, o encontro dois foi pensado em torno do debate das relações afetivo-sexuais entre os personagens. Aqui, novamente, percebemos uma complexificação do tema ao apresentar diferentes pontos de vista, característica

comum ao gênero adotado por Stefano Volp. Por fim, finalizamos a sequência de encontros com um debate voltado às relações de homens negros com o mercado de trabalho por meio dos contos *Bilola* e *Florescer* que mostram esse âmbito da vida permeado, igualmente, por questões sociais diversas.

Reconhecemos que o nosso percurso metodológico é estruturado com base em escolhas que contribuam para o desenvolvimento e exequibilidade da pesquisa. Precisamos abrir mão, por exemplo, de quatro contos presentes no livro por resultarem em muitas páginas por encontro, o que poderia levar a uma discussão apressada e minar o potencial da conversa com os participantes. Além disso, em prol de uma maior participação de todos, visamos reforçar que não é obrigatória a leitura de todos os contos e que, antes de começar o debate em si, passaremos rapidamente, enquanto equipe organizadora, pelas narrativas daquele dia, lembrando pontos importantes e permitindo que a discussão comece a partir disso. A proposta de organização alinha-se à nossa pesquisa não apenas pela perspectiva metodológica, mas também pelo posicionamento social; afinal, não pretendemos afastar possíveis interessados no debate apenas por não terem conseguido ler todos os contos. Entendemos que a vida pessoal, profissional e diferentes exigências do sistema capitalista neoliberal impedem a dedicação àquilo que não dá retorno direto, como é o caso das discussões do Da Ponte Pra Cá. Portanto, o momento de recapitulação e debate prévio, antes de aprofundar em cada uma das narrativas, é um ponto essencial em nosso trabalho.

Para a análise dos dados, fizemos as gravações dos três encontros. Contamos com a aprovação prévia do COEP para o desenvolvimento da nossa pesquisa, considerando que estamos trabalhando diretamente com seres humanos. Mediante a aprovação e deliberação do grupo, a gravação é iniciada para que os dados sejam analisados com maior profundidade. Recorremos, novamente, ao trabalho de Rossi (2022) no qual ele percebeu que fazer anotações durante as reuniões dos clubes de leitura poderia remeter a um suposto desinteresse na conversa e, em nosso caso, pensamos também que pode gerar um maior distanciamento entre o pesquisador, analítico e observador, e os leitores, interessados em manter o diálogo.

Para que o convite dos encontros chegue ao público, contamos com a divulgação nos perfis do Da Ponte Pra Cá e do Centro de Convivência Negra (CCN/UFMG) no Instagram, incentivando a participação do público. Contamos com 13 participantes interessados na leitura coletiva, incluindo os dois coordenadores do projeto, resultando em um grupo de 14 pessoas a

cada encontro, a princípio, incluindo a mim enquanto pesquisador. A arte de divulgação dos encontros está apresentada a seguir:

Figura 2 - Arte de divulgação da leitura coletiva de *Homens Pretos (Não) Choram*



Fonte: design elaborado por Kaio Gomes<sup>18</sup> (2024)

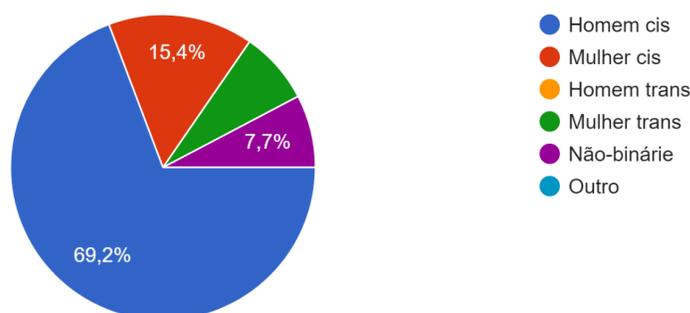
Junto com a publicação no Instagram, divulgamos também um formulário com o intuito de coletar os e-mails dos participantes interessados e manter contato para enviar o lembrete de cada encontro. Além disso, em concordância com a organização do Da Ponte Pra Cá, buscamos coletar também informações dos sujeitos interessados em participar da leitura coletiva conosco, incluindo a raça, gênero e curso ao qual estão vinculados, caso sejam estudantes. No formulário, fizemos questão de frisar também duas caixas de seleção para demonstrar concordância com aspectos importantes deste trabalho: ter disponibilidade para participar dos encontros presenciais nos dias estabelecidos (17 e 31/07; 14/08) e conseguir ler os textos selecionados para cada um dos encontros, os quais foram prontamente atendidos por todos os inscritos.

<sup>18</sup> Kaio Gomes é graduando em Publicidade e Propaganda na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Seu trabalho como ilustrador pode ser conferido em: <https://www.instagram.com/ilustrakaio/>.

Acreditávamos que a leitura coletiva, por estar vinculada ao Da Ponte Pra Cá e ao Centro de Convivência Negra, acabaria atraindo principalmente homens negros devido ao histórico de encontros realizados com esta temática. Em termos quantitativos, a hipótese se confirmou, especialmente no que diz respeito à raça, mas ficamos satisfeitos ao perceber que mulheres (cis e trans) também demonstraram interesse em participar da discussão, assim como uma pessoa que se autodeclara não-binária, como é possível ver no gráfico a seguir.

Gráfico 1 - Participantes da leitura coletiva separados por identificação de gênero

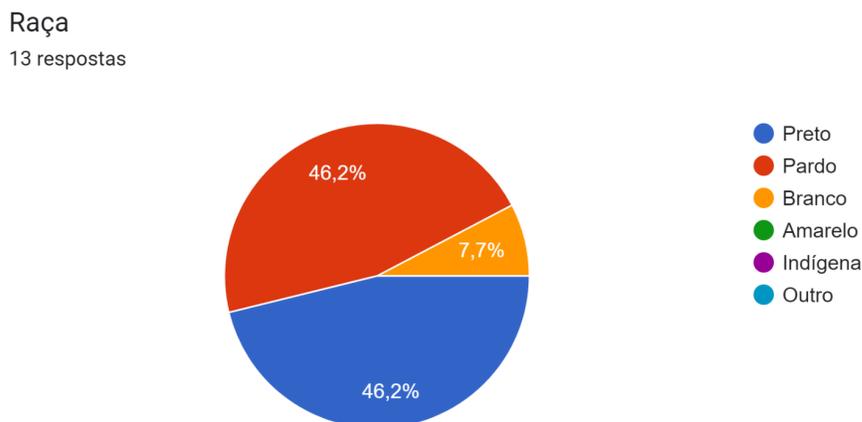
Gênero  
13 respostas



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos Formulários Google (2024)

Quanto à raça, como dito anteriormente, a predominância foi de inscritos negros, combinados entre pretos e pardos, mas houve também a inscrição de um estudante branco. Entendemos que não é possível que uma única pessoa seja capaz de falar sobre o grupo social ao qual pertence, mas ao priorizar uma pluralidade de vozes e diferentes experiências, um público heterogêneo, na medida do possível, era o que nos interessava.

Gráfico 2 - Participantes da leitura coletiva separados por identificação de raça



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos Formulários Google (2024)

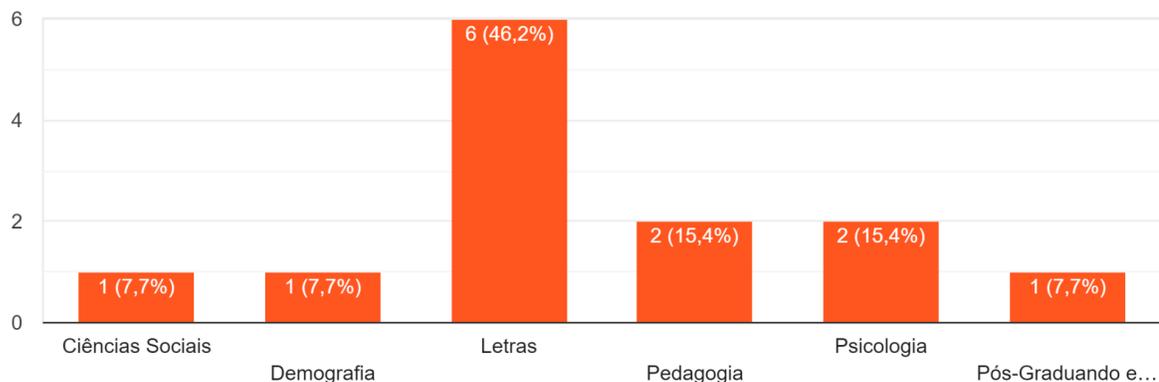
Os dados informados pelos participantes são essenciais durante a nossa seção de análise, apresentada posteriormente. Não fazemos nenhum tipo de juízo de valor quanto aos pertencimentos étnico-racial e de gênero, uma vez que a autoafirmação dos interlocutores nos basta.

Para além disso, consideramos ser válido entender os cursos aos quais os estudantes estão vinculados. Os dados coletados apontam para uma predominância da graduação em Letras, com seis participantes, além da aparição de cursos como Pedagogia e Psicologia, cada um com dois inscritos, assim como um representante da pós-graduação em Psicologia Social. Ao todo, a relação pode ser conferida a seguir:

Gráfico 3 - Participantes da leitura coletiva separados por curso

Curso (se for estudante)

13 respostas



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos Formulários Google (2024)

Para além de uma coleta de dados quantitativa ou uma lista com informações pessoais, as informações colhidas a partir do formulário foram essenciais para que houvesse uma aproximação inicial ao público interessado em participar da leitura coletiva de *Homens Pretos (Não) Choram*. Conforme trabalhado Silva e Lopes (2024), esse contato inicial é importante por influenciar nas ferramentas metodológicas escolhidas para o desenvolvimento da pesquisa, assim como no procedimento analítico, por isso deve ser observado com cuidado.

## 5. “SOU UM MAS NÃO SOU SÓ”<sup>19</sup>: AQUILOMBAMENTO E COLETIVISMO NEGRO

Ao escolher pesquisar sobre masculinidades negras, tive em mente a dimensão das dores que atravessam os nossos corpos. Os estereótipos, as negações em sociedade e as representações que apontam para lugares negativos, em sua maioria. Mas, retomando aqui também o pensamento de Antônio Bispo dos Santos (2016), não quero falar apenas sobre tristeza e as cicatrizes da colonização que permanecem até os dias atuais. Quero olhar também para quem venceu - o que, no sistema racista brasileiro, considero que são aqueles e aquelas que conseguem continuar criando rotas de fuga para que nossa existência não seja resumida ao pessimismo e à derrota, a apenas resistir às manifestações do racismo e demais avenidas opressivas.

Encontramos respaldo de tal pensamento nas práticas de quilombamento e suas diversas manifestações ao longo da história. O termo tornou-se popular na contemporaneidade, especialmente devido às redes sociais e o debate em torno do ciberquilombismo, mas remete a uma prática ancestral de acolhimento, incentivo, pensamento crítico e expressividade artística (Costa; Queiroz, 2024). Abdias Nascimento (2019) recorre ao termo quilombismo para falar sobre este espaço e suas práticas que remetem a uma “reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial”. Trata-se, portanto, de ambientes que buscam transcender o lugar historicamente imposto ao negro: do não-ser; desprovido de intelectualidade; pré-disposto ao trabalho braçal; e que deve buscar continuamente uma aproximação com a branquitude, rejeitando seus semelhantes como estratégia de ascensão.

Com a adesão das cotas raciais em diversas instituições de ensino superior no Brasil, a entrada de estudantes negros passou a ser incentivada de forma quantitativa a partir de uma reserva de vagas. No entanto, na prática, tais espaços se mostraram despreparados para acolher os alunos e reconhecer a importância da adoção de práticas voltadas ao combate do racismo epistêmico que poderia marcar as experiências dos ingressantes. No entanto, a partir da chegada de mais estudantes negros, formaram-se também movimentos coletivos com o intuito de reuni-los, propor debates, leituras e momentos de descontração visando ocupar o âmbito universitário em uma manifestação palpável do quilombismo.

---

<sup>19</sup> Aqui, faço referência à música *Povoada*, de Sued Nunes, lançada em 2023. Com uma pequena licença poética, faço também uma adequação de gênero na escrita do verso. A letra completa pode ser conferida em: <https://www.letras.mus.br/sued-nunes/povoada/>. Acesso em: 25 set. 2024.

O trabalho de Siqueira e Ramos (2021), ao entrevistar quatro alunos negros da Universidade de Brasília, aponta para o aquilombamento acadêmico como um indicador comum entre todos os participantes da pesquisa. Entre as falas dos estudantes, é possível perceber a descrição de tais espaços como essenciais para a sobrevivência dentro da universidade em um nível psicológico, já que a sala de aula, por meio de professores e alunos, muitas vezes violentava aqueles que queriam falar. Para além disso, uma das interlocutoras da pesquisa, chamada de Bianca, percebe o aquilombamento acadêmico como fundamental para que pessoas negras possam exercer suas diversidades, sem que sejam presas nas expectativas das pessoas brancas. De acordo com a estudante:

Muito importante esse espaço negro também como exploração de possibilidades de ser várias coisas, inclusive coisas que não concordamos entre nós. Isso é o que a branquitude não dá chance, nós temos que ser o negro negrólogo que impede o branco de cometer racismo, essa é a nossa função no grupo branco. Já no grupo negro, temos mais liberdade de ser outras coisas (Bianca, 2020 *apud* Siqueira; Ramos, 2021).

Dessa forma, além de uma perspectiva acadêmica de debates e leitura de textos, percebemos no ato do aquilombamento também um movimento de fortalecimento desses indivíduos enquanto sujeitos com direito a ter gostos e convicções, assim como seres passíveis ao erro, à tentativa e à vulnerabilidade. Em suma, humanos, algo que por muito tempo nos foi negado (Carneiro, 2023), mas que reivindicamos como inseparável de nossa existência.

Quanto aos indicadores encontrados ao longo das entrevistas, Siqueira e Ramos (2021) apontam para o fato de que as questões da ordem afetivo-sexual são citadas apenas pelas mulheres que contribuíram com o trabalho. Para os autores, pode ser um indicativo de que “a discussão sobre masculinidade, tema tabu na sociedade como um todo, também não é explorado dentro dos coletivos negros, e assim permanece como um elemento adoecedor que vitimiza tantos homens quanto mulheres” (*ibidem*, p. 16). Podemos perceber uma indicação interessante ao pensar na dificuldade em falar sobre masculinidades até mesmo em espaços que incentivam a fala e a valorização das experiências de pessoas negras dentro e fora da universidade.

A partir do achado anterior indicado pelos colegas de pesquisa, apresentamos, a seguir, o coletivo Da Ponte Pra Cá, cujo objetivo se alinha ao debate em torno das vivências que perpassam as experiências de homens negros brasileiros. O grupo é também essencial ao nosso

trabalho por viabilizar a exequibilidade das leituras coletivas de *Homens Pretos (Não) Choram* junto aos seus participantes.

### **5.1 Masculinidades em pauta: o Da Ponte Pra Cá**

O Da Ponte Pra Cá é um dos braços do Centro de Convivência Negra da UFMG, um coletivo pensado para discutir sobre as masculinidades negras em suas complexidades. O grupo é recente, tendo sua formação inicial inaugurada em 2022 com um formato de discussão pautado na roda de conversa, na qual os participantes poderiam conversar entre si a partir de um tema definido inicialmente pelo coordenador do projeto. Na época, os encontros aconteciam no Centro de Referência das Juventudes, localizado no centro de Belo Horizonte (CRJ/BH), pois o intuito era estar em um local acessível para a maior parte da população, o que poderia levar a mais participantes por encontro e, conseqüentemente, uma maior sociabilização sobre o tema proposto entre os participantes. No entanto, com o passar do tempo, as ações passaram a ser cada vez mais limitadas, dificultando a continuidade do Da Ponte Pra Cá no CRJ. Ao apresentar o projeto, o fundador menciona, de forma direta, boicotes direcionados à iniciativa, o que resultou em um período de pausa nas atividades.

Foi a partir disso que as reuniões encontraram acolhimento dentro do CCN/UFMG. O Centro já possuía uma sala física para suas ações, o que facilitou ainda mais os encontros presenciais do Da Ponte Pra Cá. É válido reforçar que a mudança na localização afetou diretamente o público participante das discussões: já que as reuniões passaram a acontecer na própria Universidade, estudantes, principalmente os mais jovens, tornaram-se a maioria nas reuniões devido à acessibilidade do novo ponto de encontro. A alteração levou também a um aumento perceptível no número de participantes, somado a divulgação em redes sociais e a participação dos próprios membros do CCN ao longo das reuniões organizadas.

É importante frisar que o Da Ponte Pra Cá surge de um incômodo percebido pelo fundador do projeto quanto a ausência de espaços para que homens, principalmente negros, pudessem falar sobre suas experiências de forma crítica e reflexiva sobre os lugares que ocupam na sociedade assim como ações que têm executado no cotidiano. Ser homem e falar sobre si, entrar em contato com seus sentimentos, é algo que vai contra a ideia da masculinidade, como se houvesse um enfraquecimento da performance de gênero a partir desta relação. No entanto, a

partir da tentativa de desconstrução do pensamento, o Da Ponte Pra Cá passou a se fortalecer como um ambiente seguro e democrático para aqueles que querem conversar sobre temas que perpassam suas vivências ou simplesmente ouvir o debate entre os participantes presentes.

Percebemos que o coletivo, enquanto agente do movimento negro, está ativamente buscando formas de ressignificar os sentidos em torno das masculinidades negras no Brasil, carregadas de aspectos violentos e sexualizados desde o período da escravização, como apresentado anteriormente. Para Nilma Lino Gomes (2023, p. 47), o movimento de propor uma contranarrativa permite que haja “nomeação de conflitos, mudança no sentido das palavras e das práticas, instaurando novos significados e novas ações”, o que pode levar ao reconhecimento de que existem estruturas de opressão que atravessam nossas vidas, determinando o que é ser homem, negro e brasileiro. Tal reconhecimento é essencial para que haja, assim, uma maior inclinação à emancipação do corpo, lutando contra os discursos regularizadores que permeiam nossas interações em sociedade.

O coletivo deve ser pensado também em sua dimensão de produção de conhecimento. O compartilhamento de experiências e discussões de cunho teórico, aspectos que caminham em conjunto, vai de encontro ao que é trabalhado por Laura Guimarães Corrêa (2022) e já mencionado neste trabalho: é preciso entender que a ideia de uma forma universal de saber, o suposto cânone científico, é limitante e carregada de preconceitos. Assim, em contraponto, “os saberes produzidos pela comunidade negra e sistematizados pelo Movimento Negro localizam-se nos campos não hegemônicos, os quais tensionam o cânone da ciência moderna” (Gomes, 2023, p. 96), configurando não apenas resistência, mas também produzindo novos sentidos e formas de compreender o mundo.

Pelo caráter de acolhimento, democracia e diálogo, assim como o incentivo ao uso da primeira pessoa nas rodas de conversa, o Da Ponte Pra Cá se mostrou como um espaço ideal para o compartilhamento desta pesquisa. Não falo aqui apenas de termos técnicos e com vista nos resultados a serem colhidos, apesar de reconhecer que essa também é uma parte importante da jornada; no entanto, o coletivo se alinha ao trabalho especialmente pelo interesse e disposição em construir novas realidades aos homens negros, assim como proposto por Stefano Volp, enfrentando temores e encontrando apoio em seus pares em um processo que é individual, mas também coletivo, de reconhecimento e tentativa de cura de uma ferida aberta (hooks, 2022).

## 5.2 Caminhos cruzados: primeiros contatos com o coletivo

Como descrito durante os procedimentos metodológicos, o plano inicial de desenvolvimento desta pesquisa era voltar o nosso olhar para clubes de leitura já consolidados no cenário belo-horizontino, o que não foi possível concretizar. Em um momento de fortes dúvidas e frustrações, me vi perdido sobre o rumo do meu trabalho, já que, recém-chegado à cidade e sem uma rede de contatos diversa, parecia ainda mais difícil encontrar caminhos alternativos. No entanto, durante o meu primeiro contato com o Centro de Convivência Negra (uma palestra sobre pesquisas afrodiaspóricas na UFMG, tive a oportunidade de conhecer Henrique<sup>20</sup>, um dos idealizadores do Da Ponte Pra Cá. Ao fazer uma breve apresentação individual e compartilhar os meus interesses de pesquisa, mencionando as masculinidades negras, percebemos este ponto de contato entre nós dois, o que resultou em uma conversa sobre planos futuros e a possibilidade de usar as narrativas de *Homens Pretos (Não) Choram* como disparadoras de debates sobre os temas que perpassam os contos.

Antes de dar início aos encontros para falar sobre o livro, no entanto, participei de dois encontros do coletivo com o objetivo de me situar junto ao grupo, em aspectos físicos e sociais, podendo entender também um pouco mais sobre as normas de interação presentes no espaço. Na primeira reunião, realizada em março de 2024, o grupo discutiu sobre colorismo no Brasil e o impacto sofrido por homens negros; a segunda, em junho do mesmo ano, centrou o debate em uma tentativa de distinção entre desejo e hipersexualização ao considerar os marcadores sociais de raça e gênero, inicialmente. Considero que essa aproximação foi essencial para apreender sobre o funcionamento do coletivo. A partir dos encontros iniciais, notei que existe uma forte facilidade entre os participantes em falar, o que remete também a uma frequência anterior às reuniões do Da Ponte Pra Cá e demais atividades promovidas pelo Centro de Convivência Negra, evidenciando o vínculo e conforto entre a maior parte dos integrantes. Eles falam sobre a temática sugerida, a partir de perguntas norteadoras que normalmente são escritas em um quadro branco, mas também vão além, contando histórias pessoais, referenciando autores que utilizam em suas respectivas pesquisas e trazendo à tona experiências vividas também no âmbito de organizações políticas. Mesmo os que declaram que aquela é a sua primeira participação junto ao

---

<sup>20</sup> Todos os nomes citados são ficcionais, atribuídos com o intuito de anonimizar as falas proferidas pelos participantes, em consonância com as diretrizes estabelecidas pelo COEP/UFMG.

Da Ponte Pra Cá, geralmente, participam da conversa em conjunto, ainda que seja com comentários breves, como foi o meu caso em ambos os encontros citados.

Em termos comparativos, ao participar de dois encontros foi possível perceber que alguns rostos se repetiram para além dos fundadores. Na primeira reunião, haviam duas mulheres negras inseridas no diálogo, enquanto na segunda nenhuma das duas - ou qualquer outra mulher - estava presente. Em ambos os casos, percebi que o debate não cessava em nenhum momento, o que pode apontar para a falta de constrangimento em falar sobre questões específicas da masculinidade negra junto à sujeitas que não vivem tais realidades, mas que são afetadas de tantas formas por elas. Em uma perspectiva de orientação sexual, ainda que não tenha sido feita uma investigação aprofundada e direta com os participantes, muitos homens falavam abertamente sobre o envolvimento com pessoas do mesmo sexo e as experiências resultantes disso, principalmente no encontro voltado a discutir a diferença entre desejo e hipersexualização.

Perceber a diversidade de corpos presentes nos encontros do coletivo, assim como as narrativas apresentadas e a disponibilidade em falar sobre suas experiências, foi essencial para que eu pudesse encontrar um lugar possível ao diálogo da minha própria trajetória junto ao grupo. Mas também, em termos práticos, foi importante para concretizar a escolha do Da Ponte Pra Cá como um espaço de grande potencial para levar as histórias apresentadas em *Homens Pretos (Não) Choram* e a sua importância como ponto de partida para debates de uma ordem social.

## **6. LITERATURA E VIDA, A VIDA NA LITERATURA: DISCUSSÕES A PARTIR DE *HOMENS PRETOS (NÃO) CHORAM***

Como descrito anteriormente na seção de procedimentos metodológicos, dividi os encontros para o debate de *Homens Pretos (Não) Choram* em três, buscando guiar a discussão a partir dos contos previamente selecionados. No primeiro deles, a temática central do diálogo foi pautada na paternidade negra, a partir de *Seco e Meia Noite*; no segundo, falamos sobre questões afetivo-sexuais e lemos *Sabonete* e *Barba*; por fim, o último encontro foi voltado para uma conversa sobre a posicionalidade do sujeito negro no mercado de trabalho, compartilhando experiências e conectando-as aos contos *Bilola* e *Florescer*.

Os encontros de leitura aconteceram nos dias 17 e 31 de julho e 14 de agosto, sempre às 18h30, na sala do Centro de Convivência Negra da UFMG. Ao todo, foram 11 participantes que afirmaram ter lido os contos propostos para os nossos momentos de debate, ainda que uma parte do grupo não tenha falado nos encontros ou tenha participado de apenas um deles. Para abrir a discussão, me apresentei enquanto pesquisador e idealizador do trabalho, explicando um pouco da minha relação com o livro de Stefano Volp e reforçando alguns dos pontos citados no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) elaborado por mim e devidamente aprovado pelo COEP/UFMG, disponível como apêndice ao fim deste trabalho. Quem sentisse vontade de sair da sala poderia fazê-lo a qualquer momento, sem qualquer tipo de sanção ou constrangimento. A ideia era deixá-los falar livremente, deixando o espaço aberto para quem quisesse tecer comentários - sobre os contos, o livro como um todo, experiências pessoais que atravessassem as temáticas norteadoras de cada encontro ou demais falas pertinentes ao momento.

### **6.1 Apropriações e múltiplos sentidos do livro**

Ao longo dos encontros, foi possível perceber uma quantidade relevante de falas que dizem da interação entre os sujeitos e o mundo do livro, incluindo o papel da literatura em suas vidas, assim como a questão da escrita, que também se mostra como uma dimensão importante. Para Daya, é difícil entender de onde vem o gosto pela leitura. Ela destaca que, em seu contexto familiar, nunca existiu incentivo à prática, já que sua mãe estava sempre muito ocupada, com questões de trabalho, e o irmão não demonstrava interesse. Assim, ela começou a se aventurar

pelas palavras a partir do incentivo escolar, de forma gradual, até que, ao refletir sobre o seu lugar no mundo, entendendo as opressões que a atravessam, Daya passou a ver a linguagem como algo embebido de poder. Essa realização a levou a pensar não apenas em uma dimensão da leitura, ao levá-la a ter maior senso crítico neste sentido, mas também quanto à escrita como forma de reimaginar o mundo<sup>21</sup>, como ela disse em nosso terceiro e último encontro. A fala de Daya vai ao encontro do que já trouxemos ao longo do trabalho, evidenciando a apropriação da escrita por pessoas negras como uma ferramenta de combate, de contra-ataque, mas também de fabulação de novos universos e realidades possíveis. Nossa interlocutora enfatizou o seu interesse na escrita de ficção, especificamente no formato de contos, também como uma forma de elaborar discussões difíceis que fazem parte da sua vida, como é o caso das masculinidades negras. A relação que teve e tem com o pai e o irmão, por exemplo, complexificam o tema em sua trajetória. Além disso, Daya reforça que o seu próprio passado, quando ainda era lida socialmente como um homem negro, contribuiu para que a intersecção entre raça e gênero exigisse um aprofundamento que ela não conseguia dar, recorrendo, então, ao mundo das palavras — da literatura e da escrita ficcional — como forma de aprofundamento.

Três interlocutores, ao falarem sobre suas respectivas relações com o universo do livro, destacam o âmbito familiar como o início da paixão pelas palavras. Ana e Kauã, uma mulher cis negra e um homem cis negro<sup>22</sup>, citam a mãe como as principais figuras que fomentaram esse incentivo; para Daniela, mulher cis negra, esse apoio foi dado por parte de sua avó. A unanimidade das figuras femininas como incentivadoras da leitura vai ao encontro do que Rossi (2022, p. 167) percebeu junto às interlocutoras do seu trabalho: “[...] cada leitora cresceu em um ambiente familiar que proporcionou o contato próximo com os livros, algumas mais cedo que outras, de maneiras e intensidades diferentes. Foi evidente a importância de seus pais, sobretudo a figura materna, no incentivo a ler”.

Além disso, todos destacam também a vivência junto aos livros como uma característica importante quando decidiram cursar o ensino superior e precisaram escolher um curso. Devido à paixão pelos livros, eles acabaram optando por graduações no âmbito das Letras, com diferentes habilitações. Aqui, as falas dos participantes apontam para uma relação próxima entre o hábito

---

<sup>21</sup> A fala de Daya, inclusive, é o que nomeia esta dissertação. “Tentar reimaginar o mundo, talvez?” é dito enquanto ela reflete sobre o papel da leitura e da escrita em sua vida.

<sup>22</sup> Como evidenciado durante a seção metodológica, a identificação dos interlocutores foi feita por eles próprios a partir do preenchimento de um formulário digital.

da leitura e o incentivo aos estudos como práticas indissociáveis, deixando para trás — ou com menos evidência, pelo menos — o lugar do livro como forma de prazer e entretenimento, visando transformar o hábito em profissão. Para Lucas, homem cis branco, essa dimensão tem certa relevância, já que ele nota que, ao longo de sua vida, principalmente durante a infância e adolescência, havia, sim, certo incentivo à leitura por parte de seus pais, mas o foco recaía no aspecto teórico, como forma de adquirir conhecimento da maneira “tradicional”, ou como forma de aprender sobre a vida, como seria possível através da Bíblia, livro citado por ele como seu primeiro contato com a leitura. Entendemos que o viés funcionalista citado pode gerar cansaço e até certo afastamento entre os sujeitos e o livro, visto como um objeto unicamente da ordem da escola ou como uma extensão desta, sem que possa também causar sentimentos de medo, suspense ou felicidade, a depender do gênero literário, e certo prazer no ato. Para Lucas, essa mudança de pensamento acontece quando ele lê *Frankenstein*, de Mary Shelley, e não consegue desgrudar das páginas.

Pensar a literatura para além do lugar da funcionalidade é uma proposta que aparece também nas falas de Ana. Ela associa a prática a palavras como expressividade, arte e autoconhecimento, acionando transformações que podem ser desencadeadas a partir da leitura; Ana percebe isso não apenas na relação do sujeito com o mundo, mas de si consigo mesmo. Ao pensarmos na racialização de corpos negros, retomando o que falamos sobre as características da Negritude para Césaire (2021), o contato com a arte, representado em nossos diálogos pela literatura, aparece como um ponto de conexão entre postulados teóricos e a investigação empírica. Ana, citando livros que marcaram a sua vida, menciona obras como *Americanah* e *Hibisco Roxo*, de Chimamanda Ngozi Adichie, além de *Canção Para Ninar Menino Grande*, de Conceição Evaristo, o que parece apontar para um interesse e intenção de encontrar a literatura de autoria negra. Em nossos encontros, ela também mencionou que já conhecia *Homens Pretos (Não) Choram* e tinha sido fortemente impactada pelo livro por ter visto o seu pai tão representado na obra. Alguns dos livros favoritos dos nossos interlocutores incluem *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório; *Tudo Sobre o Amor*, de bell hooks; a saga Percy Jackson, de Rick Riordan; e obras diversas de Machado de Assis, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

Júlio, um homem cis pardo, ao partir da mesma reflexão sobre o contato com o livro, entende que essa relação, para ele, começou da recusa. Ele explica:

Eu nunca fui muito de ler, até os meus quase 18 anos, por mais que incentivassem, um pouco, assim, na escola [...] Era engraçado porque, lá em casa, meus pais incentivavam o meu irmão a ler [...] E aí eu sempre ficava pensando, assim: então é isso, eu não gosto de ler não, gosto de ver desenho.

Para Júlio, seu irmão era visto como o filho inteligente, por isso a leitura era incentivada, enquanto ele não recebia as mesmas expectativas, admitindo para si mesmo o desgosto pelas palavras. Como o próprio Júlio afirma, além dos desenhos, ele buscou refúgio nas histórias em quadrinho como forma de entretenimento, negando, ainda, a literatura em prosa, o “lugar” que pertencia ao seu irmão mais velho. Mas, ainda que as coisas tenham mudado com o passar do tempo, a partir dos seus 18 anos, Júlio, assim como outros interlocutores, aciona duas dimensões que afetam esse contato com o livro: dinheiro e tempo. Daniele e Kauã, deixam explícita a preferência por obras físicas, mas reconhecem que em muitos casos isso se torna inviável devido ao alto custo das aquisições no Brasil. Para ela, os livros digitais, pirateados, se mostram como uma forma de contornar esse empecilho, enquanto para ele as bibliotecas públicas são mais acessíveis; de forma semelhante, Júlio, que gosta de quadrinhos, menciona os *scans*, arquivos digitais com as HQs escaneadas e disponibilizadas por perfis de fãs, como um caminho para ter acesso à literatura. O tempo, no entanto, aparenta ser um obstáculo mais difícil de ser superado pelos participantes. Em grande parte das falas, trazendo à tona novamente o debate promovido por Daniele, Kauã e Júlio, são destacadas as cobranças acadêmicas, de grandes obras e curtos prazos, como responsáveis por diminuir a possibilidade da literatura como entretenimento. Para Kauã,

A academia acaba destruindo um pouco, mesmo, o nosso hábito de leitura por lazer. Ainda mais eu que fui da Letras por muito tempo; estudando literatura, tem professores que passam o prazo de leitura de um livro inteiro para uma semana, ou menos, então [...] chega um momento das férias que a gente cansa um pouco do hábito de leitura porque se tornou uma obrigação para você.

A relação entre leitura e o âmbito acadêmico também é citada por Henrique, que descreve a entrada na universidade como o momento em que ele começou a ter mais contato com os livros. Ele considera essa aproximação tardia e percebe, assim como nas falas de Ana e Lucas, que a prática, em sua vida, ainda é muito marcada por um viés funcionalista, das leituras teóricas, em busca de um conhecimento “tradicional”, como dito anteriormente. Henrique é um sujeito envolvido com movimentos sociais e considera os estudos acadêmicos como uma base relevante para a sua militância, mas diz também que está em um processo de se aproximar mais da

literatura como prazer, principalmente com as histórias em quadrinho, em concordância com Júlio.

Como evidenciado pelos gráficos apresentados na seção metodológica, todos os participantes dos nossos encontros de leitura estão situados na academia, entre cursos de graduação e pós-graduação. As relações com o livro e a literatura aparecem de formas diversas, a partir das experiências de cada sujeito, mas apontam para caminhos semelhantes: podemos observar, a partir das falas de Ana, Daniela e Kauã, que o incentivo à leitura desde a infância os levou a um desejo pela profissionalização na área, o que também resultou em certo cansaço ao, paradoxalmente, terem menos tempo para se dedicarem ao prazer que os motivava inicialmente; por outro lado, as falas de Henrique e Júlio nos fazem perceber uma vontade de recuperar o “tempo perdido”, assim como uma intenção de ver a prática da leitura para além de sua funcionalidade teórica. A partir disso, os relatos nos ajudam a perceber como o contato de cada um é influenciado por seus respectivos lugares na sociedade. A partir da racialização do negro no Brasil, Sueli Carneiro (2023) nos mostra que a falta de acesso à educação, ou um acesso concedido, mas precarizado, é uma forma de reinsserir tais corpos em um lugar de assujeitamento. É na escola, também, que muitos começam a receber os primeiros estímulos à leitura, como destacado fortemente por Lucas, ou cujo incentivo é raro, mas ainda que presente, como o caso citado por Júlio. Podemos pensar, então, que a precarização do ensino formal, partindo de uma perspectiva interseccional de raça, classe e geolocalização, pode acabar afastando pessoas negras, pobres e de zonas periféricas do contato com a leitura, acima de tudo da leitura como prazer e entretenimento, já que o tempo, muitas vezes dedicado ao trabalho e/ou a tarefas domésticas, também se mostra como um empecilho a tal contato. Nas palavras de Oliveira e Rodrigues (2022, p. 58): “[...] para formarmos autores e leitores negros, é necessário que haja, inicialmente, a inserção desses sujeitos nas esferas de formação discursiva, como o ambiente letrado, responsável pela legitimação dos discursos”, reforçando a estreita relação entre ambos.

Acredito ser válido propor um diálogo, também, com o pensamento de Édouard Louis, escritor francês, que durante a sua passagem pelo Brasil para integrar a programação da Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP), participou do Roda Viva, programa exibido pela TV Cultura. Na oportunidade, ele foi questionado por Roberta Martinelli, apresentadora, a respeito do discurso da democratização da arte para todos como uma possível falácia, já que “a arte, de alguma maneira, também é uma ferramenta de dominação” (Roda Viva, 2024, online). Em

resposta, o escritor sugere uma reflexão do acesso à arte como um roubo: algo que era acessível à população como um todo, mesmo que em tempos remotos, mas que foi roubado pela burguesia como uma forma de distinção, de acesso privilegiado, para diferenciar a alta sociedade da classe operária. Ainda que a fala de Louis seja muito voltada ao cenário europeu no qual ele cresceu, afetado pela dimensão da classe, principalmente, a sua percepção da arte, especificamente a literatura, como ferramenta de questionamento a esse roubo, como ele cita, e ao acesso a essa dimensão da fruição estética, vai ao encontro do que temos trabalhado aqui até então.

Retomamos a pesquisa de Rossi (2022) a partir de um alerta que o autor faz para a questão do gênero associada ao mercado editorial, no que diz respeito à participação das mulheres em tais espaços. De acordo com o que é constatado pelo pesquisador, “mulheres incentivam a ler, são leitoras em maior número, mas as escritoras não possuem o mesmo reconhecimento dos autores homens” (*ibidem*, p. 167). Neste sentido, durante um dos encontros, Lorenzo, homem cis negro estudante da área das Letras, propôs uma reflexão semelhante ao grupo ao falar sobre a dificuldade que é, para muitos artistas negros, “estourarem a bolha” e chegarem ao espaço de *mainstream*. Ele cita o nome de Conceição Evaristo como uma autora que conquistou diversos espaços no Brasil inteiro, assim como Urias e Liniker, cantoras, como exemplos do mesmo feito, mas reconhece que são poucos os nomes que podem ser citados nesta perspectiva, corroborando com os escritos de Rossi ao acionar também o pertencimento étnico-racial. Ainda assim, quando estas autoras negras caminham rumo a uma ascensão e reconhecimento, muitas vezes sofrem violências diversas que buscam invalidar as suas conquistas.

Podemos citar o acontecido à autora Eliane Marques, autora do livro *Louças de Família*, que foi nomeada vencedora na categoria narrativa longa em premiação sediada na Academia Riograndense de Letras (ARL); no entanto, na mesma noite, ela precisou ouvir da boca de Airton Ortiz, presidente da entidade, que a tradição literária do Rio Grande do Sul era fruto da herança alemã e italiana trazida pelos imigrantes, diferente do resto do país, colonizado por escravizados. Marques era a única mulher negra na premiação e, em entrevista concedida ao Correio do Povo (2024), disse que ficou incomodada não apenas pela fala, mas também pelo silêncio dos que estavam presentes no mesmo lugar, ouvindo aquele pronunciamento racista. Ela decidiu subir ao palco e falar, mas apenas quando recebeu apoio de outros escritores e escritoras brancas que a acompanharam. Mesmo com sua obra publicada pelo Grupo Autêntica, que detém prestígio

nacional, ganhando diversos prêmios, como o Prêmio São Paulo de Literatura, observamos que o racismo sempre encontra um jeito de encontrar o seu alvo e atingir pessoas negras, desmascarando a ideia de que as conquistas, materiais ou simbólicas, podem servir como escudo capaz de repelir tais violências.

## **6.2 Mergulho em águas turvas: homens negros, vulnerabilidade e a busca por novos caminhos possíveis**

Ao falarem sobre suas respectivas histórias de vida, as percepções dos interlocutores sobre o que pensam da vulnerabilidade, como entram em contato com seus sentimentos ou até mesmo o que está envolvido na recusa deste lado emotivo, são reflexões que surgiram ao longo dos encontros. Algumas das falas sobre o tema, inclusive, surgem a partir da própria relação com a literatura — e especificamente tendo como ponto de partida a leitura de *Homens Pretos (Não) Choram*. Júlio disse que, enquanto lia os textos para o nosso primeiro encontro, focado em paternidades negras, percebeu que estava segurando o choro durante toda a narrativa. Para ele, há certo humor e ironia nisso, já que participa de leituras e discussões a respeito do acesso à vulnerabilidade para homens negros e, na prática, quando seu corpo está em pauta, o estigma da força e da repressão ainda se mostram presentes com tanta evidência. A fala do participante nos lembra diretamente o que discutimos anteriormente sobre as contradições e complexidades de ser um homem negro no Brasil. O acesso ao conhecimento teórico, assim como as discussões entre pares, não nos livra de cair nas garras — ou até mesmo reproduzir — do cisheteropatriarcado (hooks, 2015).

A dimensão do choro, inclusive, apareceu com certa frequência nas falas dos participantes ao pensar na vulnerabilidade, já que o ato parece se mostrar, como evidenciado nos debates, como uma materialização do acesso aos sentimentos. Para Ana, o acesso ao choro é uma questão complexa, já que ela cresceu com o seu pai, um homem negro, a criticando cada vez que ela chorava, da infância até a vida adulta, por enxergar as lágrimas como fraqueza; ela, no entanto, pensa o contrário: a segura e o endurecimento de si representam a morte, em sua concepção. Ela decidiu participar dos encontros por já ter lido *Homens Pretos (Não) Choram* e destacou que, ao ler *Seco*, sentiu que seu pai estava sendo representado diretamente ali: um homem negro, com passado policial e que apresenta grandes dificuldades em acessar suas

vulnerabilidades, ainda que ela, enquanto filha, busque incentivá-lo a pensar mais sobre o tema, até mesmo o presenteando com uma cópia da obra de Volp. Jota, uma pessoa preta não-binária, compartilha a percepção de que algumas discussões podem cristalizar a ideia do choro como privilégio, que “só pessoas boas têm o direito de chorar”, e a fala retoma as discussões propostas inicialmente em torno da subalternização do homem negro diante de uma masculinidade hegemônica que circula socialmente. A ideia acionada por Jota diz de uma separação, afinal, as “pessoas boas” só existem a partir do seu contraponto, viabilizando a criação da categoria “pessoas más”, binarismo associado, histórica e culturalmente, a sujeitos brancos e negros, seja por meio de argumentos biológicos, religiosos ou até mesmo com base em uma teoria das cores, como apresentado nos escritos de Munanga (2020).

Ainda que a dimensão no choro apareça nas falas dos nossos interlocutores, percebemos que, ao tratar sobre vulnerabilidade, grande parte da discussão foi focada em sua repressão, seja na tentativa de evitar sentir algo ou pelo menos evitar a sua materialização, externalizá-la. Henrique, um dos idealizadores do Da Ponte Pra Cá, diz que o tema das paternidades negras costuma ser tratado com pouca frequência no grupo, já que pode causar entraves emocionais nos participantes, como constatado em outras ocasiões. Para Daya, cujo corpo já foi lido como masculino e cresceu ao lado de um homem negro, seu irmão, o compartilhamento de regras sociais que ensinam sobre a repressão emocional se mostra com evidência. Em suas palavras: “algumas questões eu consigo enxergar, a questão do autosilenciamento, de sempre ter que mediar suas emoções para ser forte (ou parecer forte), acho que é uma questão que atravessa muitas pessoas negras, mas acho que se instaura no corpo masculino de uma maneira muito forte”. A interlocutora destaca, ainda, que tais percepções se mostram em um cenário em que não existia uma figura masculina em casa, já que ambos os filhos foram criados apenas pela mãe, evidenciando o compartilhamento de códigos em torno da masculinidade ideal para além do âmbito familiar. Na interação com outros sujeitos, em um processo de afetação, apreende-se o certo e o errado, aquilo que é recompensado e quais comportamentos são punidos; no entanto, conforme alerta bell hooks (2022), as ferramentas de análise das atitudes dos sujeitos, imbricadas na sociedade, fazem distinções com base nos corpos em pauta. A autora, ao pensar sobre masculinidades, usa o exemplo da violência física e evidencia que, quando homens brancos praticam tais atos, os relatos midiáticos comumente trazem à tona a dimensão do sofrimento psíquico como possível justificativa. “Quando homens negros agem da mesma forma, entretanto,

a mensagem da mídia é a de que eles são ‘inerentemente’ maus, de que suas falhas são incorrigíveis” (*ibidem*, p. 169), reforçando os discursos que costumam estar em circulação na sociedade, ainda que, conforme já dito por Hall (2016), esses sentidos não possam ser fixados e estejam em contínua disputa.

Ainda sobre a fala de Daya, sobre ver o seu irmão reprimir as próprias emoções mesmo sem uma figura paterna próxima que o ensinasse tais comportamentos, o pensamento de bell hooks (2015; 2022) nos ajuda a perceber que a figura materna, muitas vezes, pode acabar atuando a partir de um sentimento de compensação: por não ter um pai presente, ela se vê na obrigação de ser ainda mais rígida quanto aos valores patriarcais, incluindo a negação do acesso à vulnerabilidade, com o intuito de criar um homem forte e que se alinhe com propriedade aos valores sociais da masculinidade hegemônica. É como se elas, as mães, “acreditassem que podem corrigir os erros da história ao impor aos meninos negros uma doutrinação mais brutal no pensamento patriarcal” (hooks, 2022, p. 164). Daya diz que essa tentativa também alcançou o seu corpo por muitos anos, mas ela costumava questionar as regras e discordar de muitas delas, comportamento que atribui ao fato de ter crescido cercada por mulheres e se identificar como uma desde cedo. A partir disso, reconhecemos, também, as imposições feitas a tais vivências, das mulheres trans negras, com base no discurso da nossa interlocutora, que também visam ditar as possibilidades de suas existências no mundo, como criticamente elaborado por Letícia Nascimento em *Transfeminismo* (2021), por exemplo, obra em que a autora nos leva a refletir sobre quais sujeitas podem ser consideradas uma voz válida no movimento feminista e como fazer essa afirmação sem recorrer a aspectos bioessentialistas em torno do órgão sexual.

Ainda, percebendo a relação familiar citada, é válido citar um trabalho anterior (Moura; Fernandes, 2023), em que a dinâmica entre irmãos frente a paternidade negra também surgiu como um debate profícuo. Tomando como ponto de partida a leitura de *Seco* em uma aula da pós-graduação, uma das alunas falou sobre o impacto emocional sofrido por seu irmão a partir do distanciamento empreendido por seu pai. No relato, ela conclui percebendo o quanto ele se “apega ao passado e parece ter dificuldade em superar o que aconteceu, adiando o momento do perdão ou simplesmente o esquecimento” (*ibidem*, p. 6), revivendo a ferida continuamente, ainda que nada seja feito a respeito. No caso de Daya, ela não consegue chegar nem mesmo a uma conclusão, já que o distanciamento entre ela e o seu irmão a impede de perceber qualquer resquício emocional. Ao descrever a relação entre ambos, Daya diz saber apenas que ele está

vivo e respirando - não sabe os seus interesses, dores ou problemas, já que ele não os compartilha com ela.

A repressão emocional, em conexão com o distanciamento parental, também é trazida à tona pela fala de Henrique. O participante descreve o pai como uma pessoa que foi violenta não apenas em relação a ele e aos seus irmãos, mas também à mãe. Quando ele deixou o lar, Henrique sentiu o dever de assumir o vazio deixado, tornando-se um pai para os irmãos e até mesmo um marido para a própria mãe, como disse em nossos encontros. Para ele, o processo de amadurecimento exigido na época causou uma espécie de distanciamento entre o Henrique do presente e o seu eu do passado, mais novo, abrindo mão daquelas memórias de violência, como se, para tornar-se a versão de um homem negro adulto e responsável pela casa, fosse necessário abdicar das suas lembranças de dor, fortalecendo-se por meio da indiferença. No entanto, a partir do contato com outras masculinidades possíveis, Henrique diz que buscou recuperar partes da sua infância e adolescência que ficaram fragmentadas, entendendo que sua trajetória de vida é essencial para a construção de sua identidade. Embora tenha conseguido preencher algumas lacunas, outras parecem irrecuperáveis para ele até então. A fala do nosso interlocutor diz de uma possibilidade de alcance e mudança: é necessário reconhecer as forças opressivas que permeiam as masculinidades negras, mas não entendê-las como uma sentença de violência e *secura* da própria vulnerabilidade, afinal, existem forças de resistência operando em simultaneidade.

O amadurecimento, associado também às responsabilidades da vida adulta, principalmente no que diz respeito ao âmbito financeiro, é uma associação proposta por Daniela ao contar sobre a figura do seu avô, um homem negro “muito durão”, conforme suas palavras, que, ao longo de décadas, foi o principal pilar da sua família. No entanto, com o passar do tempo, essa função foi reclamada por sua mãe, cuja personalidade, de acordo com Daniela, sempre foi parecida com o seu avô: duas pessoas duronas. A partir da fala de Henrique, nossa interlocutora reflete também sobre o próprio âmbito familiar. Em sua percepção, sua mãe, mesmo sendo mulher, foi condicionada a ter uma relação conturbada com o próprio acesso à vulnerabilidade devido ao fato de ter crescido sob forte influência do pai, um homem que não demonstrava ser entregue às próprias emoções. Para Daniela, a partir do momento em que a mãe assume o papel como líder da casa, duas movimentações acontecem simultaneamente: o avô é liberto da sua função anterior, o que, por consequência, aprisiona a sua mãe - que, ao ser o pilar

de uma família, perde o direito ao erro, já que qualquer deslize respingaria em diversas pessoas. Perde, também, a possibilidade de acessar a própria vulnerabilidade, de ser afetada pelas coisas boas e ruins que a atravessam, já que não pode ser paralisada pela fruição dos próprios sentimentos. Por outro lado, Daniela pensa que seu avô passa a gozar desse direito, já que, livre das responsabilidades anteriores, tem mais espaço para viver para si mesmo, dando-o liberdade até mesmo para entrar em contato com a sua própria vulnerabilidade, algo que acredita ter sido perdido com o tempo. Um argumento para este pensamento é trazido pela avó de Daniela, que diz que o marido, enquanto criava os filhos, nunca foi muito de demonstrar carinho, mas conforme os netos foram nascendo isso mudou e o novo avô mostrou-se muito carinhoso, inclusive com a própria Daniela, que cresceu próxima a ele até os 12 anos de idade.

A fala da participante gera uma fricção não apenas nos marcadores de raça e gênero, como pode ficar mais evidente a princípio, mas também de classe e idade. Por tudo que foi apresentado até então, é inviável pensar em uma simetria absoluta entre pai e filha no que diz respeito ao contato com a vulnerabilidade, como se fosse um ônus geracional passado diretamente de um para o outro. Afinal, contextos temporais e sociais diferentes implicam em interações próprias, com suas respectivas particularidades, além do fato de que o gênero, como uma dimensão relacional, em construção com outros sujeitos, não pode ser medido com igualdade quando pensamos em homens e mulheres. No entanto, a fala de Daniela nos alerta também para as possíveis invisibilizações que são empreendidas contra aqueles que não se encaixam nos moldes esperados: se a feminilidade, no imaginário social, é associada ao forte contato com a vulnerabilidade, as mulheres que não têm esse acesso devem ser abolidas do seu pertencimento de gênero? Podemos pensar no discurso de Sojourner Truth, uma mulher negra, que em seu famoso discurso, em 1851, questionou: “e eu não sou uma mulher?”. Afinal, o coro feminista da época buscava direitos iguais entre homens e mulheres, algo que Truth, como uma mulher que trabalhou de forma incansável durante toda a sua vida, já vivia desde muito nova. Nas próprias palavras de Truth:

Olhem para mim! Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari três filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (Portal Geledés, 2014).

Para Daniela, é a questão de classe que conecta sua mãe e seu avô, pois ambos foram, em diferentes momentos, responsáveis pelo bem-estar financeiro da família, o que gera preocupações e pode fazer com que questões da ordem da vulnerabilidade sejam postas em segundo plano, vistas como dispensáveis. O foco recai no material, naquilo que é palpável, buscando garantir que todos vivam em condições dignas; aquilo que diz das emoções, dos próprios sentimentos, pode ser processado em outro momento. Esta separação, como se fosse impossível ter os dois, não pode ser pensada sem uma visada interseccional que una raça e classe. No pensamento de Sueli Carneiro (2023), os negros, incluindo aqueles de pele clara, vivem em condições subalternas, tanto em relação ao ensino, como já citado, quanto no que diz acesso ao mercado de trabalho e, conseqüentemente, fonte de renda. A estabilidade financeira, assim como a ascensão econômica, muitas vezes se mostra como o maior objetivo destes sujeitos, algo que, devido à racialização, é fortemente dificultado. Em batalhas diárias, continuamente, lutam pela conquista do dinheiro e por melhores condições de trabalho, uma necessidade imediata, enquanto questões de dizem respeito até mesmo ao conhecimento de seu próprio pertencimento étnico-racial permanecem inexplorados, levando a um enfraquecimento da luta coletiva rumo a um movimento de afirmação da Negritude. Para Santos (2020, p. 41), “a partição do mundo para a dominação hegemônica é fato”, ou seja, limitar os corpos negros a uma busca pela sobrevivência de si e de grupos próximos, de forma, se mostra como uma estratégia de subjugação desses sujeitos e manutenção das hierarquias vigentes. O acesso à vulnerabilidade, no cenário brasileiro, se mostra como um privilégio, retomando a fala de Jota; privilégio este que é concedido a quem tem determinado pertencimento racial, de gênero e de classe.

bell hooks (2022) argumenta que ser um homem negro significa alimentar uma ferida que permanece em aberto ao longo da vida inteira. As dores sentidas desde a infância, impossibilitadas de serem devidamente processadas devido ao que se espera de um homem na sociedade, vai tornando aquele machucado em algo cada vez maior e difícil de ser controlado. É possível lidar com tamanha aflição? Podemos argumentar que o choro, a partir das falas apresentadas, se mostre como um possível caminho de cura, mas o ato exige uma abertura à ideia de ser vulnerável, entrando em um paradoxo. O que pode, então, o homem? Ana argumenta, a partir da leitura de *Homens Pretos (Não) Choram* e da experiência com seu pai em casa, que o que resta a tais sujeitos, pertencentes a este atravessamento, é sufocar qualquer necessidade de contato com as próprias emoções. A bebida, assim como a aquisição de bens materiais e

conquistas amorosas, aparecem aqui como caminhos citados pela interlocutora para que homens negros possam tentar esquecer o que existe de turbulento dentro de si mesmos e sigam vivendo a própria vida, como se fosse uma espécie de auto-enganação. É interessante observar que, aqui, Ana não fala de achismos, mas da experiência que teve ao crescer junto com o próprio pai e tendo consciência dos estereótipos vigentes em torno dos homens negros no cenário brasileiro. O que debatemos a partir de Stuart Hall (2016) e Flávia Biroli (2011) ganha materialidade na proposta desta fala, na qual observamos a reinscrição do sujeito em modos de ser, as caixas estereotípicas, como trabalhado anteriormente. Ainda, é válido observar a evidência de que os estereótipos se constroem com base na realidade, de forma dialógica, e não podem ser negados em absoluto como irrealis.

Os interlocutores falam, então, de uma negação dos homens negros ao contato com vulnerabilidade, característica imposta socialmente e replicada pelos sujeitos em um nível coletivo, como relatam as experiências dos encontros. A temática familiar aparece com frequência com discursos que evidenciam uma distância destes homens e, em nossa percepção, também podem dizer das estratégias de afastamento emocional. Ana, novamente, traz à tona a figura do seu pai, com quem conviveu a vida toda, mas nunca se sentiu devidamente conectada emocionalmente, apesar de tentar de diferentes formas. Lucas e Jota, em concordância, também falam do lugar de sujeitos que cresceram com seus respectivos pais, na mesma casa, mas não sentem qualquer tipo abertura para serem vulneráveis e conhecê-los de forma profunda. Jota, como uma pessoa não-binária e que atende por qualquer pronome, reforça que não se considera como um filho do próprio pai, muito menos uma *filha*, algo que não imagina que ele seria capaz de verbalizar e aceitar. bell hooks (2022, p. 193) argumenta que o confronto que os pais passam, ao ver seus filhos vivendo algo que eles mesmos não são capazes de acessar ou elaborar ainda, pode evidenciar dores abertas e que não sararam:

Uma explicação para o abandono de filhos por pais negros é simplesmente que a falha em curar a criança interior ferida em geral significa, para o adulto que nunca se recuperou da perda e do abandono na própria infância, que a presença do filho ou da filha atua como um gatilho para a dor. Ao afastar-se da criança, ele foge do sofrimento, evita desenterrá-lo.

Tomando o gancho, mas também propondo reformulações no caminho, Daniela fala sobre seu pai, um homem negro, com quem passou a morar junto após os 16 anos. Ela o descreve como “um cara com mais de 50 anos, cheio de convicções”, na época, o que fez com que ambos

sofressem diversos embates. Eles não se conheciam bem: era uma relação em que ambos estavam aprendendo um sobre o outro, criando as bases para a intimidade. No entanto, Daniela enfatiza que percebeu mudanças em seu comportamento com o passar do tempo, considerando as necessidades e colocações da filha; a nossa interlocutora usa a sua própria história para falar sobre a paternidade positiva que o pai exerce em sua vida, de alguém que está disposto a olhar para si mesmo, para as próprias emoções, em diálogo com as suas. Durante sua colocação, Daniela destaca o acesso e disposição do pai a entrar em um processo terapêutico, do qual, após diferentes conversas com psicólogo, ele se mostra à vontade para conversar com a filha sobre os tópicos expostos na sessão, muitos deles sobre o exercício da paternidade, evidenciando a relevância de Daniela nesta interação. Se a fuga da vulnerabilidade como aprisionamento aos estereótipos das masculinidades negras é evidenciada nas falas dos nossos interlocutores, a busca por novas possibilidades também se mostra presente não apenas pela intervenção feita por Daniela, ao contar sobre a relação com o pai, mas também por Henrique, por exemplo. No seu caso, ele destaca que crescer em um ambiente de violências empreendidas por seu pai, principalmente, o fez querer ser diferente, buscar um caminho que não fosse aquele, entendendo, a partir da própria experiência, que não estava condenado a um único lugar por ser homem e negro. Ele tentou se aproximar do pai, após anos, mas todos os encontros eram marcados por situações dolorosas, o que o levou a cortar laços de forma definitiva com toda a sua família paterna. Ainda que indiretamente, Henrique colocou em prática o que bell hooks (2022) propõe a partir da sua experiência com um pai violento: evidenciar a sua mágoa, propor um espaço de abertura para a vulnerabilidade; e isso não precisa ser feito pessoalmente, no cara a cara, já que pode acionar tantas dores e desconfortos - a própria autora conta que escreveu uma carta para o pai, relatando o que estava em silêncio com o passar dos anos. Na primeira situação, de Henrique, a tentativa foi negada, devido ao rancor guardado pelo pai, mas na segunda, como nos conta hooks, o relacionamento pode prosperar entre ambos.

Durante os encontros, os participantes demonstram estar conscientes sobre a dificuldade que é o processo de quebrar ciclos - ou ao menos tentar - devido aos condicionamentos sociais aos quais estamos submetidos. As falas, muitas das quais foram baseadas em trechos de *Homens Pretos (Não) Choram*, apontam para as possibilidades da representação como contraestratégias, nas palavras de Hall (2016), para criar rotas de fuga, desafiar o que se espera dos homens negros. Dizem de um direito à negação, de não querer ser associado a determinados estigmas, mas

apontam também para a busca por afirmações positivas, complexas, de se identificar e se ver representado ou até mesmo almejar alcançar tais figuras não apenas em relação ao cruzamento de raça e gênero, como evidenciado, mas também quanto à sexualidade, conforme apresentaremos a seguir. Na próxima seção, nos debruçamos sobre os momentos dos encontros que trazem a experiência da leitura, as interações dos leitores com o livro, para pensar suas próprias realidades e experiências.

### 6.3 Ocupação trabalhista, morte e voyeurismo

A partir das análises anteriores, é possível perceber que muitas das falas se conectam em uma dimensão da dor, um compartilhamento de experiências que geram gatilhos nos interlocutores, principalmente no que diz respeito à paternidade negra, tema do nosso primeiro encontro, mas que extrapolou também para momentos posteriores. Quando os homens negros trouxeram o tema à tona, percebemos que suas falas acionavam não apenas os pais, suas presenças ou ausências, mas também as questões em torno de si mesmos no possível lugar da paternidade. Henrique, um dos participantes, exemplifica essa observação ao refletir, a partir do conto *Seco*, a respeito da dureza que os marcadores de raça e gênero podem impor à família. É interessante observar que esta história, que abre o livro *Homens Pretos (Não) Choram*, é centrada na dificuldade do homem negro em acessar sua vulnerabilidade e no afastamento que acontece com aqueles que estão a sua volta - mesmo que não seja uma distância física, já que os filhos e netos orbitam a vida de Heleno, o protagonista, mas ainda assim há um abismo emocional entre eles. A temática abordada é usada como ponto inicial para várias discussões, como será visto a seguir, e se entrelaçam de maneira direta com as experiências dos participantes. Enquanto isso, *Meia Noite*, um conto sobre a esperança de tornar-se um bom pai, de fazer diferente e a possibilidade de quebrar o ciclo de violência ao qual homens negros estão submetidos, aparece com menos frequência, muitas vezes como um contraponto a *Seco*, apontando os extremos que ambos representam - o pai negro, distante e *seco* de um lado e o pai negro carinhoso, emotivo e que superou os próprios traumas do outro. Para Henrique, por exemplo, a leitura de *Meia Noite* foi feita com certo distanciamento, já que a história trazia à tona questões que o afetavam profundamente, como “o que é ser homem?”, “o que é ser pai?”, além dos tópicos em torno de alcoolismo e violência.

No entanto, ainda que *Seco* esteja fortemente ancorado na realidade de vários participantes, alguns destacaram o potencial disruptivo do conto ao contrariar algumas expectativas criadas no decorrer da leitura. Henrique, ao falar sobre o conto, elogia as *pegadinhas*, como se o autor, Volp, levasse o leitor a preencher algumas lacunas com informações compartilhadas pelo senso comum para, em seguida, questionar de onde veio aquela inferência. A exemplo disso, ele cita a ideia do suicídio como algo esperado conforme lia a história de Heleno: o protagonista, um homem adulto, sente que está sendo perseguido pela morte dentro de sua própria casa. A menção a cenários suicidas, como a beira de uma janela ou o contato com uma faca, levou alguns participantes a pensarem que ele ia tirar a própria vida - além de Henrique, Daya também caiu nas *pegadinhas*. O resgate de informações compartilhadas, como o possível caminho para o suicídio de Heleno, pode estar alinhado com a situação do homem negro no contexto brasileiro: em pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o atravessamento entre raça e gênero no qual homens negros estão posicionados atinge o maior índice de suicídios no Brasil. De acordo com os dados levantados pelo Ministério da Saúde em parceria com a Universidade de Brasília (2018), alguns determinantes de risco para o suicídio envolvem pessoas do sexo masculino, solteiro/separado e aposentado como perfil predominante, além de fatores sociodemográficos, psicológicos e condições clínicas que destacam o isolamento social, a perda de parentes e o alcoolismo como fortes influências.

Para além dessa relação direta percebida entre ficção e realidade, ou autoficção, retomando o conceito trabalhado por Duarte (2020), acreditamos ser válido trazer à tona também a construção dos homens negros na literatura a partir do conceito da morte, afinal, a representação tem o potencial de criar, combater e atualizar o imaginário social. No *corpus* analisado por Dalcastagnè (2021), como já apresentado neste trabalho, a autora também investiga a questão da morte dos personagens literários. Quando a questão étnico-racial é considerada, os dados nos informam que personagens negros morrem devido a assassinato (61,1%), acidente ou doença (27,8%) e, por fim, suicídio (11,1%). Para a pesquisadora, esses dados têm profunda relação com as ocupações trabalhistas que esses sujeitos desenvolvem em suas respectivas obras. Afinal, entre as principais ocupações das personagens negras, estão: bandido/contraventor; empregado(a) doméstico(a); escravo e profissional do sexo. Ocupando espaços insalubres e perigosos, altamente racistas, as pessoas negras encontram um fim drástico e violento, mas que também pode ser prazeroso para quem lê: aquele que impõe o mal, que vive desrespeitando as

regras sociais e que se colocou em uma posição de vulnerabilidade finalmente sofre as consequências para as suas próprias ações - a morte.

Ainda nesse sentido, Dalcastagnè (*ibidem*) mostra que, de forma geral, personagens negros e mestiços têm maior tendência a encontrar a morte do que os brancos (os índices são de 36,8% e 38,2% comparado a 28,7%). Acreditamos que os dados apresentados, assim como a forma da morte desses sujeitos, encontrem relação também com o trabalho de Grada Kilomba (2019) ao conectar a questão racial com a percepção do voyeurismo, ou seja, da excitação sexual a partir da observação. Em *Memórias da Plantação*, a autora toma uma entrevista feita com Alicia, sua interlocutora, que é uma mulher afro-alemã e percebe, em seu cotidiano, a recorrência de perguntas a respeito de onde ela nasceu. A branquitude fica decepcionada quando ela diz ser alemã, mas encontra novas formas de conseguir o prazer que procura, sempre insaciáveis: “Impacientemente, pergunta após pergunta, suas/seus espectadoras/es procuram pelo ‘paraíso’: ‘E seus pais, de onde eles vêm?’. Elas/eles continuam perguntando até que uma história fabulosa e exótica seja contada” (*ibidem*, p. 118). Ainda que o trabalho de Kilomba, neste aspecto, seja desenvolvido ao pensar nas políticas espaciais, acreditamos que a busca por esse paraíso exótico-erótico também pode ser encontrada na morte literária, materializando a punição de um ser que é indesejado socialmente. Como se não bastasse as violências sofridas por pessoas negras na sociedade diariamente, a branquitude também pode encontrar o prazer na ficção, durante seus momentos de lazer, não apenas em uma morte, mas também uma finalização espetacularizada, majoritariamente por meio do assassinato, como apresentado anteriormente. Se o leitor encontra o que procura na literatura, é importante destacar que o autor também tem um papel central ao apresentar ao público aquilo que é desejado, já que é ele quem seleciona a temática abordada em sua história, assim como o ângulo a partir da qual ela será observada.

Entendemos que a representação midiática não diz respeito apenas a bem e mal, a partir de normas éticas que guiam a sociedade da qual fazemos parte, mas deve ser pensada através de uma complexificação - ou não - das vivências apresentadas. Os dados sistematizados nas pesquisas de Dalcastagnè (2021), por exemplo, nos mostram indícios interessantes de como os sujeitos negros vêm aparecendo em romances brasileiros, de forma quantitativa, mas é necessário reconhecer a dificuldade de analisá-los de forma complexa, entendendo os sentidos que eles podem acionar no público. Ainda assim, os trabalhos da pesquisadora direcionam o nosso olhar ao evidenciar os padrões que são repetidos ao longo de décadas e o que eles podem significar -

quanto ao que os autores desejam escrever; o que os leitores desejam ler; o que as editoras acreditam ser válido publicar e assim sucessivamente.

Assim, tomando novamente como ponto de partida a articulação pensada por Dalcastagnè (*ibidem*) entre a dimensão étnico-racial e a ocupação do sujeito negro na literatura brasileira, observamos que no caso de *Seco* a profissão de Heleno também carrega um peso para a narrativa. Ele, que é aposentado do exército, com uma coleção de medalhas em casa, como o conto descreve, é apresentado como uma exceção à regra do negro como bandido e contraventor. Na história de Volp, vemos um homem negro com uma carreira estável e bem-sucedida, mas ainda assim frustrado, correndo da morte e em direção à ela, tanto pelas mãos do autor quanto pela imaginação do leitor. No entanto, retomando as falas de Henrique e Daya, como apresentado no começo do texto, aqui o personagem é antecipado como uma vítima do suicídio, não do assassinato ou de um acidente/doença. Dessa forma, a partir de uma intersecção entre raça, gênero e classe, somos capazes de direcionar a nossa inclinação a expectativa de uma morte e a forma com que ela pode se dar no contexto da narrativa, como bem retratado pelos interlocutores.

Os interlocutores, durante nossos encontros, também trouxeram à tona as suas respectivas experiências com o mercado de trabalho, ancorados, novamente, em dois contos de *Homens Pretos (Não) Choram: Bilola e Florescer*. A primeira narrativa é usada como base para retratar alguns dos cargos ocupados pelos participantes ao longo do tempo, como é o caso de Daya, ao falar sobre o sentimento de ser “um corpo estranho, um corpo que não deveria estar ali” ao estar presente em espaços frequentados por pessoas majoritariamente brancas e com alto poder aquisitivo. Ser uma mulher trans e preta é um problema para outras pessoas, como ela percebe, resultando em olhares, comentários preconceituosos e até mesmo uma demissão, quando perceberam que ela usava o banheiro feminino. Em nossos encontros, falamos muito sobre cuidado coletivo, a união entre pessoas negras como ferramenta de luta e mobilização; por isso, aproveitando a oportunidade, questionei Daya sobre outros corpos negros nesses espaços de trabalho e sobre a oportunidade de se aproximar delas. Em resposta, ela afirma que existiam, sim, outras pessoas negras por perto, mas muitas delas não queriam se aproximar dela, formavam seus próprios grupos “superiores” e não pareciam querer a sua companhia por perto. Para Daya, eles não queriam ser “confundidos” como alguém da mesma categoria que ela.

Em *Bilola*, predomina a ideia da dominação dos brancos sobre os negros por meio de um processo de compra, de tokenização destes corpos, como se fosse possível se apossar deles. Henrique, ao falar sobre suas experiências como atendente de telemarketing, aponta para uma reflexão semelhante ao nos contar o quanto esperavam que ele estivesse disposto a assumir erros que não eram seus para preservar o bom humor dos clientes e a boa fama da empresa. Ao discorrer sobre o caso de uma cliente branca que cometeu um equívoco e perdeu dinheiro, seus superiores, ao chamá-lo para conversar, disse que o pagamento seria descontado do seu salário, mesmo que ele tivesse provas que o inocentavam daquela situação. Naquele embate, parecia haver apenas dois caminhos: aceitar a punição e manter seu emprego ou priorizar a si mesmo e ser mandado embora. Para Henrique, pessoas negras só são aceitas e incluídas em espaços de trabalho enquanto se mantiverem dóceis, dispostas a seguir as regras - muitas vezes aplicadas apenas a pessoas negras - e longe de qualquer questionamento aos que ocupam cargos superiores. Ainda assim, o participante vê esse processo de subalternização como uma forma “tranquila” de viver para evitar conflitos. Afinal, estamos falando aqui de um contexto de classe e busca por estabilidade financeira, algo que, como já foi apresentado, é um processo ainda mais complexo para as pessoas negras no cenário brasileiro, cujo acesso a empregos dignos é escasso. Abrir mão das próprias necessidades em prol de um salário pode se mostrar, então, como uma negociação possível para muitos sujeitos, como a fala de Henrique nos leva a pensar.

A falta de dignidade trabalhista para pessoas negras no Brasil evidencia, ainda, a contínua manutenção da lógica escravocrata, em que os corpos, vítimas de uma forte desumanização, eram vistos apenas como máquinas de trabalho, sem direito a qualquer tipo de descanso. Sob o olhar vigilante dos brancos, supostamente dedicados ao labor, os escravizados eram monitorados, já que acreditava-se habitar, dentro deles, um espírito preguiçoso. Como resultado, a contemporaneidade ainda evidencia os inúmeros casos de trabalho análogo à escravidão, cujas pessoas presas em tal regime são, majoritariamente, negras (Pajolla, 2022), sem contar tantos outros que também estão submetidas a situações degradantes, mas cujas vivências ainda permanecem desconhecidas. Meu pai, um homem negro nordestino, trabalhou por quase 20 anos sem ter a sua carteira assinada, sempre recebendo promessas, mas sendo posto de lado. Ele saiu do emprego buscando novas oportunidades, acreditando que seria possível encontrar algo melhor. No entanto, todos os cenários o levavam para o mesmo lugar de antes: salários baixíssimos, sem qualquer tipo de benefício, horários que ultrapassam a carga diária prevista na

lei. Ele aceitou e é assim que tem vivido, sob um regime impróprio para a sua idade, que o impede de ter lazer, mas que garante a comida em sua mesa. Um caso silencioso, mas igualmente problemático e doloroso. Voltando a pensar em nossos encontros, ainda sobre a subjugação de pessoas negras no ambiente de trabalho, Daya relatou que, enquanto trabalhava em um estúdio de fotografia, uma família branca chegou acompanhada de uma babá negra, que cuidava da criança do casal. Em um dos momentos, o pequeno, cansado de ficar em pé, mandou a babá ficar de quatro, imitando uma cadeira, para que ele pudesse se sentar em cima dela. As mulheres cruzaram o olhar e Daya descreve a dor do encontro, imaginando que aquela, talvez, não fosse a primeira vez que a babá tinha ouvido tal ordem - talvez até mesmo já tivesse cedido a ela. Violências que não são apenas simbólicas, pelo que representam, mas também físicas, operando em conjunto para reforçar o lugar da mulher negra naquele espaço: de objeto, alguém a se adaptar conforme as necessidades dos brancos.

Criticar as demandas absurdas e constrangedoras dos padrões, para pessoas negras, pode levar a demissões, como evidenciado anteriormente no relato de Henrique: se posicionar, reivindicando o direito à fala, mexe na ordem do que é permitido para tais corpos em sociedade. Júlio, em concordância, traz também as suas experiências no âmbito da psicologia em duas dimensões: como pesquisador e como clínico. Ele evidencia que, nas duas esferas, existe uma expectativa para que os profissionais sigam com o que já está posto, seguindo a hegemonia que dita o que é ser psicólogo. Qualquer tipo de crítica ou proposta de desvio é deslegitimada, empreendendo punições ao sujeito, principalmente da ordem da exclusão. Em sua pesquisa, ao propor uma reflexão sobre serviços de saúde que se propõem a ser antimanicomiais, Júlio diz receber críticas de pessoas que chegam até ele já afirmando: “ó, você não vai conseguir”, fazendo-o refletir se a sua proposta é infundada ou se ele é “burro”, em suas palavras, internalizando as críticas feitas. No âmbito da psicologia clínica, ele afirma:

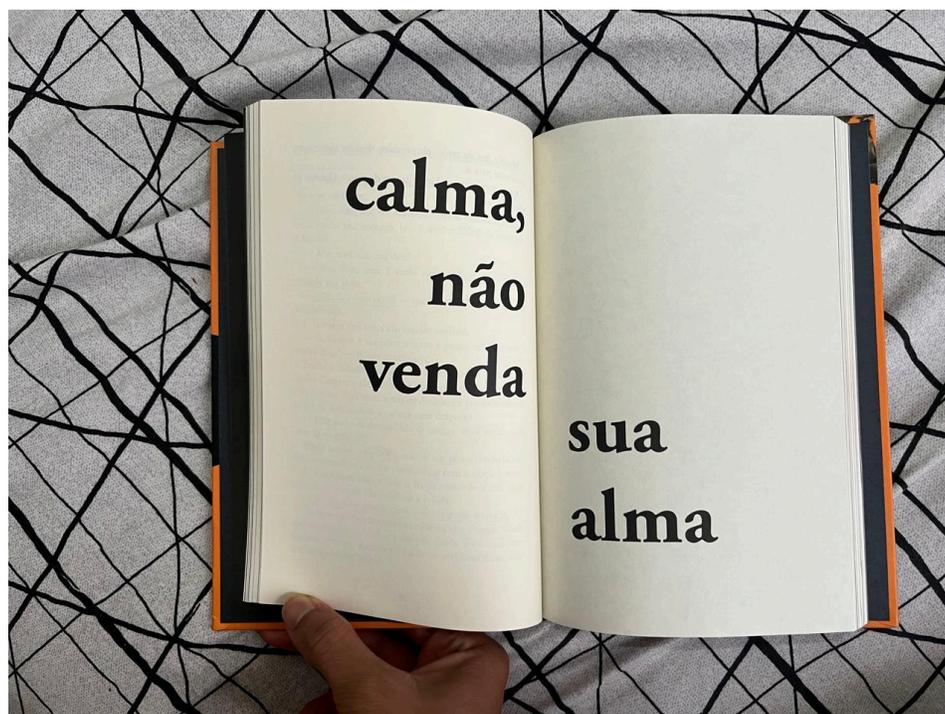
Se você se pretende a ser um clínico, você tem que ser um clínico tradicional. Qualquer crítica pode ser muito mal-vista pelas pessoas. Pensar raça na clínica, mais ou menos na minha proposta, as pessoas te renegam, não me chamam pra fazer parte do grupinho. Por exemplo, tem um grupo restrito de pessoas que estão fazendo uma proposta para pensar essa clínica em Belo Horizonte: você não participa. Já falam assim [...] ó, você vai, mas vai ficar quietinho? Eu escutei isso, já, de pessoas que eu chamava de amigos.

Espera-se que os sujeitos negros contribuam com a manutenção do sistema tal qual ele é. São pessoas boas, que devem ser mantidas por perto - amigas, até mesmo parte da família -

desde que sigam as normas sociais que favorecem as hierarquias tais como elas são. A partir do momento em que se revoltam, a partir da adoção de um viés racializado da psicologia, por exemplo, tornam-se inimigos que devem ser combatidos por meio da deslegitimação, como Júlio aponta em relação à sua pesquisa, ou da exclusão, ao pensarmos no âmbito da psicologia clínica, como mencionado pelo participante. Neste cenário, as estratégias de assimilação ao que se espera dos nossos corpos e discursos pode parecer o caminho mais fácil, ou até mesmo “tranquilo”, retomando a fala de Henrique; em contraponto, também podemos lembrar dos debates em torno da Negritude, conforme proposto por Aimé Césaire: a afirmação da racialização do negro, ou a reivindicação da Negritude para si, é um processo complexo, assim como o próprio termo também o é. Existem perdas envolvidas, muitas da ordem material, principalmente em torno das oportunidades de ascender financeiramente, caminho possível para buscar uma inserção social, como dito por Souza (2021, p. 21):

Lutando, muitas vezes, contra a maré da dominação, o negro foi, aos poucos, conquistando espaços que o integravam à ordem social competitiva e lhe permitiam classificar-se no sistema vigente de classes sociais. A ascensão surgia, assim, como um projeto cuja realização traria consigo a prova insofismável dessa inserção.

Buscar ser reconhecido como gente por meio da ascensão social, em muitos casos, não inclui a valorização da identidade étnico-racial. Pelo contrário, ainda de acordo com Souza (*ibidem*), exige um abandono da própria racialização. No entanto, o dinheiro não apaga o pertencimento racial; o posicionamento de Milton Santos, importante intelectual da área da geografia no Brasil, coaduna tal perspectiva. Ele afirma: “Não importa a festa que me façam aqui ou ali, o cotidiano me indica que não sou cidadão neste país” (Santos, 1996/1997, p. 134). Para além do Brasil, Hall (2016), ao falar sobre atletas negros que quebraram recordes e passaram a ocupar um lugar de prestígio social, apresenta a história de Linford Christie, velocista britânico que, após vencer um dos prêmios mais importantes da sua carreira, uma medalha de ouro nas Olimpíadas, passou a ser questionado pelos veículos midiáticos sobre o seu pênis, sendo reduzido ao possível tamanho da sua genitália. Os exemplos nos levam a concordar com Sueli Carneiro (1995): não importa o poder ou a mobilidade experimentada por homens negros; eles ainda não têm poder real, independentemente do âmbito e das contribuições prestadas. Talvez um primeiro passo seja seguir o conselho de Stefano Volp (2022, p. 78-79) no final de *Bilola*:

Figura 3 - Frase final do conto *Bilola*

Fonte: autoria própria (2024)

Em contraponto, a narrativa apresentada em *Florescer* fala sobre a possibilidade de cura interna de um homem negro junto ao seu ambiente de trabalho, especificamente no que diz respeito ao seu chefe, que também se encontra nesse cruzamento de raça e gênero. A história poderia ter dado espaço para o compartilhamento de experiências que falassem de um aquilombamento, de senso coletivo e fortalecimento da Negritude, mas não foi isso que aconteceu. É válido lembrar o comentário de Daya, exposto no começo desta seção, sobre como as demais pessoas negras em seu trabalho evitavam conversar ou até mesmo serem vistas próximas a ela. Apesar disso, a narrativa de *Florescer* pode se apresentar como caminhos possíveis e que são evidenciados socialmente, como a criação de espaços para o fortalecimento de pessoas negras no espaço de trabalho e o diálogo desses sujeitos entre si.

#### 6.4 Construção do mundo a partir da afetação: interações com/entre homens negros

*O mais incompreensível é que mesmo aqueles que nem sempre são capazes de respeitar as normas e as regras impostas pelo mundo insistem que elas sejam respeitadas, como você, quando dizia que um homem não devia nunca chorar. Será que você [pai] sofria disso, desse paradoxo? Será que tinha vergonha de chorar, você, que repetia que um homem não devia chorar? Queria dizer a você: eu também choro. Muito, frequentemente.*

(Édouard Louis — *Quem matou meu pai*, 2023)

A partir dos debates, foi possível perceber também falas que dizem da interação entre os sujeitos no mundo, tendo como ponto de partida as diferentes manifestações das masculinidades negras em suas vidas. Assim como nossas reflexões anteriores, aqui, igualmente, se destaca a esfera familiar, na qual é enfatizada a figura do pai preto — seja sua presença ou ausência — como forte influência na relação dos seus filhos com o mundo. Henrique, cujo contato com o pai já foi mencionado anteriormente, pensa nas consequências deste distanciamento, que resultou na sua alocação ao papel de figura masculina central no seu núcleo familiar. Tornando-se o “pai” dos seus próprios irmãos, ele percebe que passou a ficar mais distante dele, já que o peso das suas novas responsabilidades, principalmente em torno da questão financeira, exigia a sua presença constante. Para ele, o afastamento, além do pai e dos irmãos, se manifestou em uma escala ainda maior, já que houve um rompimento com toda a sua família paterna. As violências advindas do seu pai o afetaram a ponto que ele não conseguia mais ser próximo de familiares como tios e primos. Ele só voltou a ter contato com este grupo novamente devido a um acontecimento trágico — o falecimento da avó paterna — e logo em seguida a separação continuou perdurando. Henrique comenta também sobre o impacto da relação com o seu pai nas memórias e afetos construídos ao longo de sua infância, destacando as amizades que tinha, pessoas com quem compartilhava a intimidade, mas que ficaram para trás devido às muitas mudanças de casa que ele precisava fazer, junto com os irmãos, sempre que seus pais passavam por mais um rompimento. Para ele, é um processo tentar recuperar os fatos, ter de volta aquilo que parece ter se perdido. Em sua fala, nosso interlocutor reafirma o sentimento de distanciamento enquanto traz os relatos para o debate, como se estivesse contando a história de

outra pessoa; nada daquilo parece que o pertence, como ele mesmo diz. Pensando, agora, em sua vida adulta, ele vê a necessidade de se aproximar do seu passado, recuperando as lacunas que percebe nas próprias memórias, como forma de construir a sua identidade, um caminho também para a própria afirmação. Além disso, Henrique vê um caminho importante de encontro consigo mesmo a partir da reelaboração da sua relação com a própria família nuclear: para ele, abrir mão das responsabilidades que não são suas e voltar a ser apenas o filho da sua mãe é o começo de algo.

Em fragmentos anteriores, foi possível perceber, a partir das falas de Daya, a relação de observação que ela instituiu para com o próprio irmão, notando o abismo que se formava entre os dois. No entanto, junto a isso, é válido mencionar também a figura da mãe em sua vida. Daya conta que, quando criança, ao tornar-se consciente da sua diferença diante seus colegas de escola, que tinham pais que as buscavam após a aula e participavam de eventos comemorativos, começou a procurar na mãe as respostas para as suas dúvidas. Ela conta que entrou em um período de fazer várias perguntas sobre o pai, repetidas vezes, em busca de uma resposta. Após um tempo, ela conseguiu o que queria: “Ele [pai de Daya] soube [da gravidez] e me deu dinheiro para te abortar”, como a participante contou em um dos nossos encontros, acrescentando ainda que a mãe usou o dinheiro dado para pagar a conta de luz da casa. Após isso, Daya conta que reparou no estado da mulher diante das perguntas, visivelmente abalada pela insistência, e desistiu de tocar no assunto com a mãe ao longo dos anos, principalmente depois de adulta, ao entender o que o seu pai representava. Para além do âmbito familiar, Daya conta também que a paternidade impactou de forma geral na sua relação com homens, associando as masculinidades com violência. Ela relata uma situação em que, ao ouvir um barulho na rua e tentar entender do que se tratava, percebeu que era uma situação de agressão de um marido contra a própria mulher. Daya cita o ocorrido para frisar a associação construída em seu imaginário desde criança, generificando a violência. Como consequência, ela aponta a dificuldade em desenvolver laços profundos com homens — em casa, com o irmão, mas também em ambientes de estudo e trabalho.

Já no caso de Júlio, é possível perceber certa conformação com a ausência do pai em sua vida. Ele afirma que nem sempre foi assim: sofria, claro, pelo distanciamento de alguém que mora na mesma casa que ele, apesar de não haver qualquer proximidade entre os dois. No entanto, hoje percebe a situação com certo alívio. Júlio acredita que é só a partir do afastamento

da figura do seu pai que ele teve espaço para questionar a masculinidade como conhecia no âmbito familiar e conhecer outras formas possíveis de ser homem. É interessante mencionar que o nosso interlocutor é um dos organizadores, junto a Henrique, dos encontros do Da Ponte Pra Cá — e conseqüentemente alguém que participou de perto desta pesquisa. A fala de Júlio aponta para um movimento de coletividade, de pensar e construir novos caminhos em torno das masculinidades junto a outras pessoas. Uma espécie de cura por meio da coletividade, retomando a fala de Jota sobre o conto *Florescer*. A participante reflete, a partir da ficção, que a pureza de um ambiente que incentiva a vulnerabilidade e acolhimento, para um homem negro que cresce acostumado a ter aversão por tais características, pode levar a um adoecimento — literal ou metafórico — devido ao atrito entre duas realidades que se imaginam ser opostas: de um lado o homem negro, do outro a possibilidade de acesso à vulnerabilidade. Apesar de ser um processo dolorido e que muitas vezes desperta uma vergonha de si mesmo pela manifestação de algo novo, se isolar pode levar a ainda mais dor. Aceitar o cuidado de outro homem negro, ou permitir a remoção de um espinho simbólico que infeccionou cravado na pele, por mais que pareça uma decisão difícil de ser tomada, a princípio, também pode ser o caminho que leva a um alívio além do imediato.

Um contraponto interessante a esse afastamento é apresentado por Augusto, um homem cis negro, que reflete sobre como a ausência paterna em sua casa o fez buscar o sentimento de validação em outros corpos masculinos, principalmente de forma afetivo-sexual. Ele relata que, em casa, cresceu com a figura paterna de um homem branco, acreditando ser seu pai biológico, algo que só depois de anos, já na sua vida adulta, foi negado por sua mãe. Ao falar sobre o seu envolvimento com outros homens, Augusto destaca que não consegue buscar apenas sexo de forma rápida, considerando-se uma pessoa “emocionada” e que precisa de diálogo e até mesmo certo envolvimento amoroso para conseguir se conectar com a outra pessoa. Trazendo para o debate um tópico conversado em seu processo de acompanhamento terapêutico, ele acredita que o envolvimento emocional e sexual com outros homens é uma forma de encontrar o amor e a validação masculinos que nunca teve em casa, junto ao padrasto.

A dimensão afetivo-sexual dos participantes, assim como das narrativas lidas em conjunto, também aparece nos debates, como a fala de Augusto nos ajuda a perceber. O segundo encontro, inclusive, foi dedicado apenas a esta temática, no qual discutimos a respeito dos contos *Barba e Sabonete*, ainda que a discussão, como já mencionado, sempre extrapole para outros

momentos. Uma nota metodológica que considero importante destacar, aqui, é que o segundo encontro teve uma baixa frequência: foram apenas cinco participantes, incluindo Henrique e Júlio, coordenadores do Da Ponte Pra Cá, e eu, como condutor da pesquisa, junto com mais dois interlocutores: Augusto e Lorenzo. O debate trouxe ótimas discussões, mas todas as pessoas presentes eram homens cis negros; neste contexto, acredito ser necessário de onde partiram as discussões a serem apresentadas a seguir. De modo geral, poucas experiências pessoais foram trazidas à tona, algo que percebo após refletir sobre a conversa como um todo. O encontro durou em torno de 1h20min e discutimos, de forma constante, sobre os contos, os personagens e as situações vividas por eles nas respectivas narrativas; as experiências pessoais que surgem a partir das interações entre os participantes se relacionam mais com falas em torno da representação midiática e a possibilidade de confrontar estereótipos ou confirmá-los, como aprofundaremos a seguir.

Quanto à sexualidade, *Barba* foi o conto mais utilizado para iniciar as discussões. Na história, o protagonista, casado com uma mulher, percebe sentir atração por seu barbeiro, um homem albino, e vive o conflito entre o desejo e o “certo”, considerando o seu matrimônio. Tanto Júlio quanto Augusto concordam que a narrativa tem um tom erótico, quase pornô, ao descrever as sensações do protagonista cada vez que o barbeiro encostava em seu corpo. A história também traz à tona o prazer sexual de Ricardo, personagem principal, junto à sua mulher, Lucinha, que faz de tudo para ter o seu “lenhador” de volta em casa, já que ele parece ausente quando visita a barbearia semanalmente. Os interlocutores, então, propõem também uma possibilidade de observar o conto como uma oportunidade para discutir a bissexualidade. Para Lorenzo, ali há uma clara representação do desejo sexual que Ricardo sente por Russo, seu barbeiro, mas sem deixar de lado o tesão despertado por Lucinha. Para ele, a história fala de um medo do protagonista em lidar com essa nova parte de si — a atração evidente por um homem —, o que aponta também para o acesso à vulnerabilidade de homens negros, como já trabalhamos. O medo do novo, de algo que pode levar a instabilidades e à perda de um lugar reconhecido pela hegemonia, da relação heterossexual, para a possibilidade de uma relação, ainda que casual, entre dois homens. Manter-se no armário, nesta condição de negação da própria sexualidade, poderia ser visto como uma maneira estratégica de se preservar, protegendo-se das consequências negativas que poderiam se seguir após Ricardo terminar o seu casamento, impactando também os seus filhos, para ficar com o homem pelo qual se apaixonou. A

sexualidade pode ser disfarçada, caso o sujeito considere necessário, diferente do pertencimento étnico-racial, marcado nos fenótipos (Sedgwick, 2007; Ziller *et. al*, 2022), no próprio corpo, inscrevendo, ali, um alvo. Para Augusto, o protagonista lida não só com o medo sobre a própria sexualidade, mas também com o olhar de observação da mulher, desviando da pressão exercida por ela sempre que possível — um uso estratégico do armário, novamente. É válido pensar na intersecção entre raça, gênero e sexualidade que a apresentação de Ricardo proporciona: um homem negro que sente atração por outros homens. Para Lucas Veiga (2018), a descoberta da homossexualidade — ou bissexualidade, reforçamos — por homens negros remete a uma negação ao acolhimento e ao cuidado, causando a sensação de viver uma segunda diáspora, assim como àquela vivida por seus antepassados ao serem forçados a sair da África. Dessa forma, em muitos casos, ceder aos padrões sociais e abrir mão de quem se é mostra-se como um caminho viável para continuar sobrevivendo em meio à opressão. Afinal, assumir o desejo e confrontar a norma, no caso de homens negros, costuma resultar em uma rejeição por parte dos outros e em uma contínua afronta à autoestima, conforme apresentado por Veiga.

Para Augusto, ainda, toda a descrição de *Barba* o fez imaginar perfeitamente as relações que estavam se desenvolvendo, ainda que para ele as cenas de Ricardo com a mulher não fossem nada interessantes, esperando pelo desenvolvimento do protagonista junto a Russo. No entanto, isso não acontece conforme o esperado, já que o interesse amoroso de Ricardo, como o conto revela, morre no final. Entre os participantes do debate, foi um consenso a fala sobre o quão abrupta a morte soou, além de despertar certa resignação sobre os finais possíveis para personagens LGBTIQAPN+, questionando a intenção do autor ao propor a associação entre sexualidade e fatalidade. Henrique e Júlio, a partir disso, propõem duas reflexões: a primeira diz de um estilo de escrita adotado por Volp ao longo dos contos, apontando para a sua imprevisibilidade, como já apontado pelos participantes; a morte abrupta, de um personagem que cativa o público, teria uma intenção de surpreender, de quebrar as expectativas. Uma outra proposta levantada diz de uma situacionalidade temporal, já que para eles o período em que o conto se passa pode evidenciar maiores níveis de preconceito quando um homem assumia para si um lugar fora da bolha heterossexual, justificando, de certa forma, a brutalidade da morte de Russo. Augusto, em discordância, só consegue pensar na morte como uma situação vaga e que aponta para um desrespeito à figura do personagem, à sua relevância ao longo da história.

Ao falarem sobre a sexualidade no conto, os participantes destacaram a relevância dos cenários e da ambientação física como fatores importantes para a narrativa. Augusto reflete sobre como as barbearias, em sua concepção, são lugares marcadamente “machos”, enfatizando as normas de gênero que circulam no espaço. Eu concordo com a fala pois também percebo, a partir de experiências em diferentes cidades e estados, em períodos temporais distintos, a sensação de insegurança que o ambiente traz para corpos de homens que não são heterossexuais: entrar em uma barbearia sem falar sobre futebol, bebidas alcoólicas ou experiências sexuais com mulheres parece criar uma separação imediata, uma evidência de não-pertencimento. O conto, ao ser intitulado *Barba* e propor o desenvolvimento de um relacionamento entre dois homens, muito marcado pelo toque físico, no contexto de uma barbearia, parece desafiar o imaginário que circula em torno do espaço — ao mesmo tempo em que inscreve os sujeitos LGBTQIAPN+ em narrativas de morte sem explicação, com base nas falas dos participantes, reiterando as complexidades em torno das representações das masculinidades negras em diálogo com marcadores de sexualidade também. Outro cenário destacado, desta vez por Lorenzo, é o ferro-velho, lugar em que Russo marca um encontro com Ricardo para que o barbeiro possa declarar o que sente — e imagina que o seu cliente também sinta. Ainda que seja explícita a intenção de estar em um lugar isolado, longe dos olhares heteronormativos da barbearia, Lorenzo destaca a necessidade do sigilo buscado por Russo dentro e fora do seu ambiente de trabalho. Tal cuidado — ou medo — parece encontrar justificativa na sua morte, tão vista como abrupta e desnecessária, associada pelos participantes a sua sexualidade: precisava esconder parte de si para continuar vivo, ao mesmo tempo em que corria certos perigos para se manter sincero a esta mesma parte.

Ainda que seja impossível se prestar a entender o que Volp quis demonstrar com a representação de Russo na história, sua presença, enquanto autor, foi acionada pelos participantes como forma de encontrar respostas ou direcionar críticas. Para Júlio, o fato de ser um único homem falando sobre “masculinidades masculinas” torna-se algo muito “homocentrado”, em suas palavras, partindo de um único lugar de experiências para contar as histórias. Augusto, no entanto, percebe um esforço na escrita de Volp em trazer diferentes discussões e perspectivas, sem limitar os personagens a serem diversos e fazer disso sua personalidade, buscando “desconstruir estigmas que recaem sobre eles, mostrando que eles são algo, mas não só aquilo”. As falas, sejam em crítica ou elogio ao autor, parecem apontar para uma preocupação dos

interlocutores não apenas quanto ao que está sendo representado, mas principalmente como isso é feito, se atua na manutenção ou rompe com o imaginário social em torno dos corpos descritos.

Ainda nesse sentido, pensando a construção dos personagens de modo atravessado em diferentes contos, Lorenzo compartilhou a sua percepção de que o autor parece evidenciar a ausência de visibilidade que os protagonistas, todos homens negros, têm por si só. Para ele, parece que estes homens são tão apagados em suas respectivas narrativas que só ganham sentido a partir da interação com outros sujeitos fictícios que detêm certo poder, como é o caso dos homens brancos. Nosso interlocutor baseia a sua fala no conto *Sabonete*, em que o protagonista, Wagner, é um adolescente negro que se vê frustrado por não ter nenhuma experiência sexual. Em meio à frustração, encontra em Fabinho, um garoto de pele clara, a oportunidade para mudar a situação, já que ele é descrito como uma pessoa popular entre as garotas da escola. Ainda que não seja de nosso interesse analisar em profundidade as narrativas de *Homens Pretos (Não) Choram a partir da realidade*<sup>23</sup>, entendendo a literatura de ficção não tem a obrigação de responder diretamente aos apelos sociais, as interações dos participantes nos encontros de leitura — que são, de fato, nosso interesse — revelam uma análise crítica quanto aos atravessamentos sociais dos personagens, como já evidenciado por Lorenzo. Outros participantes tomam para si a questão do gênero para pensar também sobre as mulheres nos contos, como é o caso Henrique, ao percebê-las como figuras que tensionam os protagonistas e fazem com que a narrativa efetivamente se desenvolva. Ele retorna ao conto *Barba* e nos faz pensar no quanto Lucinha, ao se mostrar como uma mulher que preza pelo seu bem-estar sexual e está atenta aos passos do marido, faz com que ele pense sobre a situação que tem em casa e o que pode acontecer caso se entregue ao desejo que sente por Russo; ela não quer, em suas palavras, que Ricardo abandone o lugar hegemônico em que os dois estão situados. Já em *Sabonete*, a personagem feminina, Yara, atua de forma contrária, incentivando o protagonista a repensar o que é ser homem na sociedade patriarcal. Nos encontros, eu questionei se essas mulheres não acabavam sendo colocadas em um lugar de “escada” para os homens negros, reinseridas em um local de educação sobre as masculinidades negras, e as respostas vieram majoritariamente em discordância, como as falas de Augusto e Lorenzo evidenciam: eles citam Yara como uma personagem complexa e independente, além de argumentarem que Lucinha é uma mulher que sabe o que quer e luta pelo

---

<sup>23</sup> Um aprofundamento nas narrativas dos contos, a partir de um olhar interseccional, foi a base de um trabalho apresentado no 33º Encontro Anual da Compós. Para isso, conferir Moura (2024).

seu próprio prazer; ambas são apontadas como personagens fiéis à sua essência. Ainda assim, Yara é, paradoxalmente, descrita como alguém que dá “aulas” sobre masculinidades e feminismo.

Em nosso terceiro encontro, as mulheres também são retomadas na fala de Kauã, na qual ele retoma o conto *Florescer*. Nele, há a presença de uma bicicleta, um personagem inanimado com o qual o protagonista mantém diálogos. Ele a nomeou Luiza, em uma espécie de homenagem e saudosismo a sua ex-esposa, que tem o mesmo nome. Na história, a bicicleta é uma companheira para todas as horas, tratada como a única fonte de contato de Amildo, descrito como um homem solitário e com rancor do seu passado. Esse contexto é importante para dar base à fala de Kauã, que comentou sobre como a personagem, ainda que seja um objeto, recebeu o nome de uma mulher, passando uma mensagem, em sua concepção, de certa busca por controle por parte da masculinidade patriarcal. A transformação da subjetividade feminina em um objeto sem vida seria uma forma de subjugar-las e exercer dominação de forma mais direta. Daya concorda com as pontuações apresentadas por Kauã, enfatizando o seu incômodo ao notar a necessidade de haver uma marcação feminina exatamente ao tratar-se de um objeto. As falas trazem certa crítica à forma como uma figura feminina — com várias considerações — é representada em um conto que trata das masculinidades negras como seu foco, alertando para o fato de que sujeitos socialmente oprimidos podem continuar perpetuando outras formas de opressão. É o que hooks (1994) já vinha alertando há décadas: diversos sujeitos se posicionam veementemente contra determinados tipos de dominação ao mesmo tempo em que fazem parte de algum grupo privilegiado e usufruem do poder que detém, como

homens brancos que levam o sexismo a sério, mas não estão preocupados com o racismo ou vice-versa, homens negros que estão preocupados em acabar com o racismo, mas não querem desafiar o sexismo, mulheres brancas que querem desafiar o sexismo mas se atêm ao racismo, mulheres negras que querem desafiar o racismo e o sexismo mas reivindicam hierarquia de classe (*ibidem*, p. 7, tradução nossa)<sup>24</sup>.

Assim como o posicionamento interseccional rejeita hierarquias de sofrimento, como se uma opressão fosse mais dolorosa que a outra, a revolução cultural, no pensamento de bell hooks, só pode acontecer quando os sujeitos e os grupos reconhecerem os privilégios que têm e se revoltarem contra eles, abrindo mão dos benefícios que usufruíram ao longo do tempo.

---

<sup>24</sup> No original: “white men who take sexism seriously but are not concerned with racism or vice versa, black men who are concerned with ending racism but do not want to challenge sexism, white women who want to challenge sexism but cling to racism, black women who want to challenge racism and sexism but claim class hierarchy”.

Ainda que seja perigoso, nas normas de escrita acadêmica, propor perguntas que não terão espaço para serem respondidas diretamente, um questionamento feito por Henrique em um dos nossos encontros pode motivar boas discussões para os leitores deste trabalho: como podemos construir masculinidades negras sem sermos patriarcais? Adiciono, aqui: é sequer possível pensar nesta separação, considerando o peso que a herança patriarcal, assim como a hegemonia, exerce na sociedade? Em diálogo com as falas sobre as mulheres situadas em um livro sobre masculinidades negras, Henrique questiona também de que lugar vem essa expectativa de que as vozes femininas se disponham sempre a tratar masculinidades, ressoando reflexões anteriores sobre a inserção da mulher em um lugar pedagógico, de educação.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lembro que ainda no primeiro ano do mestrado, quando enfim decidi os rumos da minha pesquisa, passei a ficar mais atento ao que outros estudantes — mestres, doutorandos e doutores — falavam sobre o processo de escrita de suas respectivas dissertações. Uma coisa específica começou a me apavorar: parecia impossível dar conta de fazer uma análise completa do *corpus* escolhido; alguns elementos seriam deixadas de fora por escolha dos pesquisadores, em termos metodológicos, ou poderiam passar despercebidas mesmo a um olhar atento, apesar de acostumado com aquele trabalho. De início, tentei ser diferente, desenvolver estratégias que me dessem a possibilidade de ver *tudo*, encontrar padrões ocultos, criar diversos grupos analíticos, enfim, dar conta de *tudo*. No fim, percebi que eu sou uma pessoa e existem limitações — pessoais e acadêmicas, acadêmico-pessoais — que eu não consigo/não preciso/não quero viver para superar. Por isso, reforço que as análises apresentadas neste trabalho são, sim, limitadas, e poderiam ter sido feitas de diferentes formas, sob inúmeras perspectivas metodológicas, mas as escolhas feitas dizem da minha experiência<sup>25</sup> enquanto leitor, pesquisador, homem negro e alguém que adora ouvir outras pessoas falarem sobre experiências de leitura.

Antes de mergulhar nas palavras de Volp, discorri sobre alguns pontos de partida teóricos aos quais me filio para pensar esta dissertação como um todo. Apresentei um rápido olhar sobre a Negritude a partir dos escritos de Aimé Césaire (2021) e Kabengele Munanga (2020), dois autores que ajudam a explicitar o quão complexa — e, muitas vezes, contraditória — é a experiência de ser uma pessoa negra e reivindicar este pertencimento racial quando as regras sociais parecem punir quem o faz; dialogo um pouco com os textos de Connell (2005), Connell e Messerschmidt (2013) e Kimmel (1998) para pensar as masculinidades, dando destaque para os conceitos de hegemonia e subalternidade a partir de uma vertente de gênero, preparando o terreno para a discussão a seguir: as masculinidades negras, conceito que trabalho junto à interseccionalidade, tema caro a mim.

Finalizei a seção da fundamentação teórica ao refletir sobre a dimensão do poder entranhada nas representações e nos estereótipos, reconhecendo que este termo vai além do que o senso comum costuma atribuir, como se fosse uma negação da realidade e fosse construído em

---

<sup>25</sup> As palavras de Felipe Messias (2023) em sua dissertação, intitulada *O que você vê?: Lentes de raça e de gênero nas descrições de fotografias de pessoas negras*, apontam para um lugar parecido desta reflexão, mostrando-se como um acalanto para os meus momentos de tantas dúvidas.

oposição completa às vivências dos sujeitos — Flávia Biroli (2011) nos mostra que não é bem assim. Stuart Hall (2016) também é um autor importante para este trabalho, já que ele nos faz pensar não apenas sobre as representações, postas como são, mas também sobre as contraestratégias utilizadas por alguns grupos para contestar o imaginário fomentado por tais narrativas. As questões teóricas se relacionam fortemente com a empiria, construída junto aos interlocutores, já que os discursos evidenciam uma tendência dos homens negros a reafirmarem seu pertencimento ao lugar da *secura*, tanto ao falarem de si mesmos quanto das interações com outros sujeitos atravessados pelos mesmos marcadores de gênero e raça. Ainda assim, algumas falas apontam caminhos de uma tentativa de rompimento, de transgressão, ao distanciamento da própria vulnerabilidade, acionando e até mesmo extrapolando a ideia das contraestratégias de Hall (*ibidem*).

A dimensão do coletivo também tem grande relevância para o nosso trabalho, teórica e empiricamente, com a existência, relevância e parceria do Da Ponte Pra Cá. Participei de encontros promovidos pelo grupo e pude perceber o cuidado e a atenção dos organizadores à opinião de todos os presentes, a busca pelo respeito e junto a tudo isso a conduta da conversa para articular as experiências dos interlocutores com um senso crítico da realidade em que vivemos. Existe um movimento coletivo muito forte de construir novos caminhos por meio do diálogo e eu pude observar a quantidade de mãos que estão envolvidas neste processo de educação, auxílio e transformação. Além disso, conversar com os organizadores do projeto também foi fundamental para ver, na prática, o quão difícil é promover a existência de tais iniciativas, já que as estruturas opressivas se manifestam de diferentes formas. Nos encontros voltados para a discussão de *Homens Pretos (Não) Choram*, tivemos um ótimo espaço para discussão, sala cedida pelo Centro de Convivência Negra da UFMG, o que proporcionou ainda mais conforto para as conversas que estavam se desdobrando naquele ambiente.

De início, partimos a nossa investigação tendo como base a seguinte pergunta norteadora: a partir da dupla interação proporcionada pela obra *Homens Pretos (Não) Choram*, do leitor com a narrativa e entre diferentes participantes de um grupo de leitura e discussão, quais sentidos são acionados pelos discursos dos indivíduos em termos de raça, gênero, sexualidade e classe? De forma mais explícita, nos interessava ouvir o que as pessoas tinham a dizer sobre suas próprias experiências com a obra de Volp, evidenciando as relações criadas entre os sujeitos e os contos, em uma esfera individual, mas também observar como os discursos dos interlocutores se

entrelaçavam durante os encontros, seja para concordar ou discordar, proporcionando um momento interacional entre os participantes. A aplicação de encontros junto aos leitores foi interessante para observar como os rumos do diálogo mudam de acordo com os sujeitos presentes: destacamos, por exemplo, que o segundo encontro, focado em dois contos escolhidos para debater sobre relações afetivo-sexuais, contou com uma baixa participação de interlocutores e todos que compareceram eram homens negros cis. Ainda que não seja um fator determinante, foi possível perceber que o encontro trouxe poucas falas sobre as experiências pessoais dos participantes, focando principalmente em aspectos narrativos próprios aos contos. Mas, no geral, ainda que tenhamos estabelecido temáticas para cada um dos encontros — paternidades negras para o primeiro e a dimensão do mercado de trabalho para o terceiro — as falas iam e voltavam, conectando-se para além da limitação conceitual que pensamos inicialmente. Por isso, durante a escrita do trabalho, optamos por buscar agrupamentos temáticos em torno de toda a discussão, sem separar as análises a partir dos encontros em si.

Foi possível perceber, também, que o suporte literário teve grande relevância para a execução dos encontros. As falas dos participantes, em grande parte, foram iniciadas a partir de um trecho, um elogio ou até mesmo crítica em relação aos contos, tomando a ficção como ponto de partida para refletir sobre suas respectivas experiências ou, de forma mais geral, sobre as condições as quais sujeitos negros brasileiros estão submetidos, muitas vezes com entrelaçamentos com outros marcadores sociais, como gênero, classe e sexualidade. Os debates também apontaram para um olhar crítico à representação dos personagens, tecendo críticas à reinserção de alguns deles aos estereótipos vigentes no imaginário social, como é o caso dos personagens LGBTQIAPN+ que têm um fim trágico ou das mulheres reduzidas a uma objetificação literal, transformadas em uma condição material, à parte de suas subjetividades. Ao tratarem das suas experiências, algumas falas enfatizaram as relações dos interlocutores com homens negros, como a obra de Volp permite trabalhar, principalmente a figura do pai preto, mas tratando também de irmãos, avôs, amigos, colegas de trabalho e uma relação consigo mesmo. Os lugares de dor e distanciamento são trabalhados com frequência, apontando também para uma tentativa de fazer diferente, buscar caminhos de transformação e não reproduzir o sofrimento adquirido nessas relações.

Alguns participantes destacaram também o quanto a iniciativa de leitura os fez lembrar o quão proveitosa é a experiência, como pode despertar sentimentos, e isso foi especialmente

animador para mim. Ouvi-los contar sobre o incentivo — ou a falta dele — à leitura, suas obras favoritas e como tudo isso está conectado com questões familiares e de autodescoberta foi interessante por evidenciar a realidade do cenário brasileiro quanto ao acesso de pessoas negras à educação e ao lazer, já que a dimensão do livro como entretenimento também apareceu nas falas dos participantes. Acredito que a literatura de autoria negra, nos termos de Oliveira e Rodrigues (2022), tenha um grande potencial para que possamos pensar sobre a experiência dos sujeitos negros no Brasil. No caso de *Homens Pretos (Não) Choram*, uma obra voltada a discutir as masculinidades, os discursos apreendidos giraram muito em torno do tema, como era pretendido e esperado, por isso outras obras, a depender do escopo, podem mover novas discussões, seja a partir do livro em si, das narrativas apresentadas, ou a partir de uma proposta de diálogo entre a obra e as experiências dos sujeitos. As interações entre os leitores também apontam caminhos interessantes para a pesquisa acadêmica, já que nos dá pistas sobre os pontos de encontro e divergência a partir de temáticas centrais, como família, relações afetivo-sexuais, mercado de trabalho e assim sucessivamente, elencando, aqui, os pilares das nossas discussões em grupo.

Para quem está lendo e tem interesses parecidos com o que propomos nesta pesquisa, sugiro que trabalhos futuros se arrisquem a sair do ambiente acadêmico, dando atenção aos discursos que são produzidos em espaços diversos. As falas registradas aqui são muito valiosas e complexas, mas, devido os encontros terem acontecido na própria UFMG, reconheço que a divulgação, assim como a possibilidade de participação, ficou restrita a corpos e realidades específicas, uma escolha que se deu por sua praticidade e por questões éticas junto ao COEP. Ouvir pessoas mais velhas e/ou que vivam fora dos grandes centros geográficos brasileiros, pensando nos marcadores sociais de idade e geolocalização, pode complexificar ainda mais o debate em torno das masculinidades negras e do acesso ao livro, além da relação com a literatura de ficção.

Espero que este trabalho incentive outros pesquisadores da Comunicação a verem o livro como um suporte midiático válido para suas respectivas pesquisas, algo que já é visto, mas acaba sendo comumente restrito aos estudos da Produção Editorial, a exemplo da dissertação de Rossi (2022), anteriormente citada. O que pode acontecer se mais trabalhos se apropriarem da literatura, da ficção e do próprio mercado editorial a partir de um olhar interseccional também? Torço para descobrir isso, futuramente, junto a outros pesquisadores e pesquisadoras.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

BIROLI, Flávia. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 6, 2011, p. 71 - 98. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/ZfDzKkxRqhx5J9xRqzsbhF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 dez. 2024.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural *In* CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

Brasil; Ministério da Saúde; Universidade de Brasília. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: [https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/obitos\\_suicidio\\_adolescentes\\_negros\\_2012\\_2016.pdf](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf). Acesso em: 15 set. 2024.

BRUST, Fábio Rücker. **A prática da autopublicação**: o papel do autor-editor e as novas possibilidades de publicação. 2014. 75 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Produção Editorial). Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/1983>. Acesso em: 01 maio 2024.

CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. **E-Compós**, v. 24, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3KGaak7>. Acesso em: 11 dez. 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. **Revista de Estudos Feministas**, ano 3, Sem. 2, p. 544-552, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16472>. Acesso em: 13 dez. 2024.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

CÉSAIRE, Aimé. **Textos escolhidos**: a tragédia do rei Christophe; discurso sobre o colonialismo; discurso sobre a negritude. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

COLLINS, Patricia Hills. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>. Acesso em: 13 dez. 2024.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley: University Of California Press, 2005.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC>. Acesso em: 13 dez. 2024.

COSTA, Luane Fernandes; QUEIROZ, Tobias Arruda. MAJUR DOS SANTOS: a gira midiática por meio do Pensamento Negro Radical. **Anais da Compós**, v. 33. Niterói, 2024. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/majur-dos-santos-a-gira-midiatica-por-meio-d-o-pensamento-negro-radical?lang=pt-br>. Acesso em: 09 ago. 2024.

COULOURIS, Daniella Georges. Ideologia, dominação e discurso de gênero: reflexões possíveis sobre a discriminação da vítima em processos judiciais de estupro. **Mneme - Revista de Humanidades**, [S. l.], v. 5, n. 11, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/226>. Acesso em: 08 dez. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics". **University of Chicago Legal Forum**, p. 139-167, 1989.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 26. Brasília, 2005, p. 13-71. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 27 jun. 2024.

DALCASTAGNÈ, Regina. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: alterações e continuidades. **Letras De Hoje**, v. 56, n. 1. Porto Alegre, 2021, p. 109 - 143. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/40429>. Acesso em: 01 maio 2024.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escrivivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiáspórica *In* DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabel Rosado (Org.). **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 74-95.

DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo negro**. São Paulo: Veneta, 2021.

EVARISTO, Conceição. “É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora”. [Entrevista cedida a] Júlia Dias Carneiro. **BBC Brasil**, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>. Acesso em: 24 set. 2024.

FERNANDES, Pablo Moreno; MOURA, Rannyson da Silva. Mercado editorial e interseccionalidade: um olhar sobre as listas de livros mais vendidos entre 2020-2022. **PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM**, v. 7, n. 13. São Paulo, 2023, p. 17-31. Disponível em: <https://revista.fapcom.edu.br/index.php/revista-paulus/article/view/649>. Acesso em: 06 maio 2024.

FERNANDES, Pablo Moreno; PERUZZO, André. Análise semiótica interseccional de masculinidades negras em representações da marca Natura (2018-2020). **Anais da Compós**, v. 33. Niterói, 2024. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/analise-semiotica-interseccional-de-masculinidades-negras-em-representacoes-da-m?lang=pt-br>. Acesso em: 10 dez. 2024.

FRANÇA, Vera Veiga. Discutindo o modelo praxiológico da comunicação: controvérsias e desafios da análise comunicacional *In* FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, Paula. (orgs.). **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2018, p. 89 - 118.

FRANCE JÚNIOR. Literatura reflete desigualdade racial no Brasil. **Jornal da USP**, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/literatura-reflete-desigualdade-racial-no-brasil/>. Acesso em: 22 abr. 2024.

FRANCISCO, Rafael. PARA ALÉM DAS MISE-EN-SCÈNE MIDIÁTICAS: sentidos e reverberações a partir do caso George Floyd como um acontecimento. **Anais da Compós**, v. 32. São Paulo, 2023.

Disponível em:

<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/para-alem-das-mise-en-scene-midiaticas-sentidos-e-reverberacoes-a-partir-do-caso?lang=pt-br>. Acesso em: 04 maio 2024.

FURTADO, Lucianna. **Cantando e escutando amores**: as obras intelectuais de Dona Ivone Lara e de Leci Brandão sobre relações afetivo-sexuais. 2023. 241 f. Tese (Doutorado em Comunicação).

Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/54430>.

Acesso em: 27 jun. 2024.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, Editora Vozes, 2023.

GUIMARÃES CORRÊA, Laura. 'Mães cuidam, pais brincam': metodologia, bastidores e resultados de uma pesquisa sobre publicidade e gênero / Mothers care, fathers play: methodology, backstage and results of a research on advertising and gender. **Revista Contracampo**, 2013, n. 28, p. 136-154. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17512>. Acesso em: 27 jun. 2024.

GUIMARÃES CORRÊA, Laura. Interseccionalidade: um desafio para os estudos culturais na década de 2020 In SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna (orgs.). **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, p. 124-142.

GUIMARÃES CORRÊA, Laura; BERNARDES, Mayra. “Quem tem um não tem nenhum”: solidão e sub-representação de pessoas negras na mídia brasileira In GUIMARÃES CORRÊA, Laura. (org.) **Vozes Negras em Comunicação**: Mídia, Racismos, Resistências. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 203 - 219.

GUIMARÃES CORRÊA, Laura. Four concepts to think from the South. **International Journal of Cultural Studies**, v. 27, n. 2, p. 143 - 154, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/1367877923121839>. Acesso em: 16 jul. 2024.

GUIMARÃES-SILVA, Pâmela. **Mulheres negras escrevíveis**: pacto de resistência contra o dispositivo de racialidade. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2023.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC Rio/Apicuri, 2016.

HOOKS, bell. **Outlaw culture**: resisting representations. New York, London: Routledge, 1994.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: Políticas arrebatadoras. São Paulo: Elefante, 2015.

HOOKS, bell. **A gente é da hora**. São Paulo: Elefante, 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIND, Luciana. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, MG, v. 10, 2004. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/202>. Acesso em: 11 nov. 2024.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, v. 4, n. 9. Porto Alegre, 1998, p. 103-117. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqOSY8JshhFkpgD88W4vz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 dez. 2024.

LOUIS, Édouard. **Quem matou meu pai**. São Paulo: Todavia, 2023.

MAGALHÃES, Liara Oliveira; SANTANA, Jorge Alves. Autopublicação e a amplificação de vozes silenciadas na literatura brasileira contemporânea. **ARTEFACTUM - Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia**, v. 21, n. 1. [S.l], 2022. Disponível em: <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/2094>. Acesso em: 01 maio 2024.

MC LUANNA. **Projeção**. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ei0VXKb63g>. Acesso em: 07 dez. 2024.

MEIRINHO, Daniel; CARRERA, Fernanda. Masculinidades negras nas artes visuais: Performances contemporâneas e suas narrativas de incômodo, fuga e fabulação. **Galáxia**, v. 48, n. 1. São Paulo, 2023, p. 1 - 26. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/63140>. Acesso em 14 maio 2024.

MÉNIL, René. **Tracées: identité, négritude, esthétique aux Antilles**. Paris: Robert Laffont, 1981.

MESSIAS, Felipe. **O QUE VOCÊ VÊ?: Lentes de raça e de gênero nas descrições de fotografias de pessoas negras**. 2023. 198 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/61397>. Acesso em: 03 jan. 2025.

MIRANDA, Júlia de. **Ouvindo umas verdades com bell hooks: o feminismo é para todos**. Editora Elefante, online, 2021. Disponível em: <https://editoraelefante.com.br/ouvindo-umas-verdades-com-bell-hooks-o-feminismo-e-para-todos/?srsltid=AfmBOop8iHMLrIjsEXXJybQjaanaP0oErZalku5KHjYKJCNyCarSIX8md>. Acesso em: 13 jan. 2025.

MOURA, Rannyson da Silva; FERNANDES, Pablo Moreno. A quem interessa manter o padrão vigente: uma reflexão sobre paternidade negra e educação libertadora a partir de uma experiência em sala de aula. **Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belo Horizonte, 2023. Disponível em: [https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link\\_aceite/nacional/11/0816202314205364dd0575b9abc.pdf](https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202314205364dd0575b9abc.pdf). Acesso em: 01 jul. 2024.

MOURA, Rannyson Mykael da Silva. CAMINHOS ALTERNATIVOS OU A MANUTENÇÃO DO QUE JÁ ESTÁ: raça e gênero em Homens Pretos (Não) Choram. **Anais da Compós**, v. 33. Niterói, 2024. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/caminhos-alternativos-ou-a-manutencao-do-que-ja-esta-raca-e-genero-em-homens-pre?lang=pt-br>. Acesso em: 02 jan. 2025.

MOURA, Rannyson Mykael da Silva. **O silenciamento como estratégia do racismo e as consequências sentidas por alunos/as negros/as do curso de Publicidade e Propaganda da UERN**. 2022. 55 f. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. Literatura e identidade *In* RATTIS, Alex (org.). **O negro visto por ele mesmo: ensaios, entrevistas e prosa**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

RACISMO na educação infantil. **Portal Geledés**. 02/11/2008. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/racismo-na-educacao-infantil-por-sueli-carneiro/>. Acesso em: 28 fev. 2024.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de; RODRIGUES, Fabiane Cristine. **Trajatórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira: poesia, conto, romance e não ficção**. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. A cobaia agora é você! Cisgeneridade branca, como conceito e categoria de análise, nos estudos produzidos por travestis e mulheres transexuais. **Caderno Espaço Feminino**, v. 36, n. 1. Uberlândia, 2023, p. 157 - 178. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/69857>. Acesso em: 25 set. 2024.

PAJOLLA, Murilo. Negros são 84% dos resgatados em trabalho análogo à escravidão em 2022. **Brasil de Fato**, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/13/negros-e-pardos-sao-84-dos-resgatados-em-trabalho-analogo-a-escravidao-em-2022>. Acesso em: 28 dez 2024.

PEREIRA, Sílvia Lúcia Duarte; MARTINO, Luís Mauro Sá;. Grupos focais online na pesquisa em comunicação: questões metodológicas iniciais a partir de uma experiência prática. **Comunicação & Informação**, Goiânia, GO, v. 24, 2021. DOI: 10.5216/ci.v24.66657. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/66657>. Acesso em: 10 nov. 2024.

PINHO, Osmundo de Araújo; FIGUEIREDO, Ângela. Idéias fora do lugar e o lugar do negro nas ciências sociais brasileiras. **Estudos Afro-Asiáticos**, ano 24, n. 1, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/KRk35jOPYkWzWK8M8rYfkkB/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2024.

RAMOS, Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes; FAUSTINO, Deivison Mendes. Negro tema, negro vida, negro drama: Estudos sobre masculinidades negras na diáspora. **Revista Transversos**, n. 10. Rio de Janeiro, 2017, p. 163-182. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/29392>. Acesso em: 03 jul. 2024.

RODA VIVA. **Roda Viva | Édouard Louis | 21/10/2024**. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wn7RxTuOq4U&>. Acesso em: 04 jan. 2025.

RODRIGUEZ, Maria Dolores Sosin. **Diáspora, fabulação e forja em coreografias do pensamento**. 265 f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36324>. Acesso em: 28 jun. 2024.

ROSSI, Jean Silveira. “**Antes era só ler, hoje em dia é ler e comentar**”: leituras compartilhadas pela internet nos clubes Leia Mulheres. 209 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal

de Santa Maria, Santa Maria, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/29427>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Modos quilombolas. **PISEAGRAMA**, n. 9. Belo Horizonte: 2016, p. 58-65. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/modos-quilombolas/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SANTOS, Carolina; PASUCH, Leticia. “A literatura negra não é invisível, é invisibilizada”, diz Eliane Marque sobre fala considerada racista durante entrega de prêmio literário. **Correio do Povo**, 2024.

Disponível em:

<https://www.correiodopovo.com.br/arteagenda/a-literatura-negra-n%C3%A3o-%C3%A9-invis%C3%ADvel-%C3%A9-invisibilizada-diz-eliane-marques-sobre-fala-considerada-racista-durante-entrega-de-pr%C3%AAmio-liter%C3%A1rio-1.1563555>. Acesso em: 25 dez. 2024.

SANTOS, Milton. As cidadanias mutiladas *In* LERNER, Julio (Org.). **O preconceito**. São Paulo: Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1996/1997. p. 133-144.

SANTOS, Richard. **Maioria minorizada**: um dispositivo analítico de racialidade. Rio de Janeiro: Telha, 2020.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, v. 28, 2007, p. 19 - 54.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 dez. 2024.

SILVA, Gabriela da Costa. **AUTOR NEGRO, CATÁLOGO BRANCO**: a presença de autores negros no mercado literário brasileiro. 144 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/jspui/handle/10482/48366>. Acesso em: 16 jul. 2024.

SILVA, Renata da; LOPES, Ivonete. MULHER DE FAVELA E ACESSO ÀS TIC: violência territorial e idade como marcadores interseccionais da desconexão. **Anais da Compós**, v. 33. Niterói, 2024.

Disponível em:

<https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/mulher-de-favela-e-acesso-as-tic-violencia-territorial-e-idade-como-marcadores-i?lang=pt-br>. Acesso em: 02 set. 2024.

SIQUEIRA, João Paulo; RAMOS, Rodrigo Maciel. As (re)configurações subjetivas e identitárias de negros na Universidade: Fricções epistêmicas e aquilombamento acadêmico. **Quaderns de Psicologia**, v. 23, n. 3. 2021, p. 1 - 23. Disponível em:

<https://quadernsdepsicologia.cat/article/view/v23-n3-siqueira-ramos>. Acesso em: 08 jul. 2024.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SEM limite de idade: uso excessivo de telas piora saúde mental de diferentes gerações. **Universidade Federal de Minas Gerais**. 2023. Disponível em:

<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/sem-limite-de-idade-uso-excessivo-de-telas-piora-saude-mental-de-diferentes-geracoes>. Acesso em: 14 maio 2024.

SIMÕES, Paula Guimarães. A centralidade da experiência na constituição das representações: contribuições interdisciplinares para o campo da comunicação. **E-Compós**, v. 13. Brasília, 2010, p. 1-17. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/420>. Acesso em: 13 maio 2024.

SOVIK, Liv; BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. O papa negro dos estudos culturais: entrevista de Stuart Hall. **Jornal do Brasil**, Caderno “Idéias”, 2004.

SOVIK, Liv. “Através do olhar da representação”: sobre o estereótipo e a comunicação. **Heterotopias**, v. 3, n. 6, p. 1-27. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/heterotopias/article/view/31839>. Acesso em: 19 dez. 2024.

TENÓRIO, Jeferson. **De onde eles vêm**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

TRAVANCAS, Isabel. A Etnografia no campo da comunicação de massa. **Humanidades**, v. 26, n. 1. Fortaleza, 2011, p. 125-142. Disponível em: <https://agnesufop.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/09/etnografia-no-campo-isabel-travancas.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2024.

TRAVANCAS, Isabel. O livro como produto midiático e os estudos de recepção. **Revista Contracampo**, v. 26, n. 1. Niterói, 2013, p. 87 – 105. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17492>. Acesso em: 08 maio 2024.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Tabuleiro de Letras**, v. 12, n. 1. Salvador, 2018, p. 77-88. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6513170>. Acesso em: 02 jul. 2024.

VOLP, Stefano. Com crônicas sensíveis, Homens pretos (não) choram quebra estereótipos enquanto Stefano Volp fala sobre masculinidade na ficção: ‘Quanto mais vulneráveis somos, mais se identificam’. [Entrevista cedida a] Camilla Millan. **Rolling Stones**, 2021. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/com-cronicas-sensiveis-homens-pretos-nao-choram-quebra-estereotipos-enquanto-stefano-volp-fala-sobre-masculinidade-na-ficcao-quanto-mais-vulneravel-somos-mais-se-identificam-entrevista/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

VOLP, Stefano. **Homens Pretos (Não) Choram**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2022.

ZILLER, Joana *et. al.* O algoritmo anti-interseccional: contribuições do pensamento lésbico para análises em plataformas. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 21, n. 39, 2022. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/801>. Acesso em: 30 dez. 2024.

## APÊNDICE A — RESUMO DOS CONTOS LIDOS<sup>26</sup>

### *Seco*

Heleno, um homem negro e com um passado militar, mora sozinho. Ele tem dois filhos, dois netos e é viúvo. Em casa, passa a ter a impressão de que está sendo perseguido pela morte e é confrontado pelo pensamento de que não lembra a última vez que chorou. Ele tenta recuperar as memórias, entrando em contato com os filhos, e as conversas nos dão pistas sobre a relação que ele teve com sua ex-mulher.

### *Meia-noite*

Uba, apelido de Ubaldo, acorda apreensivo no meio de uma noite importante. Em sua mente, surgem diversas memórias da época da sua infância em que seu pai, com quem compartilha o mesmo nome, o afastava e se recusava a dar carinho, mesmo quando ele insistia. Apesar disso, Uba cresceu tentando ser um homem diferente e um pai melhor, ao lado do seu companheiro, com quem divide a vida.

### *Sabonete*

Wagner é um adolescente que vai para um acampamento organizado por sua escola. Entre as provocações feitas por outros meninos no vestiário, todos descobrem que o protagonista é virgem. Fabinho, o “Terror da Mulherada”, prontamente se dispõe a mudar a situação ao arrumar um encontro com Yara, a Sabonete, conhecida por todos na escola por ser uma garota fácil. No entanto, a interação entre os dois não sai nada como o planejado pelos rapazes.

---

<sup>26</sup> Os resumos foram feitos por mim, com base nas leituras que eu fiz dos contos, para situar o leitor desta dissertação que talvez não conheça a obra. Não existem sinopses oficiais de cada uma das narrativas de *Homens Pretos (Não) Choram*, por isso proponho este apêndice.

### ***Barba***

Ricardo é casado com Lucinha e o casal tem filhos. Ele passa a perceber que está se sentindo atraído por Russo, o seu barbeiro, e passa a visitar o estabelecimento semanalmente, causando certo estranhamento na esposa que, além de ver que a barba do marido não está crescendo, também reclama da sua ausência sexual. Ricardo entra em uma espiral de conflitos ao reconhecer que se sente atraído por sua mulher, ao mesmo tempo em que o toque de Russo lhe causa arrepios.

### ***Florescer***

Amildo vive sozinho e sua companhia mais próxima é Luiza, sua bicicleta, nomeada em homenagem a sua ex-esposa. Ele tem um filho, mas demonstra não ser próximo ao garoto. No conto, ele sai em busca de um emprego como entregador de flores, mas é contratado como assistente de jardinagem do Seu Rosa, proprietário da floricultura. Durante o processo de trabalho, Amildo passa a detestar o seu chefe e acaba se machucando de uma forma que apenas Seu Rosa pode ajudar.

### ***Bilola***

Além de ser o título do conto, Bilola é também o nome do protagonista desta história. Ele vende poesia no metrô e é continuamente ignorado pelas pessoas até que Carlos, um homem branco, se dispõe a conversar com ele sobre sonhos e problemas, oferecendo uma solução rápida e eficaz para que Bilola resolva suas grandes questões consigo mesmo. Para isso, ele deve estar disposto a se tornar um totem, abdicando da liberdade sobre si.

## APÊNDICE B — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar, de forma voluntária e anônima, da pesquisa **Experiência literária compartilhada: sentidos acionados pelas interações na discussão de *Homens Pretos (Não) Choram***.

O trabalho tem como objetivo principal analisar as interações dos participantes de três encontros de leituras coletivas a respeito do livro *Homens Pretos (Não) Choram* e entender o que elas dizem da sociedade brasileira em termos de raça, gênero, sexualidade e classe

Para isso, serão feitos encontros presenciais junto ao coletivo Da Ponte Pra Cá para coletar relatos de todos os leitores, **desde que sejam maiores de 18 anos**, que leram o livro e desejem participar da discussão em grupo.

Para evitar que informações importantes sejam perdidas ao longo das conversas, **solicitamos permissão para gravar os encontros** por meio do celular de um dos pesquisadores, utilizando o recurso de gravação de voz. O mesmo será usado apenas para auxiliar na organização das falas dos participantes, garantindo que elas estejam em concordância com o que foi dito presencialmente.

Caso autorize o uso dos dados coletados nos encontros, eles **serão tratados com sigilo** pelos pesquisadores envolvidos e **serão utilizados apenas nesta pesquisa e em textos que visem à divulgação de seus processos e resultados**, como artigos científicos e apresentação em eventos acadêmicos. Dessa forma, há a garantia do anonimato das pessoas participantes. De acordo com a CNS 466/2012, deve ser garantido o sigilo. **Os dados obtidos durante a pesquisa são confidenciais e não serão usados para outros fins.**

Rannyson Mykael da Silva Moura

**Pesquisador responsável**

**Participante de pesquisa**

O material coletado ao longo dos encontros por meio da gravação de voz será utilizado apenas como base para transcrição das falas e será destruído logo em seguida. Os arquivos em texto ficarão arquivados com os pesquisadores responsáveis por, **no máximo, 5 (cinco) anos**, em computador pessoal (ou outro dispositivo equivalente), e em nuvem. **Após este período, os dados serão destruídos.**

Nenhuma informação que permita identificar pessoas que participem dos encontros presenciais será disponibilizada nesta pesquisa e em textos que resultem dela. Ou seja, **todos os relatos serão anônimos.**

A participação neste estudo envolve o seguinte risco, de mínima e/ou baixa intensidade: embaraço, constrangimento e/ou desconforto devido à natureza das perguntas. Para minimizar esses riscos, é garantida a sua liberdade para encerrar sua participação a qualquer momento, basta solicitar que tais falas não sejam utilizadas na pesquisa. **Você poderá deixar o espaço ou desistir da participação sem qualquer penalidade.**

Os relatos serão coletados diretamente nos encontros, funcionando de acordo com as ritualidades do Da Ponte Pra Cá. **O tempo médio para cada reunião é de 1h30**, considerando o tempo de fala dos participantes, assim como a mediação de um responsável.

**Você não terá qualquer tipo de despesa e não receberá qualquer tipo de remuneração para participar desta pesquisa.** A sua participação contribuirá para ao campo da Comunicação Social, no âmbito dos estudos de Processos Comunicativos e Práticas Sociais, de forma a proporcionar um maior conhecimento sobre representações raciais e de gênero, principalmente, bem como possíveis formas de enfrentamento.

Rannyson Mykael da Silva Moura

---

**Pesquisador responsável**

---

**Participante de pesquisa**

É garantido, em qualquer etapa, o acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. **Sua identidade será tratada com padrões profissionais de sigilo, atendendo à legislação brasileira (Resoluções nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.**

Se você preferir não participar da pesquisa, basta sinalizar a algum responsável, tanto o pesquisador presente no encontro quanto o mediador do grupo. **Nenhuma informação será coletada sem o seu consentimento e a sua desistência não acarretará qualquer prejuízo e/ou dano.** Você também pode retirar o presente consentimento em qualquer fase da pesquisa sem nenhuma penalização.

Em casos de danos provenientes da pesquisa, **você poderá buscar indenização** nos termos da resolução nº 466/12. Esta será feita por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa, assegurando a responsabilidade com o bem-estar das pessoas participantes.

**Garantimos a emissão de uma via deste documento para o participante de pesquisa,** assinada pelo participante de pesquisa e pelo pesquisador, rubricada em todas as páginas por ambos.

Em caso de dúvidas de aspecto ético, você pode entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG:**

Av. Presidente Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Telefone: (031) 3409-4592 Horário de atendimento: das 09h às 11h / das 14h às 16h.

*Rannysen Mykael da Silva Moura*

---

**Pesquisador responsável**

---

**Participante de pesquisa**

**Termo De Consentimento Livre e Esclarecido**

- Obtive as informações claras e precisas referentes à pesquisa, bem como os meios de solicitar informações adicionais.
- Sei que posso solicitar outras informações e desistir da minha participação a qualquer momento.
- Concordo que minhas falas sejam gravadas ao longo do encontro do clube de leitura.
- Concordo que minhas falas sejam utilizadas nesta pesquisa e em pesquisas posteriores relacionadas a ela, desde que mantido sigilo sobre a minha identidade.
- Concordo em participar desta pesquisa.
- Declaro ter 18 anos ou mais.

**Caso tenha dúvidas adicionais, você poderá solicitar outras informações através do e-mail [rannyson.m@gmail.com](mailto:rannyson.m@gmail.com), antes ou após os encontros dos clubes de leitura.**

*Rannyson Mykael da Silva Maura*

---

**Pesquisador responsável**

---

**Participante de pesquisa**

Belo Horizonte, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

## ANEXO A — PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Experiência literária compartilhada: sentidos acionados pelas interações na discussão de Homens Pretos (Não) Choram

**Pesquisador:** LAURA GUIMARAES CORREA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 79674124.8.0000.5149

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Minas Gerais

**Patrocinador Principal:** SITAWI

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.908.076

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de dissertação que propõe investigar quais discursos estão em circulação entre participantes de dois clubes de leitura presenciais, sediados na cidade de Belo Horizonte, em termos de raça, gênero, sexualidade e classe, tendo como base teórica a interseccionalidade aliada ao campo da Comunicação. Será utilizado o livro Homens Pretos (Não) Choram, de Stefano Volp, como um dispositivo interacional capaz de viabilizar uma dupla interação do leitor com as narrativas e entre leitores em seus respectivos clubes de leitura. A partir disso, a proposta metodológica do projeto é

centrada em dois encontros promovidos para ler e discutir os que integram o livro, sendo estes protagonizados por homens negros em contextos diversos. Pretende-se que a discussão faça parte da programação dos clubes de leitura, servindo como um incentivo para reunir os participantes regulares de ambos os espaços. Pretende-se entender quais sentidos estão em circulação, atentando-se aos marcadores especificados.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral:

Analisar as interações dos participantes de dois clubes de leitura a respeito do livro Homens Pretos (Não) Choram e entender o que elas dizem da sociedade brasileira em termos de raça, gênero, sexualidade e classe.

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 6.908.076

**Objetivos específicos:**

- 1, Refletir acerca dos processos comunicacionais em clubes de leitura e as práticas sociais que se constroem nesses espaços;
2. Caracterizar o livro, Homens Pretos (Não) Choram, e o autor, Stefano Volp, a partir de uma perspectiva interseccional e dos Estudos Culturais;
3. Compreender o consumo da literatura em grupos de leitura como um processo comunicativo e suas respectivas práticas sociais específicas;
4. Observar os contos e as ilustrações escolhidos para análise a partir do conceito de representatividade;
5. Investigar as representações das figuras masculinas e femininas nos contos de Homens Pretos (Não) Choram e as percepções sobre elas nos discursos dos indivíduos participantes.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Os riscos descritos são embaraço e/ou constrangimento devido à presença do pesquisador em meio a falas que perpassam questões sociais, como raça, gênero e sexualidade.

**Benefícios:**

O trabalho contribui para a produção de conhecimentos sobre os processos de produção de sentido no âmbito da Comunicação Social, de modo a explicitar questões sobre como as desigualdades, marcadas por questões de raça, gênero, sexualidade e raça, atravessam tais processos. Com isso, é possível entender melhor as complexidades dos processos comunicativos na sociedade

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto bom, aprovado em sua unidade acadêmica. No que tange à ética em pesquisa com seres humanos, o projeto é claro na descrição dos procedimentos metodológicos e nas formas de mitigar qualquer prejuízo ao participante.

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 6.908.076

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados:

- Formulário de informações básicas;
- Folha de rosto assinada;
- Parecer de aprovação na unidade acadêmica;
- Projeto completo;
- TCLE.

**Recomendações:**

Inserir no TCLE que o participante poderá pedir indenização nos termos da lei caso julgue ter sido prejudicado devido à sua participação na pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Na confiança de que a recomendação quanto ao TCLE será atendida, s.m.j., considero o projeto aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2316754.pdf	07/05/2024 21:56:56		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2316754.pdf	30/04/2024 10:02:18		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	30/04/2024 10:01:58	Rannyson Mykael da Silva Moura	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE.pdf	30/04/2024 10:01:58	Rannyson Mykael da Silva Moura	Postado

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 6.908.076

Ausência	TCLE.pdf	30/04/2024 10:01:58	Rannyson Mykael da Silva Moura	Postado
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2316754.pdf	22/04/2024 12:05:38		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao.pdf	22/04/2024 12:05:12	Rannyson Mykael da Silva Moura	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao.pdf	22/04/2024 12:05:12	Rannyson Mykael da Silva Moura	Postado
Parecer Anterior	Parecer.pdf	22/04/2024 12:03:43	Rannyson Mykael da Silva Moura	Aceito
Parecer Anterior	Parecer.pdf	22/04/2024 12:03:43	Rannyson Mykael da Silva Moura	Postado
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Anuencia.pdf	07/04/2024 14:52:18	Rannyson Mykael da Silva Moura	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Anuencia.pdf	07/04/2024 14:52:18	Rannyson Mykael da Silva Moura	Postado
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	07/04/2024 14:29:34	Rannyson Mykael da Silva Moura	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	07/04/2024 14:29:34	Rannyson Mykael da Silva Moura	Postado
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	07/04/2024 14:28:14	Rannyson Mykael da Silva Moura	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	07/04/2024 14:28:14	Rannyson Mykael da Silva Moura	Postado

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BELO HORIZONTE, 25 de Junho de 2024

Assinado por:  
**Corinne Davis Rodrigues**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br